JOAQUIM MADUREIRA
(Braz Burity)

31761 06561574 2

CARAS AMIGAS

(GENTE LIMPA)

13 illustrações de Christiano de Carvalho

* Manuel d'Arriaga — Antonio José d'Almeida — Dr. Azevedo e Silva — Bazilio Telles — Magalhães Lima — Quim Martins — Antonio Augusto Gonçalves — João José de Freitas — Dr. Santos Farinha — João de Freitas Branco — Dr. Eduardo Alves de Sá — Alves Correia — Leão d'Oliveira.

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
JOSÉ BASTOS & C.ª
73, RUA GARRETT, 75

BRIEF
DPB
00 36391

CARAS AMIGAS

GENTE LIMPA

EDITORES JOSÉ BASTOS & C.ª — COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NA TYPOGRAPHIA DA ANTIGA CASA BERTRAND — — RUA DA ALEGRIA, 100 — LISBOA —

DO AUCTOR:

Á GANDAIA – Coimbra, 1893 (Esgotado).
INSOLENCIAS (1.ª e 2.ª serie) – Coimbra, 1894 (Esgotado).
UM PROCESSO DE IMPRENSA – Lisboa, 1897 (Apprehendido pela policia).
IMPRESSÕES DE THEATRO – 1 vol. ill. – Lisboa, *Ferreira & Oliveira,* 1905.
ITALIA VITALIANI – 1 plaquette ill. – Lisboa, *Ferreira & Oliveira,* 1905 (Esgotado).

No prelo:

Caras estanhadas – Gente da Arcada.
Caras pintadas – Gente do theatro.

A seguir:

Caras conhecidas – Gente celebre.
Caras lavadas – Gente de casa e gente de fóra.

Mumias – Gente antiga.
Valla commum – Gente rota.

A HOLLANDA DA NOSSA TERRA.
BRITA E CASCALHO.
IMPRESSÕES DE THEATRO (2.ª serie).

Historia do theatro portuguez:

1.º vol. – MESTRE GIL E OS AUTOS.
2.º „ – O JUDEU E O CORDEL.
3.º „ – GARRETT E OS ROMANTICOS.
4.º „ – A PENURIA CONTEMPORANEA.

JOAQUIM MADUREIRA
(Braz Burity)

CARAS AMIGAS

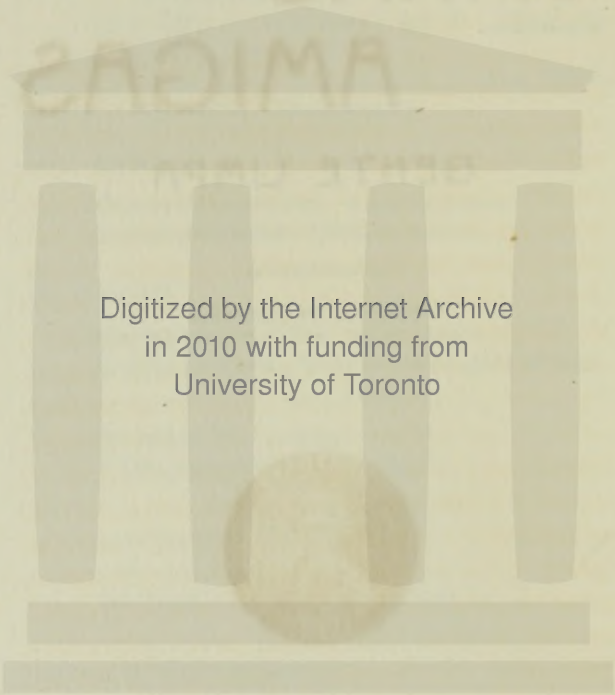
GENTE LIMPA

13 ILLUSTRAÇÕES DE

Christiano de Carvalho

LISBOA • ANTIGA CASA BERTRAND
JOSÉ BASTOS & C.ª, EDITORES
73, RUA GARRETT, 75

391



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/carasamigasgente00buri

Caras amigas?!...

Pois que duvida... Temperamentos differentes, incongeneres e avêssos uns aos outros; heterogeneos e antagonicos pelas crenças, pelas idéas, pelas profissões, pelos gostos, pelas edades, pelos feitios, pelas aptidões, pelos credos e pelas côres;—jornalistas, medicos, parlamentares, jurisconsultos, publicistas, criticos, padres e advogados; novos de sangue na guelra ou velhos de pés p'r'á cova; uns, doutores de capello e borla, outros, bachareis sem borla nem capello; vermelhos-rubros, vermelhos-pardos ou simplesmente vermelhos; uns, incolores como a agua ou azues e vermelhos como os realistas, outros; sanguineos e lymphaticos, calmos e arrebatados, crentes e scepticos, gordos e magros, altos e baixos, celebres e desconhecidos, mortos e vivos; transmontanos e algarvios, beirões e extremenhos, minhotos e ilheus, tripeiros e alfacinhas; uns do norte, outros do sul, uns aldeanos, outros citadinos, mas todos portuguezes e portuguezinhos valentes, d'aquem e d'alem mar, de antes quebrar que torcer, de um só rosto e uma só fé... o que a todos irmaneja e a todos confunde, o que a

todos assemelha e a todos identifica é, exactamente, que, portuguezes todos, p'ra este bom povo portuguez, todos elles, como p'ra mim, são, pelos seus feitos e pelas suas palavras, mais ainda pelos caracteres do que pelas physionomias, Caras amigas... Caras amigas *que todos nós, portuguezes, encarnados ou azues, conservadores ou jacobinos, todos nós, antes de os trazer na retina, como n'um album de familia, já de ha muito e por instincto, como n'um sacrario de affecto, os traziamos no coração...*

Gente limpa?!...

Já se deixa vêr... Limpa de alma e limpa de corpo, limpa de mãos, limpa nas obras e de consciencia tão limpa, tão cascabulhadinha e asseada, tão desenxovalhada e lavadita, que, p'r'á duzia não ser escassa e chegar á duzia-de-frades, tendo sido mister pôr em contribuição a valla-commum, não houve, comtudo, necessidade de recorrer aos cadastros da Boa-Hora p'ra tracejar os esboços moraes d'esses treze homens, que tendo treze nomes, treze cabeças, treze caracteres, treze individualidades, nem um só tem alcunha, nem um só tem chronica, n'este rincãosito soalheiro

e abençoado, em que o mais generalisado processo p'ra sahir do anonymato é a gasua e em que o estado civil dos varões illustres é feito nas partes da policia...

Gente limpa?!...

Limpa toda pela honestidade, limpa toda pelo talento, toda limpa pelo caracter, e, pelos seus feitos, toda tão limpa, que podeis, camaradas, folhear o volume, sem temor de a meio da leitura o lenço vos faltar ou o relogio vos ter desapparecido — que isto de entrar uma pessoa no convivio de treze contemporaneos, sem aperrar o bacamarte, pelos tempos que vão correndo, é audaciosa temeridade só perdoavel em quem não tenha que perder ou se sinta com o arcabouço p'ra a todos treze embaír...

Mas sendo elles gente limpa, sendo de Caras amigas *o livro, serão os treze artiguêlhos que o livro encerra, treze estudos biographicos, ou, pelo menos, treze panegyricos, treze perfis?...*

Eu lhes digo...

Nem Tacito nem Plutarco veem á barra a reclamar direitos de auctor, no apitar formidando de quem se sente plagiado.

Descansem...

Folhas soltas, folhas dispersas, folhas cahídas, resequidas folhas, umas já velhas de muitos annos, outras inda frescas de poucos dias, já esquecidas umas em jornaes antigos, mal arrumadas outras nos canhenhos da semana passa, todas ellas traduzem, apenas, no seu desalinho, na sua rudeza, no descolorido deslei.rado da sua prosodia, na tosca dureza da sua plasticidade, o enthusiasmo, o respeito, ás vezes a saudade e sempre a sincera sympathia, com que, vida fóra, se tem descoberto e se vae descobrindo, ante o talento e ante a honradez, diante de uma convicção forte, de um passado honesto, de uma vida sem mancha, de uma obra sem macula, quem, pelos modos, té hoje, só destacar se fizera por atirar pedras e irreverencias aos telhados dos seus visinhos...

Perfis?!...

Longe d'isso... Se os perfilados té serão capazes de se não reconhecer, de vir com protestos e reclamações — uns, ainda achando pouco, algo demais, achando outros..

Mas isso que importa, se assim os conheci eu — hoje um, amanhã outro — atravez da

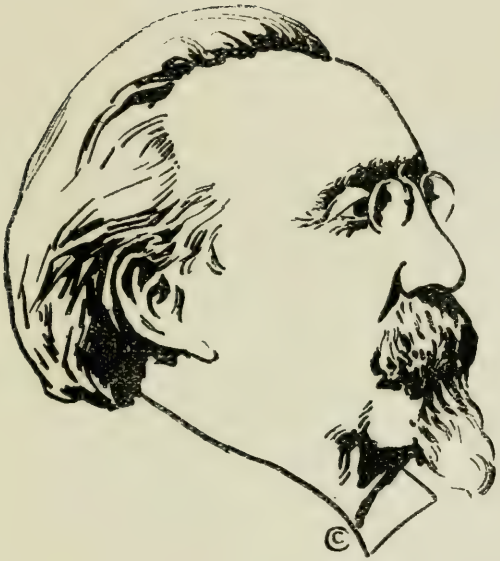
minha affectividade e das minhas impressões de momento, se assim elles me sahiram, Caras amigas, *perfeitos ou deformados — em emmentas e corrigendas ao Creador — quando a consciencia me disse ou o coração me impoz que lhes apegasse ás caudas estes rebotalhos de justiça, de homenagem e de consagração?...*

Nem paginas de critica, nem genuflexões de lisonja...

Nem dos mortos herdeiro, nem com requerimento á bica no despacho dos vivos...

Cabeçalho, taboleta de uma serie de volumes de inquerito e de estudo ás cerebrações contemporaneas, portico florido a um casaréo de entulho, deixem que nas Caras amigas, *o coração se retempere e a alma se alegre n'um parenthesis de applauso, de illusões talvez,— quem sabe se de miragens? — á trovoada de apupos e e de assobios, com que é natural se venha etiquetar, d'aqui a tempos, a compacta maioria das illustres celebridades nacionaes — museu Grevin de bilhostres, Madame Tussaud de cabotinos e certamem pecuario de mariolões.*

MANUEL DE ARRIAGA



FARTISSIMO e corrido se anda n'este mundo de embustes e miragens, de fachadas e apparencias, de vêr caras e não vêr corações — que, n'isto de homens celebres, quasí tanto como com as mulheres bonitas, adregam ser, as mais das vezes, as linhas exteriores, os traços physionomicos, como os letreiros das locandas, por fóra cordas de viola, por dentro pão bolorento, armadilhas em que a gente deixa, com as pennas da desillusão, o melhor dos seus affectos e das suas admirações.

Fálho e desmentido pela natureza o typo modelar e unico, lombrosiano e theorico, do homem-fera e inda por crear, fóra do cathecismo, a veronica do homem-deus, e, antes pelo contrario, fundidas, no banalismo corrente do toda-a-gente, as caras de ladrão, mascaras truculentas, rostos patibulares, facies de cretinos, rictus de salafrarios, encadernam a cada canto, em figuras repulsivas — como as do Gorki ou do Verlaine — cerebrisações de escolha, de uma potencia extranha ou de uma virtude rara. E, ao

invez, a imagem candida, lilial, toda espirito e toda pura, de uma Virgem de Botticelli não raro cancanisa, em piruetas de deboche e luxuria, sob as rendas caras e sob os bandós negros das Merodes, na exploração profissional e aphrodisiaca das senilidades frecheiras dos Cleopoldos, que — sem ir mais longe — na alvura veneranda das suas barbas, mais parecem velhos prophetas biblicos, todos austeridade e puritanismo, olheiros da Moral e beleguins da Decencia, que *vieux-marcheurs,* tropegos e gágás, descidos dos thronos a farandolar, nas torpezas dos lupanares, recordações vagas ou resurreições ephemeras de cios passados e extinctos, mortos e enterrados... que Deus tem e o Diabo simula conservar.

E assim, pela Vida fora, mãe natura, em mystificações constantes, hillares e grotescas, vae espargindo, á lufa, o ridiculo da mascarada humana em folhas soltas, esquissos avulsos, fasciculos truncados, de embaír a todo instante o olho balzacquiano dos mais acutos physionomistas: — testa ampla, olhos vivos, nariz aduncо, labios finos de commissuras ironicas, que dirieis, camaradas, estar vendo um medalhão de Erasmo e surde-vos, na lombada do *Elogio da loucura,* o *Diario* e o *Razão* de Ignacio & Burromeu, com seccos e molhados na rua dos Fanqueiros; — e, quando nas linhas frouxas, inexpressivas e charras de uma cabeça de vitella á porta de um talho, topaes, quando muito, a re-

miniscencia escanhoada e escorropicha-galhetas de um rato de sachristia, a Realidade desbarreta-vos ante esse legendario e portentoso Edison — Jupiter tonante do Electricismo, que não só maneja e brande o raio, como o seu mythologico antecessor do *Manual Encyclopedico,* mas o domestica, disciplina, humanisa e industrialeia, dando-lhe voz e figura humana — fazendo-o transmittir, atravez do espaço e do tempo, nos fios dos seus apparelhos, a palavra do homem e a imagem das coisas.

Caracterisações imprevistas e bizarras do Destino que já na palheta de Ribera maquilhavam em salteadores os mirificos e bonissimos ascetas do *Flos Sanctorum* e que, ainda hoje, á porta da Monaco, encarnam na bondade sarcastica e na honestidade bohemia do Gualdino uma reedição alfacinha do D. Quixote — pernalta e esgrouviado — ellas baralham, ennovelam, ennastram e emaranham temperamentos e caracteres, profissões e classes, cadastros e biographias, nomes e alcunhas, philantropos e melcatrefes, heroes e bandidos, em semelhanças que confundem ou em despropositos que encanzinam.

... É o caso d'aquelle aficionado de touros que, vendo-o passar na rua, se foi a contratar p'ra uma bezerrada Antonio Candido — o bico d'oiro! — no mesmo dia em que um correio do Ministerio do Reino queria, á viva força, que Theodoro Gonçalves — o capinha — não

faltasse ao Conselho de Estado e o caso, ainda mais estranho e picaro, do provinciano, que, pretendendo homenagear de viva voz Theophilo Braga e indo procural-o á Academia, quasi o espancava, por o amanuensezito, fuinha e surrelfa, que o nosso homem abordara p'ra ir lá dentro annuncial-o ao Mestre, teimar e insistir em ser, de carne e osso, em cabedal e erudição, o proprio auctor da *Epopea da Humanidade* e da *Historia da Litteratura Portugueza*—aventura estupenda que ao miolo do da provincia ia dando volta, se, relatando-a á noite, no Martinho e andando ao outro dia a roda, querendo habilitar-se antes de se ir p'r'ó comboio, não epilogasse elle suas desditas, abeirando-se successivamente de Brito Camacho — director da *Lucta* — e do professor Custodio Cabeça — da Escola Medica — p'ra que lhe vendessem um vigessimo — indo-se, por fim, p'r'á sua terra, muito convencido que os cautelleiros de Lisboa, longe de massacrar os freguezes p'ra lhes impingir o jogo, respondem aos que lh'o pedem, fallando a lingua de Gil Vicente com a eloquencia scatalogica de Cambronne.

E assim — fallando sério — fóra das profissões em que o disfarce, a dissimulação e o aniquilamento da propria individualidade é como que da ferramenta do officio — homens do theatro e do altar — e em que, por isso mesmo, mais a nu e a descoberto lhes ficam — com a corôa de uns e o cartazear dos outros — os stygmas

da profissão, n'este struggle constante em que todos andamos empenhados em impingir ao proximo, gato por lebre, de se parecer o que se não é e de se ser exactamente o que se não parece, n'este desaforo de arrivismo em que todos, mais ou menos, teem no passado uma corrente de latão e em que, com desdem e com desconfiança, se olham as correntes d'oiro dos visinhos, n'esta epoca dubia e furta-cores em que os brilhantes são Beras e os proprios poetas negros nos retratos do Columbano parecem cretinos brancos — cada vez se torna mais raro um homem como o Dr. Manuel de Arriaga.

Elle é o que apparenta e se mostra e, apenas visto uma vez, nunca mais esquece, como a encarnação augusta e suprema, perfeita e nobre, completa e absoluta de um homem de bem, de um homem de talento, de um homem de convicções e de um homem de coração — orador, apostolo e poeta — patriarcha da republica pelos seus cabellos que, quando louros, já tinham a patina e a respeitabilidade dos cabellos brancos, fidalgo da democracia pelos seus pergaminhos e pela sua educação gentilhomesca, que o mantem, heraldico e aristocratico, nos seus tacões vermelhos de homem de sala, mesmo quando, perdido entre a arraya miuda, entre a multidão da plebe que o aclama, elle é a expressão eloquente e altiva, indomavel e forte, dos homens da rua.

Arriaga, em politica e em casa, na tribuna e no

foro, como homem e como cidadão, como orador e como poeta, é o que é — e é o que parece.

Não engana, não illude, não desnorteia: pelas janellas rasgadas do seu olhar penetra-se na amplidão bondosa do seu peito e vendo-se-lhe a cara franca, aberta, intelligente e insinuante, com a juba leonina a cobrir-lhe, em flocos de neve, a fornalha candente do craneo, vê-se-lhe a bondosa generosidade do coração—em que um sentimento ruim jamais se aninhou e em que se abriga e germina, em florescencias de bondade e de ternura, um grande amor, um amor infinito pelos seus semelhantes, pela Humanidade, pelos fracos, pelos humildes, pelos rôtos, pelos famintos, por todos os que soffrem e por todos os que choram, pelos que teem fome e sêde de justiça, pelos que luctam por uma idea ou morrem por um boccado de pão.

*

* *

Se quizerem, camaradas, concordo, p'ra lhes ser agradavel, vir já um pouco anachronica, antiquada e fóra da moda essa extranha e platonica paixão, que, resaltando, á primeira vista e a olho nu, da expressão candida e bondosa de Arriaga e radicando-se, em vincos indeleveis, em todos os seus actos e em todas as suas obras, nos seus discursos como nos seus versos, é o traço dominante, caracteristico e inconfundivel da sua individualidade.

Mas Arriaga, sendo de uma peça só, de um só bloco do rijo e alabastrino marmore em que o romantismo talhou todo esse grupo de rebeldes, que, nas barricadas de 1848 e nos phalansterios saint-simonianos, procuraram as bases utopicas da felicidade universal e que, com Luiz Blanc, Proudhon, Bazard, Leroux, Fourier, Reynaud, Cabet, Eugenio Sue, Barbés, Raspail e Blanqui, constituem, como que o baixo relevo da insurreição e da lucta pela Liberdade e pelo Direito, que o genio de Hugo illumina e que o «2 de dezembro» não conseguio enlamear; Arriaga, vindo pela edade e pelo espirito, d'essa epoca de egualitarismos e fraternidades, de democracias e reivindicações populares, em que té os padres, como Lamennais, Enfantin e Lacordaire, sentiam, por baixo da sotaina, a brotoeja revolucionaria e humanitaria, Arriaga, é do seu tempo, da sua escola, da sua geração: a grenha revôlta, a pêra rebelde, a testa ampla, o gesto largo, a palavra florida — e um chale-manta ás costas.

É do seu tempo: — nasceu a 8 de junho de 1840. Educou-se e fez-se homem em pleno romantismo. Impregnou-se do idealismo neo-christão, do republicanismo socialista, que, só mais tarde, Augusto Comte veiu positivar em systematisações concretas, em realidades praticas, palpaveis, tangiveis e videiras — n'uma hydrotherapia de banhos frios de materialidade, sobre as cabeças esquentadas de tanto sonho generoso, de

tanta utopia sentimental — as coisas são o que são e contra os factos não ha argumentos.

E é da sua raça: — Arriaga nasceu fidalgo. Fidalgo por linhagem, nobre pelo sangue, aristocrata por educação, a democracia atrahiu-o, dominou-o, conquistou-o, da mesma forma e ao mesmo tempo, que, em França, conquistara, dominara e atrahira outro fidalgo de linhagem, outro nobre pelo sangue, outro aristocrata por educação — o Marquez de Rochefort-Luçay — o Rochefort da *Lanterna* — que foi o idolo de umas poucas de gerações, o symbolo e o espirito da rebellião, que hoje seria a reliquia da França revolucionaria, se a ultima campanha dreyfusista, depois da aventura boulangeira, não o houvera feito cahir na degradação aviltante, derouledesca e patriotarreca que Bataille, talvez involuntariamente, theatralisou na *Griffe* — esfregão humano nas garras d'uma tronga.

Restricto em Portugal, por esses tempos, o culto das ideias democraticas a meia duzia de espiritos desempoeirados e intelligentes, avidos de luz e sequiosos de justiça, a democracia, estou ter-se infiltrado nas convicções juvenis de Arriaga por uma paradoxal necessidade de não pensar como toda a gente, de se distinguir da turba multa que o rodeava, estupida e arteira, fazendo do liberalismo azul e branco um modo de vida e achincalhando o passado como patrão que já não distribue codeas — e, assim, a democracia foi, p'ra Arriaga, a for-

mula aristocratica, cavalheirosa e romanesca de renunciar fidalgamente a um lucro certo por um ideal duvidoso.

Se desde então não fosse republicano — se a corrente litteraria do tempo o não tivesse arrastado p'r'á Democracia — teria sido legitimista e D. Miguel, sem a forca, sem o cacete, sem o quero-posso-e-mando, que repugnavam á delicadeza e á sensibilidade de Arriaga, tanto ou mais que á sua intelligencía, tel-o-ia captivado e seduzido, romanticamente, como vencido, exilado e proscrito, rei sem reino, patriota sem patria, principe sem côrte, espoliado nos seus direitos, pittoresco nos seus desmandos, altivo no seu infortunio, abandonado pelo povo que chegou a adoral-o e esquecido pelos aulicos que tanto tinham contribuido p'ra perdel-o.

Sem os versos de Lamartine, Arriaga teria sido o ultimo paladino do Antigo regimen: — assim, foi, é, e será té morrer, com o seu grande espirito a devanear eternamente entre uma saudade e uma esperança, o traço de união, irisado e luminoso, entre um passado que não volta e um futuro que ainda está p'ra vir.

E por mais que elle tenha vindo, vida fóra, a affirmar que é do povo, que está com o povo, que sente como o povo, por mais que elle, sinceramente, o pense e o creia — porque Arriaga nunca armou ao effeito e pensando o que diz crê firmemente no que pensa — Arriaga ama o povo mas não é do povo, soffre com o povo

mas não está com o povo nem como o povo sente, porque o seu espirito, o seu coração, o seu sangue, dão-lhe sobre o povo a superioridade de um cavalleiro medieval—Principe Encantado de uma legenda de amor—que, desprendendo-se das vaidades do mundo, repartindo as riquezas dos seus thesouros pelos servos das suas glebas, se fosse de longada, mundo além, a prégar, em parabolas e rimances, um ideal novo de egualdade, de liberdade e de fraternidade—todos os homens livres, todos os homens eguaes, todos os homens irmãos e elle um pouco o pae espiritual de todos os homens, porque a todos ensinou que eram irmãos, que eram eguaes e que eram livres, sendo todos filhos espirituaes das suas palavras, das suas doutrinas, dos seus exemplos e das suas acções.

Logicamente, honestamente, com este temperamento e com estas convicções, pensando assim com o cerebro e sentindo assim com o coração, Arriaga, ao sahir de Coimbra formado em direito em 1866, e ao entrar na vida pratica, advogalhando e leccionando p'ra ganhar o pão de cada dia, enveredou logo, em politica, pelos partidos democraticos, que, ao tempo, apenas se debuxavam apagados e indecisos nas aspirações socialistas de José Fontana e de Santo Anthero do Quental—idolo genial e santissimo da sua geração coimbrã, seu camarada e quasi seu conterraneo—e nos platonismos doutrinarios de Henriques Nogueira e de Oliveira Mar-

reca, de quem Arriaga disse — no Natal de 1882 — o que, como de ninguem, melhor do que de Arriaga, se poderia dizer hoje — passados tantos seculos! — n'este Natal de 1909: *santo e respeitavel velho que conserva em cada cabello branco um attestado da mesma fé politica que professou em criança.*

Entrou na politica activa e militante e, combatendo uma monarchia de enxerto, servida por um pessoal de pilhos e pés-frescos, nobilitados, por via de regra, em cruzamentos de pecunia com folestrias eleiçoeiras nos potris constitucionaes do Ministerio do Reino — alambique de sangues limpos e tear de boas linhagens p'r'ós que não podendo atinar, ás vezes, physiologicamente com o pae se querem phantasiar o luxo aristocratico de uma récua de avós — Manuel de Arriaga nobre pelo sangue, nobre pela educação, nobre pelo talento, nobre pelo caracter é hoje, talvez, vero gentilhomem e gran-senhor, a mais nobre e mais lidima figura da aristocracia portugueza, autentica, tradiccional e velharocha.

E, como fidalgo nasceu, fidalgo se mantem no porte fidalgo da sua conducta — sempre cavalheirosa; na fidalga distincção da sua palavra — sempre florida; na fidalga lhaneza da sua educação — sempre requintada; na fidalga rigidez dos seus principios — sempre austeros; e, fidalgo, sobretudo, no fidalgo desprendimento das materialidades da vida — sempre copiosa em

abnegações e renuncias, em altruismos e sacrificios que, trazendo-o, agora na velhice, paredes meias da pobreza, o conservaram no acceso da lucta, na edade das ambições, invulneravel ao suborno, insensivel á popularidade, avesso ao arrangismo, que, mesmo dentro das confrarias democraticas, foi, é e ameaça vir a ser, cada vez mais, o Credo triumphante dos mordomos, dos chefes, dos caudilhos, dos campeões e dos apostolos — de toda essa vara illustre de grandes homens que nem encarrapitando-se, encavallitados uns nos outros, chegarão um dia, dentro da democracia portugueza, á altura da craveira moral do velho Manuel de Arriaga.

*
* *

Em politica e nas lettras Arriaga foi sempre e ainda hoje é — velho, retrahido, cansado e gasto — um homem do seu tempo e da sua geração, com todas as qualidades, todas as perfeições, todas as virtudes e com todos os defeitos, todos os tics, todos os ridiculos da sua geração e do seu tempo.

Tempo de sonhadores, geração de poetas, em que as vidas se sacrificavam ás ideas no alto das barricadas e em que, sendo um pouco moda fazer taboa raza da religião dos padres, em todos os peitos ardia, como fogo sagrado, a religião da Humanidade, com os seus dogmas e os seus cultos, os seus mysterios e os seus

sacrificios, os seus martyres e os seus oragos, os seus templos e os seus sacerdotes.

D'ahi, pontificando sempre, na capa de asperges de uma oratoria quasi liturgica, Arriaga, quando em communicação com os fieis, das tabuas de um comicio, como da abside de uma basilica ou do pulpito de uma cathedral, entôa os psalmos da sua biblia politica ou explica os versiculos do seu evangelho revolucionario: — eternas variações lyricas, desgrenhadas e romanticas, sobre uma republica feita de luz e de justiça, de felicidade e de gloria, toda bondade e amor, toda cordialidade e ternura, em que os homens terão a perfeição dos anjos e esta nossa boa terra de Portugal sempre risonha e ensolada, grande como no tempo das caravellas, heroica como nos dias de Aljubarrota, será um paraiso de venturas e prosperidades, — sem credores externos nem Juizos de Instrucção Criminal — nucleo da fraternidade, berço da egualdade, forja de todas as liberdades porque hoje anceiam e se sacrificam os cerebros cultos, os peitos largos, os pulsos fortes dos que trabalham e dos que pensam, dos que soffrem e dos que luctam pelos dias melhores, os dias proximos de uma nova era, em que o triumpho do Direito traga á Humanidade tyrannisada e opprimida, subjugada e faminta, a fruição plena da Paz e da Justiça, da Emancipação e da Verdade.

E inflamma-se, arrebata-se, deixa-se levar pelo azul calmo da phantasia em arroubos asceti-

cos de vidente, dizendo como será bello e radioso o futuro que elle sonha, a patria nova que elle imagina, o novo regimen que elle idealisa e que, a nós, positiveiros e materialões, gente d'outra edade, gente de mais praticas soluções — que já não perdoamos ao mundo, atrazado e tropego, o cambalear ainda impotente entre os dois absurdos do direito divino e da soberania do povo — quasi nos faria sorrir, em desdens e chacotas, se o cunho indiscutivel da sinceridade e da boa fé, que Arriaga indelevelmente vinca em todas as suas palavras, nos não fizesse descobrir, respeitosos e reverentes, ante o platonismo e a honestidade, o idealismo e a honradez das theorias e processos que, não sendo os nossos, são, comtudo, como que a certidão de edade e a folha corrida, o attestado de comportamento exemplar e a data da matricula, já antiga, de um grande e bondoso Poeta que se trasmalhou pelas chimeras da politica, trabalhando pela Republica, soffrendo pela Republica, sacrificando-se pela Republica, quando a grande maioria dos que hoje são republicanos e pela Republica vivem, ou a Republica exploram ou com a Republicam lucram, ainda eram amanuenses da monarchia — os mais velhos — ou — os mais novos — ainda andavam de cueiros a berrar pela têta das mães.

Veterano da velha guarda, com as cicatrizes dos primeiros e dos mais rudes combates, com uma folha de serviços que é por si só a rese-

nha historica do republicanismo portuguez, de que elle foi o precursor com Anthero, nas columnas da *Republica* em 1870; que elle vio nascer, cinco annos mais tarde, a 3 d'abril de 1875, ao eleger-se o primeiro directorio em casa do Dr. Izidoro Vianna; levando-o com Magalhães Lima e Theophilo Braga ao baptismo do centenario de Camões (1880) e, logo a seguir, guiando-lhe os primeiros passos na campanha de Lourenço Marques (1881) e nas festas pombalinas (1882); Arriaga, deputado republicano pelo Funchal, em 1882; sempre na brecha, sempre em foco, nos palanques dos comicios, na meza das conferencias ou na sala dos congressos; reeleito pela sua terra nas eleições sangrentas de 1884 e atacando, n'esse anno, a reforma penal de Lopo Vaz; luctando contra o opportunismo fontista de Elias Garcia (1887) e impondo-se aos radicalismos policiegos dos que a Theophilo chamavam analphabeto; Arriaga, sempre na primeira linha, nas horas de triumpho e nos dias de oppressão, na vanguarda perigosa ao disputar a victoria e a dirigir o combate, ou, cobrindo com o seu prestigio a retirada, nos momentos de desalento e desolação; deputado por Lisboa em 1890 e propondo, n'esse anno terrivel, a accusação criminal de Marianno de Carvalho, ou fazendo revoar em catadupas de eloquencia a voz dolorida da Patria ante a affronta do Ultimatum, a ignominia do *Modus vivendi* e a capitulação de 20 de

Agosto; Manuel de Arriaga, preso a 11 de fevereiro de 1890 a bordo do *Vasco da Gama* com Jacintho Nunes e orientando, com elle e com Azevedo e Silva, em 1891, do directorio, os trabalhos revolucionarios que o 31 de janeiro fez abortar; presidindo em 1897 á reunião inaugural do *Grupo dos Estudos Sociaes* e eleito em 1898 p'r'ó directorio que acompanhou os trabalhos de reorganisação e os tramas fracassados de Bazilio Telles — Arriaga, pode hoje parecer-nos fóra de moda e antiquado, pode afigurar-se-nos, com certeza romantico e talvez lunatico, mas tendo-se mantido sempre honesto e escorreito, sempre intransigente e limpo, sempre radical e impolluto, sempre convicto e digno, não tendo abdicado nunca dos seus principios, nem jamais pactuado com os seus adversarios, inflexivel na sua linha austera, rigido nas suas convicções inabalaveis; Manuel de Arriaga, patriarcha da republica, um pouco avô da democracia portugueza, é, na politica e na sociedade do nosso tempo — como politico, pelo seu passado sem mancha e como homem, pela sua vida sem macula — um exemplar unico, typico, inconfundivel e venerando: — a personificação soberana de um grande coração e de um grande caracter, a derradeira e augusta encarnação das virtudes civicas de um antigo patricio romano, cuja estatua irrompesse, nas prégas serenas e alvissimas da sua chlamyde, a meio de um pantano, infecto e

cloacino, em que coaxam e chafurdam as rãs esverdeadas da ambição, do cabotinismo, do impudor e da traficancia.

*
* *

Como caracter um traço só: — pobre, carregado de filhos, com uma clientella de correligionarios prodiga em vivas de acclamação ao sublinhar-lhe os discursos nos comicios, mas parca em remunerações de pecunia ao ajustar trabalhos nos tribunaes, leccionando inglez, leccionando historia e litteratura, Arriaga que, em 1875, se tinha licenceado na Faculdade de Direito, era, ha muitos annos, professor interino no Lyceu de Lisboa e foi escolhido pelo corpo docente p'ra formular um projecto de reforma da Instrucção Secundaria.

Approvado pelo Conselho escolar o plano lyceal de Arriaga, o governo mandou-o publicar, e logo nas retortas do Terreiro do Paço, os alchimistas da infamia prepararam, n'essa consagração de um trabalho honrado, um elixir de popularidade p'r'ó regio traductor de Shakspeare.

D. Luiz, galhardo e magnanimo, ao reformador dos lyceus offertava um premio estonteante: — «venha, amigo Arriaga, apesar de jacobino, sem quebra dos seus principios, com liberdade plena de continuar jacobinando, venha, amigo Arriaga, leccionar-me os pequenos.»

Arriaga, não tendo n'esse dia talvez com que mandar á praça, vendo diante de si abertas de

par em par as portas do Paço, fez uma venia, fidalga, pondonorosa, e, com a bizarra etiqueta, com a requintada civilidade de um gentilhomem, muito delicado e protocolar, deu com as portas de palacio nas regias bochechas de quem o queria subornar.

No Paço e na Arcada, onde todos os espinhaços se curvam e todas as consciencias se vergam, a desempenada vertical da attitude de Arriaga, fazendo explodir coleras, desafiou, na sua inflexibilidade moral, as mais baixas das vinganças: e, ao regulamentar-se a reforma que elle planeara, porque mingassem uns mezitos na sua interinidade, foi provido definitivamente outro professor e Arriaga, esbulhado da sua cadeira e dos seus direitos adquiridos — foi posto na rua.

E d'ahi a tempos, como vagasse no Curso Superior de Letras uma cadeira e a ella concorresse, teimosa e legalmente, Manuel de Arriaga, vendo-se no Ministerio do Reino, que, em provas brilhantes, elle fora o primeiro classificado, Hintze Ribeiro, p'ra ir mais longe que José Luciano ao referendar o esbulho da cadeira lyceal, epilogou a perseguição com um acto torpe de bandoleirismo — annulou o concurso.

Estava escripto...

Não poderia nunca subir á cathedra do magisterio portuguez quem não quizera baixar-se a penicular o ensino ás louras vergonteas da dynastia de Bragança...

E assim Arriaga continuou altivo e incorru-

ptivel na sua pobresa — não foi mestre e preceptor dos principes p'ra honradamente continuar a ser o mestre e o amigo do povo.

*

* *

Como poeta, eu estou em que, onde na sua obra ha menos poesia, é exactamente nos seus volumes de versos. Ao que dizem, versos impecaveis, versos sonoros, versos de um lyrismo garretteano, que não os ha nem mais melodiosos nem mais perfeitos no parnaso do nosso tempo — eu confesso que lh'os não conheço, que nunca lh'os li, porque, impenitente e relapso no meu prosaismo, avêsso a regras e peias, a formulas e disciplinas, não comprehendo que grilhéte ás imposições da rima a lava candente da sua diccção, o fluxo caudaloso do seu verbo, quem, como Arriaga, fallando em prosa, n'um discurso de propaganda ou n'uma simples palestra de comboio, é tão rija e profundamente, tão intima e tão arrebatadoramente poeta, que a gente, sentindo-o e vendo-o, presos dos seus labios, embevecidos nos seus gestos, captivos dos seus olhos, tem a impressão nitida, flagrante, acariciadora e confortante de que não é Arriaga quem falla, mas a propria Musa da Poesia, Apollo, o deus da lyra d'ouro, quem nos encanta e nos embala, nos estonteia e nos seduz com a cadencia rhythmica d'uma eloquencia, que será prosa, que não terá metro nem rima,

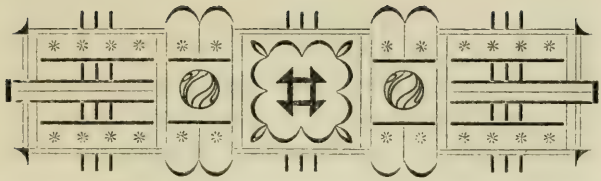
mas que, sendo a palavra de Arriaga, é a mais lyrica e melodiosa, a mais pura e sentida, a mais viva e *poetica* de todas as poesias.

P'ra que havia eu de lhe ler os versos, se elle em prosa, pelo coração e pelo caracter, pelo temperamento e pelo feitio, na doçura dos seus olhos, na brandura dos seus gestos, na alvura das suas cans, é a mais nobre e mais autentica figura de Poeta — que, em reliquia ideal do Romantismo, as gerações passadas dos antigos bardos e menestreis legaram ao Prosaismo positiveiro e barbaro do nosso tempo?

P'ra que havia eu de o admirar em verso, se, em prosa, n'uma admiração, que já me vem de pequenito,—quasi bebida no leite,- respeitoso, me curvo e me descubro ante essa esbelta figura de venerando e amado Poeta, santo e respeitavel velho, que conserva em cada cabello branco um attestado da mesma fé politica que professou em criança e em cada olhar faz vibrar uma estrophe suavissima do mesmo poema de Liberdade, de Egualdade e de Fraternidade, que elle, desde moço, vem entretecendo, em grinaldas floridas, p'ra ir depôr,— n'um dia ainda não chegado e talvez tardio em chegar — na ara revolucionaria d'esta nossa boa e velha, ensolada e poetica Patria Portugueza — terra de poetas e de sonhadores, terra e mãe de Manuel de Arriaga, sonhador e poeta portuguez.

Pharol — dezembro, 1909.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA



I

No regresso de Africa

(Carta aos da geração de 90.)

Camaradas:

Inesperadamente, porque aos mais intimos occultou o dia da sua partida de S. Thomé, não fossem mecher-se os arames e o telegrapho dar-nos tempo a ir, em piedosa romagem, esperal-o ao Tejo, chegou hontem a Lisboa, Antonio José d'Almeida.

Dispersos por esse paiz fora, o coração pleno de desillusões, a cabeça a salpicar-se de brancas, a alma ulcerada de desenganos, o espirito cançado de desalentos, os nervos flacidos de inacção, partidos pelo struggle os élos da convivencia que nos unio em Coimbra, rotos pela separação os laços de camaradagem que, em 1890, nos irmanava, cada um de nós, ao fim de treze annos, é p'r'ós outros, pouco mais de uma recordação, pouco menos de uma saudade.

Mas, p'ra todos nós, Antonio José d'Almeida, representa e synthetisa, ainda hoje, como ha treze annos, a personificação radiosa dos nossos ideaes, o symbolo risonho da nossa mocidade: ainda hoje, como ha treze annos, elle nos falla ao espirito como apostolo, se nos impõe á intelligencia como chefe, e, despertando-nos as fibras sans do coração — onde, depois d'elle, affectos novos vieram enraizar, desalojando velhas affeições — hoje, como ha treze annos, Antonio José d'Almeida é p'ra todos nós, quasi velhos de agora, rapazes de 90, o mais querido e saudoso, o mais estremecido e amado dos irmãos.

Por esse paiz fóra, no torvelinho revolto dos grandes centros - onde a corrupção alastra mais infrene — na solidão tranquila das aldeas e das charnecas — onde o isolamento pesa mais esmagador, onde o campanario mais arrasta ás pequenas transigencias do dia á dia — por toda a parte p'ra onde o destino atirou com um de nós, o nome de Antonio José d'Almeida brilha, rubro, como um clarão de revolta, alvissimo, como um marmore de honestidade, scintilando como a estrella d'alva das nossas illusões, que nimba e aureolisa o nosso passado, fulgurando como o sol, benefico e creador, das nossas esperanças que nos ha de aquecer o Futuro, quando, inteiriçados e velhinhos, gelado o sangue de tanta amargura, o coração em frangalhos de tanta desillusão e tanta descrença, nós, tristes,

recordando a miseria do que temos sido n'estes treze annos de espectativa, de desalento e de estagnação, tivermos de ensinar a nossos filhos o caminho da honra e da dignidade, o roteiro da audacia desinteressada e da revolta intransigente, a necessidade de crêr e de luctar, a obrigação de amar e de soffrer, o dever de reflectir e de actuar, apontando-lhes como exemplo, mostrando-lhes como lição, Antonio José d'Almeida — o mestre de quem, por desgraça!, tão maus discipulos todos nós fômos.

Antonio José d'Almeida chegou hontem a Lisboa.

Podia vir riquissimo e vem, simplesmente honrado; podia vir feliz e vem, como foi, intransigente e revoltado, sedento de justiça, faminto de emancipação.

A sorte perseguiu-o em Africa, ferindo-o no coração: — ao chegar lá, o cadaver ainda mal arrefecido do irmão; no regresso, a saudade do bom, do honrado velhinho, que, em Valle da Vinha, se deixou cahir, carregado de annos e de labores, na fria pacificação da morte.

Antonio José d'Almeida chegou com o coração em lucto, a alma em crepes...

Estaes vendo, camaradas, como a alma lhe deve ter gottejado sangue durante este longo e amarissimo desterro africano: — o seu amor de familia esfacelado nos seus sentimentos mais puros, nos seus affectos mais vivos — o pae morto, morto o irmão; a sua alma crente de

patriota, a sua intelligencia presciente de visionario, amarfanhada, em farrapos, aos frangalhos, cada vez que do Continente um vapor chegava, levando-lhe, inexoravel, fatal, novas desconsoladoras, confrangedores pormenores, da nossa decadencia moral, do nosso civico aviltamento...

...O que elle soffreu...

Liberdades cerceadas, credito perdido, mediocridade triumphante, consciencias em almoeda; expoliados os ultimos direitos, assoalhada a ruina, banditismos impunes, a patria em leilão; tentativas fracassadas, energias perdidas, forças annuladas, luctadores em desanimo; reaccionarismo, traições, orgias, infamias... o pantano a alastrar, a alastrar sempre, a subverter tudo, a afogar em lama, a asphixiar em vergonha os restos e as ruinas de uma Patria que elle queria pura e redimida, e que elle sonhava lá de longe altiva e gloriosa e livre e santa...

...O que elle soffreu...

Mas soffrendo mais do que nós, soffrendo por elle que sempre teve exarcebado e agudo o sentimento do patriotismo, soffrendo por nós que temos deixado obliterar todos os bons sentimentos, Antonio José d'Almeida não se desalentou como todos nós desalentamos:—o seu espirito e a sua audacia, a sua intelligencia e as suas esperanças, fundidas no fogo lento e forte da amargura e do exilio, batidas na forja candente e rubra das convicções e do isola-

mento, retemperaram-se e fortaleceram-se, tornando-se mais ducteis, mais vigorosas e mais inabalaveis.

Eram de bronze ao partir e voltam de aço: —mais cutilantes, mais aceradas, mais agressivas.

Vibravam em 90, hoje ferem: —pesavam nas consciencias como um estimulo; vão chispar nas refregas como um gladio.

Antonio José d'Almeida regressou hontem de Africa.

Está entre nós, ao nosso lado, prompto, como ha treze annos, p'ra nos unir no mesmo esforço, p'ra nos guiar na mesma róta. Como ha treze annos, traz p'ra cada um de nós o afago doce de um conforto, o estimulo consolador de um conselho, o abrigo pacificador de um coração amigo; como ha treze annos, p'ra cada um de nós, tem a palavra que exalta, a audacia que encoraja, o exemplo que illumina, ou o perdão que redime.

Como ha treze annos — rapazes de 90! — Antonio José d'Almeida é o nosso chefe, o nosso apostolo, o nosso irmão e o nosso guia.

Temos estado parados, inertes; ha defuntos que nos julgam mortos; pôdres que nos crêem apodrecidos.

Mas no abraço que hontem lhe dei por mim, por todos nós, no portaló do *Loanda,* na expansão affectuosa da sua grande alma, no sor-

riso aberto que irradiou pela sua physionomia incisiva e insinuante — que o sol de Africa apenas tornou mais viril e mascula — eu senti que no coração de Antonio José d'Almeida todos nós, rapazes de 90, viviamos como ha treze annos...

Vivos no coração d'elle, que importa nos hajam julgado mortos?...

Apodrecidos que estivessemos, o calor do seu sangue, o prestigio da sua palavra, a pureza da sua consciencia, daria calor ao nosso sangue, prestigio ás nossas palavras, purificaria as nossas consciencias.

Lazaros de treze annos de inacção, de desanimo, de descrença, de indisciplina, elle abre-nos o tumulo e faz-nos resuscitar activos, animosos, crentes, disciplinados — cada um por todos e todos por elle que é o Verbo da Revolução, o symbolo do Futuro — e, que, como ha treze annos — é, ainda hoje e mais do que nunca, a encarnação viva, a personificação amada de todas as nossas esperanças, de todos os nossos ideaes, de todas as nossas chimeras, de todas as nossas illusões.

Camaradas — rapazes de 90, quasi velhos de agora! — chegou-nos a Lisboa Antonio José d'Almeida.

Não sentis na alma, no sacrario intimo das grandes e puras emoções, como que o toque de clarim, guerreiro e enthusiasta, que manda unir fileiras e marchar p'r'ó Futuro?

É que chegou hontem a Lisboa Antonio José d'Almeida e hoje, como ha treze annos, nós vivemos ainda no coração d'elle, como elle vive e tem vivido sempre nos nossos corações...

(Mundo 23 julho 1903) (1)

(1) Foi este o primeiro artigo que saudou na imprensa portugueza o regresso de Antonio José d'Almeida — symphonia de abertura ao côro dythirambico, que, ao depois, o tem vindo a pôr, com justiça e enthusiasmo, nos pincaros do suffragio e da popularidade.

II

Seis annos depois

(Carta a um soldado da municipal.)

CAMARADA:

Nos dias agitados e tragicos em que, n'um sarrabulho de sangue vermelho e de sangue azul, um reinado findou á balla, abrindo uma poça atroz de carnificina no glauco sudario de lama que, ha um seculo, tem vindo incessantemente a transformar o pendão das quinas em mortalha de podridões, n'esses dias de febre e de allucinação, em que odios represados irromperam e instinctos bestiaes vieram á suppuração, esteve debaixo da sua guarda, entregue á vigilancia da sua escopeta, um homem que, filado dias antes por dois malsins, no mais grotesco atropello ás immunidades parlamentares, não tendo, é claro, responsabilidades ligadas á belgradada do Terreiro do Paço e sendo, pelo temperamento, pela illustração, por principios e por indole, a antithese de um regicida,—incapaz de matar uma pulga ou de fazer mal a uma mosca—foi, comtudo e sem duvida alguma, a encarnação suprema do espirito de revolta e de rebeldia que soprou rijo e sangrento n'esses ultimos dias

agrestes de janeiro, angustiosos de pavores e de abominações.

E ao vel-o sahir as portas da sua caserna, posto em liberdade e quasi abraçado pelos seus superiores, você, camarada, espirito curto, a quem dias antes haviam apontado aquelle homem como uma fera, dizendo-lhe d'elle mil atrocidades e mil terrores, você, camarada, sentindo-se impotente p'ra tirar uma desforra, mas na senha feroz de desaggravar o regimen, n'um gesto brusco e sacudido, com o braço trenado em continencias de respeito, fechou uma das mãos, apertou com a outra o biceps, e, flexionando os musculos, fez-lhe um manguito.

O homem que estivera entregue á pontaria da sua kropatschek e que foi alvo da sua irreverencia era Antonio José d'Almeida e Você, camarada, n'esse momento historico, deixou de ser o 62 da 5.ª, anonymo e apagado na humildade da sua fardêta, p'ra assumir as proporções epicas de um paladino antigo!

Você foi n'esse momento a bruta personificação de quasi tres seculos de dynastia Brigantina — o symbolo inconsciente de mais de oitenta annos de constitucionalismo cartista.

Você, camarada, foi o regimen.

E o seu gesto plebleio e expressivo, rude e grosseirão, brusco e desaforado, foi a sumula de todos os protestos, de todas as desforras, de todos os desaggravos, que ainda são licitos ás instituições monarchicas da nossa terra.

Os selvagens teem a azagaia, e a Inglaterra no Transwal teve a balla dum-dum. A França espera a revancha da melinite, como do knout fia o seu alliado, o Czar, a suffocação das reivindicações do moujich, nosso irmão. Nun'alvares brandio o montante e D. Quixote encarapuçou-se com o elmo de Mambrino. Sansão teve a queixada de um burro e Brites — a de Aljubarrota — a pá do forno. David teve a funda. Hercules a clava. Jupiter o raio. A Hespanha de Sagunto tem Montjuich e a Egreja, impotente, o Syllabus.

A monarchia portugueza, nas vascas da agonia — teve o manguito.

. . . Você, camarada, foi o regimen.

*

* *

Vá de dizer-lhe, agora, quem é Antonio José d'Almeida.

De vista, já antes de lhe estar de sentinella á porta do quarto no Quartel do Carmo, o camarada conhecia-o de o ver na rua, sempre apressado, testa alta, olhos vivos, barbicha em bico, cabelleira revôlta e negra, hombros largos, uma ameaça de ventre a inflar-lhe os botões do collete, distribuindo apertos de mão, cortejando p'ra todos os lados, prodigo em gestos — uma bella e desempenada figura de homem a reclamar o cinzel do estatuario e que o industrialismo da popularidade tem vulgarizado nas milhentas formas de explorar uma effigie:

— latas de bolacha, sabonetes, côcos, licores, canivetes, alfinetes de gravata, broches, canecas p'ra vinho, tampas de relogio, moringues p'ra agua, pastas dentifricas, pomada p'ra callos, bustos de gesso, caixas de phosphoros, anilhas de charutos, oleographias baratas, gravuras sordidas, postaes illustrados—todo o vasto pandemonio de bugigangas que, a avaliar pela variedade da producção a intensidade da procura, armando aos desreisinhos, attestam, de banda dos que se esportulam, a idolatria primitiva, rudimentar e simples dos pobres de espirito que, julgando-se livres, emancipados e avançadissimos, avêssos a religiosidades e a theocracias, livres-pensadeiros e traga-padres, cahem, grotescamente, nos cultos liturgicos e broncos dos idolos e manipansos, dos fetiches e amuletos da mais boçal e encarapinhada negricia.

Physicamente, o Antonio José d'Almeida que p'r'ahi anda n'esses deboches de publicidade, — que são o espinho agudo e cruciante da sua vida de apostolo, — conserva ainda, mais vincadas e mais fundas, as linhas todas do Antonio José d'Almeida dos tempos do *Ultimatum* e da *Desaffronta*.

Mais brancas, mais annos, mais encorpado, — mais homem! — mas o mesmo Antonio José, que, de capa ao hombro, o olhar em fogo, n'aquella tarde de Santo Antonio dos Olivaes, junto ao cadaver de José Falcão, deixou antever na caudalosa impetuosidade da sua rhetorica

romantica e desgrenhada, ingenua e dominadora, o tribuno que, por esse paiz fora, em comicios e conferencias, no parlamento e nos centros, em conspiratas e prelengas, é hoje o Verbo caudaloso e cheio de impeto de uma Revolução feita á sua imagem e semelhança, ingenua e dominadora, desgrenhada e romantica, sem odios e sem violencias, cheia de carinhos e de flores — revolução de sonho gerada nas imagens de um idealista, que, em arranques de idealismo, sonha com as violencias da Insurreição.

Antonio José sahiu em bronze do ventre materno. Nasceu assim, a 18 de junho de 1866, em Valle da Vinha, burguito beirão, perdido entre os vinhedos do Dão e do Mondego, nas faldas da Serra da Estrella e assim tem vivido, assim viverá na memoria dos homens muitos annos ainda depois de morrer.

É uma figura antiga, uma alma de outras eras, n'um cerbero equilibrado e culto d'uma epoca que ainda não chegou.

Ás vezes, visto cá de baixo, da terra prosaica e chan em que os outros andam ás marradas á realidade e ao positivo do pão quotidiano, elle chega a parecer que anda là pelos altos, entre nuvens, na lua, e, os que o admiram, consideram-no com razão um dos raros homens do Amanhã, não deixando, comtudo, ás duas por trez e com os seus botões, de reconhecer que elle anda, a miudo, a olhar p'ra Hontem.

Já em rapaz — tinha actos de ponderação,

de energia, de tenacidade, que revelavam um homem; homem — tem rasgos de audacia, rajadas de coragem, lances de ingenuidade que, mesmo velho, tolhido de rheumatico, lhe vincarão os traços de um incorrigivel menino pequeno.

Em Coimbra, no periodo agitado e revolto do ultimatum ao 31 de janeiro, absorvido por machiavelismos revolucionarios, empapado em conspiratas, enrouquecido em assembleas geraes, elle que, té ahi, cabulára e se deixara ir na gandaiagem dos annos perdidos, atirou-se aos livros com o mesmo arreganho com que entrara na refrega contra a monarchia e p'ra manter n'uma linha de orgulho e de independencia a sua individualidade de estudante rebelde e insubmisso, quando os outros procuravam na politica um pretexto p'r'á cabula, Antonio José livrou-se da cabula pela republica.

E, sendo o primeiro na brecha a prégar a revolução em tropos esbrazeantes e metaphoras arrubreadas, fez-se o primeiro nas aulas a proclamar a altivez da sua intelligencia, a vastidão dos seus recursos mentaes, a inquebrantabilidade do seu caracter e os prodigios das suas faculdades de trabalho — em lições estupendas, em sabbatinas que marcaram epoca, em actos e dissertações, que, de renhidos e coruscantes, ficaram legendarios.

A lentalhada, reaccionaria e malevola, dogmatica e vingativa, tyrannisante e estupida, quiz pedir contas ao estudante das acções do revo-

lucionario, e, exactamente no anno em que o pamphletario pagava com os ossos na cadeia as violencias do *Bragança o ultimo* — o artigo celebre do *Ultimatum,* — a faculdade via-se coagida a classificar entre os seus alumnos mais distinctos, o estudante que, tratando té ahi, por cima do hombro os livros da aula, a elles se apegara com unhas e dentes, invulnerabilisando-se pela sciencia, pelo seu estudo de ferro e pela sua applicação constante contra as represalias dos que haviam tentado vingar no discipulo, como mestres, as arremetidas do adversario que, tendo passado as ferias grandes na cadeia como jornalista, ao abrir das aulas, na distribuição de premios, como estudante ouvio echoar o seu nome, entre os laureados, na Sala dos Camellos.

A historia d'essa lucta colossal de um estudante intransigente contra uma faculdade de pandilhas, contou-a elle nas paginas vibrantes da *Desaffronta* — onde, em estatuas de lama, desafiam a immortalidade do grotesco os trez capellos que queriam perdel-o — a paz do cemiterio já do remorso a dois remio! — e onde tambem, no bronze forte da justiça, o pantheon da Benemerencia se abre p'r'ós trez grandes e inconfundiveis vultos da medicina coimbrã — João Jacintho, Daniel de Mattos e Souza Refoios — que foram sempre, como homens de sciencia e homens de bem, os mestres e os amigos do homem de bem e do homem de sciencia

que já então era, na sua capa negra de estudante revolucionario, Antonio José d'Almeida.

Na *Desaffronta,* porem, não contou elle quanto representa de esforço, de sacrificio e de abnegação essa lucta quasi titanica e incessante de cinco estirados annos, rematados, concluida a formatura, por esse longo exilio de sete annos, infindaveis e exgotantes, em terras de —Africa, primeiro, entre degradados e negreiros, em Loanda; entre roceiros e serviçaes, depois, em S. Thomé.

Antonio José d'Almeida era pobre. Os livros de sciencia são caros e em Coimbra, alem de caros, eram desconhecidos. P'ra se equipar e municiar p'r'ó combate Antonio José d'Almeida encalacrou-se.

Altivo, recusou auxilios; honesto, foi-se té Africa p'ra solver as suas dividas.

Por via de regra, todo o branco que se vae a Africa, é p'ra resgatar com o suor dos negros uma vid'airada de dissipações com brancas; Antonio José d'Almeida foi a Africa, p'ra com um trabalho de negro, defender os negros e pagar aos brancos o que lhe custára o seu amor pela independencia e pela hombridade d'uma vida academica attribulada e audaciosa.

Pagou, amealhou umas sobras, esbanjou na creação do *Pro Patria* muito do ganho e só veiu de Africa, a quando os rins, o figado o baço, o pancreas e todas as miudezas do seu organismo de revolucionario se revoltaram e, do

alto da barricada d'uma biliosa, lhe atiraram, em dilemma, com este ultimatum: — *ou Portugal e descanço, ou Africa e cemiterio.*

Veiu, mas não descansou...

Já n'essa noite luarenta da sua chegada, té madrugada, diagonalando o Rocio, elle me deixou cahir no peito as catadupas das suas illusões e das suas esperanças, dos seus planos e das suas aspirações pela causa da Republica - d'uma republica honesta, limpa, intelligente e franca, aberta a todos que amassem a Patria, intransigente p'ra com todos que a prostituissem, republica romantesca e boa rapariga, com braçados de flores, com sorrisos de creança, dando um naco de pão a todos os famintos, garantindo um abrigo a todos os rôtos, com balsamos p'ra todas as feridas e conforto p'ra todas as miserias, immaculada e incorruptivel: — o seu sonho platonico e irisado de um regimen novo n'uma patria nova, a iniciar, na historia e no mundo, uma era nova e perfeita de egualdade, de liberdade e de fraternidade, mais egualitaria, mais fraternal e mais livre ainda que todas essas utopias longicuas dos «socialismos e dos anarchismos, que, como em Coimbra, elle não tivera em Africa, a curar pretos, tempo p'ra estudar e que, como em Coimbra, eram ainda p'ra elle duas lições em branco, agora a estudar, por essas Europas, nos grandes centros revolucionarios de acratas e socialistas».

E, d'ahi a semanas, abraçados os amigos,

após uma curta romagem a Valle da Vinha, abalou a estudar pelas Europas as duas lições em branco.

E estudou ainda, elle, o grande e conceituado mestre de medicina colonial, com os grandes mestres de medicina contemporanea, as ultimas descobertas, as derradeiras theorias da sciencia medica.

Sedento de arte e civilisação visitou museus, contemplou monumentos, quando elles lhe ficavam a caminho dos hospitaes e das escolas. Um seu companheiro de casa, no Bairro Latino, escrevia-me ao tempo: «Anda derramado. Trabalha como falla: sem conta, sem peso, sem medida. Se assim continua, n'esta ancia de se aperfeiçoar n'uma sciencia em que é mestre, o medico acaba por supplantar o politico. Mas a politica está-lhe na medula, está-lhe nos ossos, está-lhe no coração e a medicina vae-se-lhe armazenando apenas no cerebro. Lisboa vae ter, morto o Souza Martins, um grande medico, mas a Republica não perderá nunca o seu grande homem».

E assim foi.

Veiu mais extenuado d'esses mezes intensivos e febris de educação profissional do que tinha vindo dos sete annos de clinica em Africa.

E, apenas chegou, ainda antes de abrir consultorio como medico, desfraldou, como politico, o seu pendão de revolucionario, n'um artigo magistral sobre Manuel de Arriaga — o velho e

austero patriarcha do republicanismo portuguez que, dês do julgamento do *Ultimatum*, Antonio José d'Ameida, por elle defendido, considera como o seu mestre, o seu modelo e um pouco o seu pae espiritual — pae amantissimo e encanecido, que no filho vê a imagem do seu passado, das suas illusões, dos seus ardores e dos seus triumphos, porque, verdade verdade. Antonio José d'Almeida é hoje o Manuel d'Arriaga de ha trint'annos, como Arriaga, ha trint'annos, foi o Antonio José d'Almeida d'aquella epoca, remota e esquecida, em que a rhetorica estava menos gasta, a republica muito mais distante, as consciencias muito mais limpas e os principios democraticos muito menos sujos. Antonio José d'Almeida é um Arriaga com cabellos pretos, como Manuel de Arriaga é um Antonio José d'Almeida que já tivesse nascido com os cabellos brancos: — duas pessoas distinctas da Santissima Trindade jacobina de que a Rhetorica é o Espirito Santo e o Ideal republicano... o unico Deus verdadeiro.

Dias depois da publicação d'esse artigo no *Mundo*—e vá de notar o ser Antonio José d'Almeida dos rarissimos oradores que sabem escrever e que, sendo um mestre da palavra, é tambem um mestre da penna—quasi á força, com as guelas seccas, sem preparação, tendo na vespera folheado uns numeros velhos do *Antonio Maria*, empurrado p'ra junto do caixão de Raphael Bordallo Pinheiro, Antonio José

proferio o mais arrebatado e o mais perfeito, o mais completo e o mais primoroso dos seus discursos.

Foi uma revelação p'ró's que o não o conheciam; foi p'ra todos um assombro.

Vem d'esse dia a sua popularidade em Lisboa, o culto devoto, amoroso, enthusiasta com que nas grandes massas populares se envolve, n'uma aura de respeito, de carinho e de admiração, o seu nome sem macula e o seu Verbo turbilhonante, fecundo, arrebatador e soberano.

Depois, pode dizer-se, não passou um dia, uma hora não passou, sem que a sua penna ou a sua palavra, o seu coração e o seu cerebro, abrissem uma brecha funda nas muralhas lazardentas dos velhos reductos monarchicos.

N'um combate sempre leal e sempre destemido, sempre honesto e sempre audacioso, peito a peito com todos os perigos, cabeça erguida ante todos os adversarios, a tactica politica de Antonio José d'Almeida tem éstos de uma grandesa epica e chispas de uma ingenuidade infantil — a sua entrevista com o Juiz Veiga, quando o regimen queria responsabilisal-o pela ordem no Campo Pequeno, é o baixo relevo de um velho bronze romano; mas a sua proclamação da republica aos quatro soldados que á coronhada evacuavam S. Bento, é uma pagina pittoresca do mais idyllico e sentimental platonismo politico.

Catão, trasplantado do Forum p'r'ó Juizo de

Instrucção Criminal, não seria nem mais austero nem mais incisivo; mas Calisto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda, arrancado das paginas immortaes da *Queda d'um anjo* p'ra esse 18 brumario franquista, não teria sido, em S. Bento, nem mais ribombante nem menos ingenuo, nem mais sincero nem menos inoffensivo.

E são estes, té hoje, os dois factos culminantes da sua obra revolucionaria, os que melhor e mais rijamente cunham os dois traços predominantes da sua physionomia — a grandeza austera do seu caracter incorruptivel e a ingenua impetuosidade, empolgante e desataviada da sua palavra arrebatadora.

Mas se estes são, na verdade, os dois factos typicos, caracteristicos e maiusculos, se elles marcam, em caracteres de fogo e de gloria, as duas balisas entre as quaes Antonio José d'Almeida tem desenrolado, em prodigios de actividade, de sacrificio e de abnegação, o seu amor indefesso e apaixonado pela causa da republica, na brecha sempre, sempre em acção, em foco sempre, entregue á causa da revolução, noite e dia, de corpo e alma, de alma e coração, trabalhando por ella sem treguas, sem descanso, sem desalentos e sem interrupção, infatigavelmente, apaixonadamente, arrebatadamente, Antonio José d'Almeida, que, ao chegar de Africa, era o chefe, o apostolo, o guia e o irmão de uma pleiade de homens que, treze annos antes, haviam sido os seus companheiros de Coimbra.

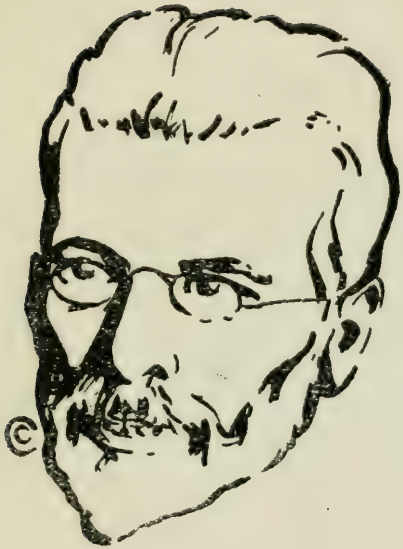
Antonio José d'Almeida, depois de ter reorganisado, disciplinado e aguerrido o partido republicano, de ter galvanizado com o fogo da sua palavra todas as energias vivas e todas as forças sans da legião enorme dos que em Portugal pensam e soffrem e sentem e trabalham, Antonio José d'Almeida tornou-se n'estes seis annos de evangelização e de propaganda, de luctas e de combates, a encarnação immaculada, augusta e luminosa da velha alma nacional, da heroica alma lusitana...

.....

...A que Você, Camarada, deixando de ser o 62 da 5.ª p'ra assumir as proporções epicas de um paladino antigo, personificando quasi tres seculos de dynastia Brigantina, symbolisando mais de oitenta annos de constitucionalismo cartista, com o braço trenado em continencias de respeito, n'um gesto brusco e sacudido, fechando uma das mãos, apertando com a outra o biceps, flexionando os musculos... fez um manguito.

Pharol, maio 1909.

DR. AZEVEDO E SILVA



I

SENDO praxe seguida, d'um velho classicismo immutavel, desde Tacito aos *Perfis Contemporaneos* não biographar senão gente limpa, dispondo da cornucopia das graças e fruindo inscripções de assentamento, é obvio que, por mais mariola que seja o biographado, este toma invariavelmente e ás vezes pela vez primeira na sua vida, o aspecto respeitavel e conspicuo d'um poço de virtudes, d'uma mina de sciencia ou de um simples riacho de civismos e bons costumes.

Por mais fiel que seja a biographia, por mais minudencias que ella abarrote, ha, em todas, um ponto defeso ás investigações e ás inconfidencias: as notas tristes, defeitos organicos ou falhas de caracter — o mau sestro de roer as unhas ou o vicio inveterado de meter no bolso colheres de prata.

Biographar é dizer bem, só bem, muito bem, sempre bem, sem entrelinhas, sem reticencias...

Ora, sendo estas as vetustas e respeitabilissimas formulas que presidem á confecção dos retratos graphicos, não é, positivamente, camaradas, o esboço biographico do Dr. Azevedo e Silva o que lhes vou servir.

Não é. Porque nunca ninguem levou o seu desrespeito pela tradicção e pela antiguidade, o seu antagonismo ás leis e ás regras, ao ponto inedito e imprevisto de vir á praça, no intuito de prestar homenagem a um homem illustre entre os mais illustres da collectividade contemporanea, apregoando-lhe, como eu faço hoje ao Dr. Azevedo e Silva, o seu defeito unico, capital e tão grande, que é elle, á certa, o traço predominante d'esta individualidade fundamente caracteristica pela intelligencia, pela honestidade, pela erudição, pela tempera rija da sua alma spartana e pela inquebrantabilidade das suas crenças democraticas.

Assim, ao invés de todas as regras, em rebellião contra todos os moldes, em logar de vir apontar-vos, camaradas, o Dr. Azevedo e Silva como modelo de virtudes, typo ideal de perfeições e bellezas moraes, ou, mais comesinho, como jurisconsulto eminente, como homem de bem ás direitas, como intelligencia superior ou como chefe prestigioso, eu, muito tranquillo, na placida serenidade de quem cumpre um dever, venho dar-vos ao manifesto o Dr. Azevedo e Silva, unica e simplesmente, como um cavalheiro que mereceria por banda

do publico — e visto a brandura dos nossos costumes não permittir que a gente vá liquidar com elle, individualmente, á bengalada — uma d'estas duas manifestações de desagrado, eloquentes e vingadoras: — a pateada solemne de todos os portuguezes honestos ou o voto de censura, energico e categorico, de todas as consciencias limpas.

Por isto: porque tendo o Dr. Azevedo e Silva na sua biographia dezenas de factos tão altos e tão suggestivos que, por si só e isoladamente, bastaria um d'elles p'ra assentar em alicerces de granito, solidos e indestructiveis, a reputação d'um grande caracter, d'uma grande energia e d'um grande talento, o Dr. Azevedo e Silva é, n'este paiz messianico que anda á espera d'um grande nome, um nome pouco menos de desconhecido.

Falta de memoria da massa popular que esquece, n'uma ingratidão, os seus amigos, os seus defensores, os que deverião ser os seus chefes, os seus cabecilhas, os seus caudilhos, os seus apostolos e os seus idolos?

Não.

Falta do Dr. Azevedo e Silva e falta grave, crime aviltante de que não conseguirá remir-se, p'ra que não encontrará perdão, porque, não tem perdão, n'esta crise angustiosa de homens e caracteres, o grande caracter, o homem impeccavel e intelligente que, n'uma premeditação obsecante, anda sempre, sem uma folga de

amor proprio, sem um parenthesis de vaidade, a estudar a fórma engenhosa, o capcioso sophisma de ser o que é e conservar o anonymato, de se confundir com a multidão, de não dar nas vistas, de não ser nada, n'um struggle constante, gigantesco, pela obscuridade, que o obriga mais facilmente a renegar uma obra sobre a qual incidem as bençãos d'um partido e chovem os applausos d'um paiz do que a vir, como todos lhe pedem, receber os louros do seu triumpho ou a consagração do seu trabalho e das suas ideas.

Azevedo e Silva, n'um meio de vaidades occas e de amores proprios inconfessaveis, é um modesto, d'uma modestia requintada, excessiva, doentia.

Conhece no intimo o seu valor, sabe o que póde e o que vale, e, por uma tara invencivel do seu temperamento, é o primeiro a denegrir-se, a amesquinhar-se, a querer reduzir-se ás proporções minusculas da trivialidade, ás fórmas banaes e corriqueiras do toda-a-gente.

Não é assim d'hoje nem d'hontem. A modestia não lhe veio com as desillusões, com os desgostos, com o desalento ou como um processo habilidoso, um expediente facil, p'ra se eximir a novas desillusões, a novos desgostos, a novos desalentos.

É uma modalidade organica, original, do seu cerebro e do seu eu. Nasceu com elle, morrerá com ella, porque os temperamentos não se corrigem das virtudes, mesmo excessivas, quando

a fatalidade destinou que se fosse virtuoso em excesso, n'um exagero, n'um requinte bizarro e extranho, que toma as proporções morbidas d'uma obsecção, d'uma mania.

Modesto p'ra se encolher, p'ra fugir, quando o triumpho chega, quando a sagração dos seus esforços vem nimbar-lhe a fronte, é essa mesma modestia, que, na hora da lucta, nos momentos difficeis, o impulsiona e dá forças deshumanas ao seu organismo debil e franzino, de homem doente, sem musculo e sem fibra, á sua carcassa escaveirada, mumifeita, de fraca figura e de joão-ninguem.

Embora tivesse razões de sobra, p'ra ser um desilludido, que fazendo estendal de desillusões n'ellas justificasse a inactividade, p'ra ser um jubilado, um veterano, que apontando antigas batalhas reclamasse, por ellas, o repouso e o descanço; Azevedo e Silva, recolhendo-se ao remanso do seu gabinete, p'ra evitar, a todo o transe e por principio, estes deboches de publicidade em que as reputações se fazem e a fama se conquista, não pensa em se escapulir á refrega, não cuida em se furtar a responsabilidades, porque, eu não conheço, a dentro dos partidos populares e entre os cabos de guerra que buscam a evidencia e apregoam labores, tacticas e machiavelismos, ninguem que trabalhe pelo triumpho das suas ideas, que pugne pela advento d'um regimen novo, como elle trabalha ainda hoje, com affinco, com dedicação e com

amor, sem reclames e sem desfallecimentos, sem espalhafatos e sem tibiezas.

Crente, busca na sua crença a força p'r'ó combate; intransigente, leva a sua intransigencia aos ultimos limites e, se, quando vê triumphar um especulador que, prostituindo as crenças com ellas mascara as ambições e os maus instictos, se, quando vê victoriosa a transigencia e cretinos ou velhacos com fôros de intellectivos e de superhomens, se, então, esmorece, por momentos e sente suffocar-se n'uma atmosphera de podridão, logo reage, e, tomando folego, concentra-se, revigora-se, medita, e, com maior enthusiasmo, recomeça a lucta.

N'um esforço derradeiro, que é o protesto d'uma consciencia e a manifestação d'um caracter, elle, que não é um politico, vem, peito a peito, livrar combate á politica, dar o golpe de misericordia na intriga dos nullos, na sordida baixeza dos corruptos; sente-se rejuvenescido, redobram-se-lhes as forças e, cercando-se de homens em que deposita a maxima confiança porque os sabe honrados e os crê intelligentes, congrega-os, disciplina-os, fortalece-os, insufla-lhes o animo, encoraja os tibios, dá crença aos scepticos, tral-os a publico, põe-os em evidencia — tendo o cuidado de se deixar na sombra, onde as responsabilidades são maiores e onde já chegam amortecidas as acclamações d'um povo, que vendo luzir no charco de desalento uma estrella de esperança, não sabe que mão

de fada a foi prender lá cima, muito no alto, no firmamento negro e caliginoso onde, té ahi, não brilhára uma promessa, onde parecia impossivel, que podesse fulgir, ainda, um penhor de renascimento e de salvação.

Foi assim que elle fundou e trouxe a publico essa aggremiação illustre, corpo de *elite* do partido republicano, moderna Ala dos Namorados de um ideal todo de luz, o *Grupo Republicano de Estudos Sociaes*, obra sua, que, começando já a fructificar, é uma das paginas mais eloquentes da historia partidaria e pode vir a ser, mais dia menos dia, sem fanfarronadas e sem estulticias, a unica garantia de seriedade, de capacidade e de honradez com que a inexperiencia dos primeiros passos de uma republica honrada, intransigente e revolucionaria, poderá responder, triumphante, aos ultimos argumentos de uma monarchia venal, corrupta e apodrecida.

É esta a sua ultima obra, a mais recente manifestação do seu valor, da sua hombridade, da grandeza estranha da sua envergadura moral e revolucionaria.

Mas não é a unica, não é talvez a maior, porque Azevedo e Silva, que collaborou com Theophilo Braga na redacção do programma do partido republicano, não é um novo no partido e não lhe permittirá o animo, o vir a ser, na conquista da republica e até ao seu advento, um desoccupado ou um inactivo.

Responde pelo futuro o seu passado cheio de benemerencias e de audacias, de actos de energia e de actos de honra; responde por elle, o presente, em que o dr. Azevedo e Silva, na plena maturidade das suas faculdades, na força da vida e do talento, sendo a mais pittoresca e typica personificação d'uma modestia antiga, é um dos mais completos e mais equilibrados cerebros que eu conheço, uma das mais puras encarnações da honra pessoal, da energia politica, da tenacidade revolucionaria e do republicanismo intransigente, que, morto José Falcão, tem honrado a historia dos partidos democraticos nacionaes, illuminando-a com o seu talento, com a força da sua vontade e com o exemplo suggestivo, empolgante, da sua vida sem nodoas, sem desvios, sem transigencias, d'uma rectidão inflexivel, d'uma dignidade impeccavel e intelligente, que tornando-o um dos primeiros no livro d'ouro das glorias partidarias, o sagra nos nossos corações e nos nossos craneos, como uma das maiores, como uma das mais prestigiosas e das mais altas individualidades das fileiras avançadas, que, na extrema esquerda d'esta sociedade corrompida, são republicanas e querem a republica, são revolucionarias e trabalham pela revolução. (1)

(1) Artigo publicado na *Revista Republicana*, dirigida por Carlos Callixto, em 1897.

II

Era assim ha doze annos. É assim ainda agora.

Na vida politica, mais larga a folha de serviços e de desillusões; no lar, mais uma ranchada de filhos e, d'aqui a pouco, os primeiros netos.

No cerebro, maior somma de erudição e de conhecimentos juridicos; nas barbas, mais — muitos mais! — cabellos brancos.

Ha doze annos, era um homem; hoje, é um velho. Era, ha doze annos, um chefe republicano; é hoje quasi um antepassado da republica.

Mas sempre o mesmo Azevedo e Silva, a apagar-se na sombra dos outros, a escamugir-se das publicidades e das ovações nas horas de victoria e de festa, o mesmo Azevedo e Silva, a expôr-se ao perigo, em lances de audacia, a combater nos postos mais avançados, nas horas de escaramuça e de combate.

Ha doze annos, a sua illusão do momento eram os *Estudos Sociaes;* ainda é de hontem a sua chimera do 28 de janeiro. Hontem, como ha doze annos, o mesmo anceio e a mesma aspiração: a Republica. Hoje, como hontem, como ha doze annos, como sempre, o mesmo rumo, o mesmo norte, o mesmo credo: a revolução, a austeridade, a modestia.

Era ha doze annos um homem de acção: é hoje um velho luctador.

Mas inda que a Republica chegue amanhã, podeis estar certos, camaradas, Azevedo e Silva não será um homem do governo.

Sobrar-lhe-ião p'ra isso as faculdades mentaes, a rigidez inflexivel do caracter, os conhecimentos profundos, as vistas largas, a ponderação reflectida, o seu entranhado amôr ás ideas, mas faltar-lhe-ia, amanhã como hoje, hoje como ha doze annos, o prestigio que se apéga, como a lama dos caminhos, aos que chafurdam pelos atoleiros da popularidade, faltar-lhe-ia — p'ra que encobril-o? — o charlatanismo, o cabotinismo, que é, a dentro da republica que ha de vir, como dentro da monarchia que está a marchar-se, o *quid* indispensavel e inherente aos grandes homens das governanças e dos mandos, das chefias e das eminencias: especie de chumaços e de hombreiras de filaucia e pesporrencia, com que o Destino, em alfaiate, acolchôa e disfarça, arredonda e bamba as falhas de caracter e as saliencias de banditismo, que, desmancharião as pregas e a imponencia d'uma farda ou d'uma libré, e, em todo o caso, quebrarião as linhas harmonicas e correctas d'um busto a pedir veneras ou d'uma consciencia a reclamar cadeia.

Não. Azevedo e Silva não seria amanhã — mesmo dentro de uma republica radical e intransigente — um homem de governo, elle que,

em todos os periodos de aventura revolucionaria, tem sido o guia ponderado e audacioso, o conselheiro sensato e energico, o companheiro leal e destemido de todos os homens de acção.

A idea de governo implica, é claro, n'um partido revolucionario com a hora do triumpho e, se por um prodigio de pontualidade, em homem que anda sempre com o relogio á razão de juros, Azevedo e Silva nunca faltou no seu posto no momento do perigo, por um excesso da sua modestia, aguda e morbida, heis de procural-o em vão, heis de buscal-o n'essa hora de consagrações e de victorias, de distribuição de premios e de alarde de sacrificios que não o topareis, que não dareis com elle, camaradas...

Pela primeira vez na sua vida, Azevedo e Silva ter-se-ha sumido, e, alapardado no seu canto, chupando a cigarrilha que o não larga, com o sorriso sarcastico que o acompanha sempre, n'essa hora decisiva em que os outros empunharão requerimentos e folhas de serviços, Azevedo e Silva deixará cahir lentamente, por entre os dentes, em fallinhas mansas — uma facecia.

E se quizerem prendel-o p'ra um bom e rendoso emprego, se quizerem metter-lhe á cara uma sinecura, Azevedo e Silva, que é pauperrimo, dará um pontapé á fortuna, e, emigrado, irá p'r'ó Exilio, chupar a cigarrilha, dizer facecias e morrer de tedio, de nostalgia e de fome

porque feita a republica, elle será, como ninguem, um operario sem trabalho.

*

* *

Azevedo e Silva, hoje como ha doze annos, tem o condão de me obrigar a dizer d'elle, fazendo-lhe o elogio e rendendo homenagem ao seu caracter, coisas feias, coisas desagradaveis.

Ha doze annos fallei em bengaladas... Hoje, dentro dos logares communs e das phrases feitas, que é de uso pegarem-se a cauda dos homens, que, como Azevedo e Silva, são immaculados na sua honra, eu poderia escolher e espanejar todas as banalidades correntes que em estylo alambicado e fluente é de rigor ir buscar aos pombaes — p'ra poeticamente cantar, como Garrett, as azas brancas, ou p'ra prosaicamente, como a minha cosinheira, guizar com ervilhas. E diria assim: *Azevedo e Silva, alma de pomba, na inflexivel honradez da sua hombridade, tem das pombas a alvura immaculada.*

Podia, mesmo, subindo dos pombaes ás montanhas e pondo de banda o seu caracter p'ra preitear o seu talento, fixar-me um pouco nos seus olhos vivos e agudos p'ra dizer, sem emphase e com sinceridade, n'uma phrase corrente e de todos os dias: *Azevedo e Silva,*

homem de vistas largas como a aguia, tem da aguia, na intelligencia, os vôos largos e audaciosos.

Mas não!... Não ha fugir-lhe... Evocando hoje, como ha doze annos, a figura catonica e a obra valiosissima de Azevedo Silva, todo o seu passado de republicano intransigente, toda a sua obra de jurisconsulto primacial, eu só posso exprimir o que d'elle sinto e o que d'elle sei, o que n'elle respeito e o que n'elle admiro, dizendo-vos, camaradas, que José Francisco d'Azevedo e Silva, nascido a 25 de novembro de 1858, em Loulé — um algarvio que falla pouco, que falla manso, que não tem na bagagem uma figura de rhetorica e não tem, fóra dos tribunaes, um discurso, já n'isto é homem raro e de excepção — Azevedo e Silva, ainda caloiro, a lycear em Lisboa e fundando a *Tribuna do Povo,* em 1879, ou já em Coimbra, a bacharelar-se e organisando, em 1880, o primeiro grupo de estudantes republicanos; fazendo-se riscar duas vezes da Universidade, (1882-1883) por um artigo da *Evolução,* que elle creara e redigia; Azevedo e Silva, abrindo banca em Lisboa, (1884); collaborando e dirigindo depois a *Era Nova,* e combatendo, no congresso de 1887, com Manuel de Arriaga, os accordos com os partidos monarchicos; Azevedo e Silva, membro activissimo do directorio que foi desmantellado pelo 31 de janeiro e fundador e alma damnada, em 1897, do *Grupo*

Republicano de Estados Sociaes; eleito p'r'ó directorio de 1898, com Verissimo d'Almeida e Duarte Leite; confidente e auxiliar de Bazilio Telles em todo o seu periodo revolucionario e, ainda outro dia, anciando pela victoria, dos que tramaram a revolução; Azevedo e Silva, que é hoje, no fôro, o primeiro commercialista portuguez, que dirige a *Revista do Direito,* e tem na sua bibliographia juridica o *Commentario ao Codigo Commercial* e os *Estudos de Direito Commercial*... Azevedo e Silva, não me apparece immaculado na sua honestidade, como uma pomba, ou, audacioso na larguesa das suas vistas, como uma aguia.

Mas, ao evocal-o, na obscura grandeza da sua obra, apagado, desconhecido, anonymado na morbidez da sua modestia, Azevedo e Silva, camaradas, não se me affigura, — tal qual é — nem como um grande homem, nem como uma vasta capacidade, nem como um intangivel caracter, nem como um potente cerebro, e, ao querer fixar as linhas arabes da sua individualidade e do seu temperamento, Azevedo e Silva desenha-se, na minha sympathia e na minha admiração, no affecto que lhe consagro e no respeito que lhe tributo, como um bicharôco extranho e feio que fosse a um tempo uma aranha, um morcego, uma toupeira.

Aranha — no tecer constante, laborioso, ininterrupto, d'uma grande teia revolucionaria, que indo do norte ao sul, do occidente ao oriente

d'este rincãosito portuguez, destruida hontem pelo acaso, novamente desenrolada amanhã pelos acontecimentos—é a obra de muitos, sem duvida, mas é, com certeza e sempre, um pouco da obra e dos conselhos, dos esforços e dos labores d'esse endurecido revolucionario, frio, pausado, cauto e reflectido que ninguem conhece e, por isso, só raros admiram no velho Azevedo e Silva.

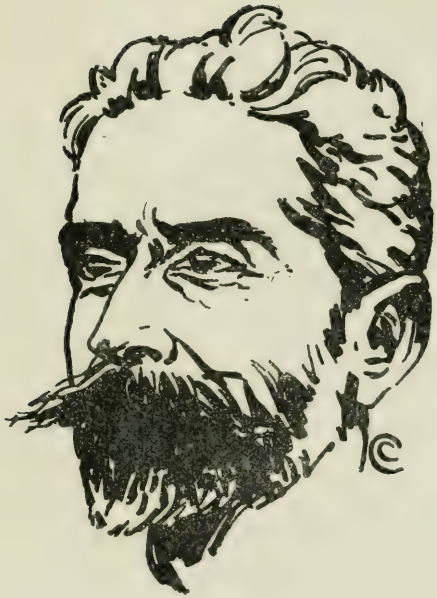
Toupeira — porque é de sápa, subterranea, callada, mysteriosa, quasi invisivel, a sua obra portentica e constante de propaganda e de ensinamento, de demolição ou de sciencia — perdida no pó dos cartorios, em minutas e aggravos, a do jurisconsulto — occulta, reservada, secreta, nos bastidores do jacobinismo, a do revolucionario...

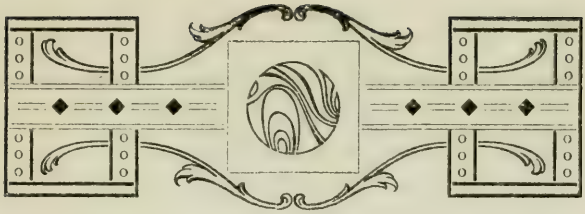
Morcêgo — estaes a vel-o! — zigzagueando, curveleando, espiralando, em vôos largos, em vôos apertados, mas furtando-se sempre, constantemente, sem descanso, sem fadiga, a todas as luzes da popularidade, a todos os clarões do reclamo, a todos os focos de cabotinismo, aos fachos da celebridade e ás lamparinas da imprensa, sempre na sombra, na escuridão, nas trevas sempre, em inimigo inconciliavel, figadal, jurado do Exibicionismo — esse Sol, que aquece e illumina, nos tempos que vão correndo, as reputações dos palhaços e dos caudilhos, dos dentistas e dos apostolos, dos chefes mais illustres e dos mais illustres charlatães...

Toupeira . . . morcego . . . aranha . . . extranho e feio bicharôco . . . hoje, como ha doze annos, venho dar-vos, camaradas, ao manifesto o Dr. Azevedo e Silva, unica e simplesmente, como um cavalheiro que mereceria por banda do publico — e visto a brandura dos nossos costumes não permittir que a gente vá liquidar com elle, individualmente, á bengalada — uma d'estas duas manifestações de desagrado, eloquentes e vingadoras: — a pateada solemne de todos os portuguezes honestos, ou o voto de censura, energico e categorico, de todas as consiencias limpas.

Pharol, maio-1909.

BAZILIO TELLES





SURPREHENDEM-ME os jornaes, esta manhã, com a nova de ter sido eleito p'r'ó directorio republicano Bazilio Telles.

Quito de investigar das portentosas alchimias da urna, das estupendas reviravoltas da opinião que sopram de novo p'r'á chefatura essa escorreita e limpida figura de homem de bem, que, vae p'ra doze annos, encarnou por momentos todas as aspirações e todos os anceios da alma republicana e que, repentinamente, vae p'ra doze annos tambem, se sumiu e se apagou do tablado activo p'ra se isolar na sua thebaida da Foz, emsimesmado no seu valor, descrente de tudo, azedo, irritado, cheio de desgostos e de desillusões, esquecido por uns, calumniado por outros, desconhecido de quasi todos—elle, que dias antes fora, sem auras cabotinicas de popularidade, sem orchestrações ruidosas de reclame, o successor e o herdeiro de José Falcão, o continuador da sua obra e o apostolo do seu Evangelho...

Quito de saber p'ra que o elegeram e p'ra que

foram desenterral-o ao seu retiro, arrancal-o ao remanso dos seus livros, á labuta constante e placida dos seus estudos, p'ra de novo o atirar á praça publica, á saraivada das paixões, das miserias e das intrigas que, n'uma engrenagem de habilidades e porcarias, amanhã, como ha doze annos, ha de involvel-o e ha de esmagal-o — eterno utopista, eterno mystico, alheio a todas as manigancias do arrivismo, avêsso a todas as torpezas do atoleiro contemporaneo.

Quito mesmo de imaginar que mais surprehendido do que eu, esta manhã, com a nova de ter sido eleito p'r'ó Directorio republicano Bazilio Telles, ficou, certamente, na sua trapeira do Porto, o mais intelligente de todos os homens de honra, o mais integro de todos os homens intelligentes da elite moral e intellectiva do republicanismo portuguez, que do congresso de Setubal acaba de receber os sufragios...

Quito de imaginal-o, porque o sei...

Outros quereriam o mando, a chefia, o penacho, ia a dizer o sceptro pois n'isto de republicas e monarchias a gente não sabe já, com tantos hymnos e beija-mãos, se os chefes de estado usam coroa ou simples côco e se o protocolo lhes outorga o tratamento de cidadãos ou se a democracia exige tratemos por magestades os que p'ra monarchas absolutos e reis constitucionaes da republica... se habilitam em cantellas de trez.

Outros o quereriam, nanja Bazilio Telles que,

por ser honesto, não molha a sopa em mystificações, que por ser intelligente não quererá reincidir nos amarguras, nas desillusões, que, amanhã, como ha doze annos, crucificarião n'um calvario sinuoso de velhacaria, de estupidez e de calumnia, o mystico Nazareno da republica, — Bazilio Telles — como o Nazareno recto e crente, luminoso de intelligencia e de bondade, e como o Nazareno austero, atraiçoado, vendido, calumniado e, pelos seus, como o Nazareno, tantas vezes crucificado...

*

* *

Envolto no surrado gabão dos pescadores, testa ampla, barbicha d'um ruivo grisalho, nariz aquilino e nobre, olhos como os dos felinos perscrutantes e como os d'uma criança, cheios de ingenuidade e de ternura, Bazilio Telles — que na mente de Junqueiro pousou em Nun'Alvares a quando, nos cadinhos do genio, foi da fundição rodinica dos tercetos da *Patria* — é, physicamente, como que a tôsca e extranha corporisição da imagem lendaria de um Jesus que, cansado de latim e cantochão, aborrecido de novenas e thuribulos, houvesse fugido do retabulo primitivo d'uma ermida de mareantes e viesse cá pr'a fóra, cosido com os muros, no lusco fusco d'uma tarde de verão, cauto e surrateiro, a conferenciar em segredo — muito

em segredo! — com os senhores officiaes de terra e mar sobre a maneira efficaz e mysteriosa de n'uma barricada ou n'uma intentona deitar de vez a terra com a monarchia e, d'uma vez p'ra sempre, das cinzas d'uma dynastia torpe e parrana, de grotescos como D. João VI — o boi — e de canalhas como D. Pedro II — o incestuoso — levantar nobre e altiva, immaculada e triumphante, uma Patria nova, que elle visiona, que elle deseja, que elle antevê, mas em que, sabidas as contas, elle não acredita.

Porque sendo ingenita e entranhadamente sceptico, vivendo no descorçoamento amargo e radical dos homens e das coisas, não se fiando nos recursos plasmaticos da raça nem na therapeutica miraculante dos ideaes, duvidando de tudo e de todos, do civismo individual dos contemporaneos e do heroismo legendario dos velhos bandoleiros historicos, descobrindo nos pilhos do nosso tempo as taras degenerativas da mediocridade irremediavel e integrando-a, physiologicamente, como consequencia das bastardias e cruzamentos com a gafaria immunda das judiarias, da escravatura e dos conventos que, de Alcacer-Kibir p'ra diante, se infiltrou no mais limpo sangue lusitano, Bazilio Telles, prevendo o desfecho em lixo de um regimen de veniaga e corrupção, presagiando o descalabro em trampa de uma nacionalidade de biltres e pandilhas, tenta applicar, conscienciosamente, ao organismo depauperado e canceroso de Portugal,

o vesicatorio da revolução, como um medico, á cabeceira d'um moribundo e na enfermearia de um hospital, por dever de officio, sem esperança de cura e não tendo em mira a pecunia, honesta e cruelmente, emprega a metralha toda, sedenhos e ventosas, causticos e pontas de fogo, p'ra retardar uns minutos a intervenção final do cangalheiro.

Bazilio Telles apella p'r'á revolução, trabalha pela republica, porque logicamente, racionalmente, só a revolução e a republica poderiam ainda galvanisar com o estremeção violento das grandes crises e dos grandes abalos este cadaver apodrecido de uma nacionalidade cuja certidão de obito traz a data, já esquecida, da aventura de D. Sebastião em terras de moiros e a causa da morte se origina no abuso do cravo e da pimenta, das especiarias e dos latrocinios das epopeas maritimas e guerreiras que epilogaram no deboche sanguinolento do emporio das Indias e vieram a cahir, pelo tempo fora, de desastre em desastre, de vergonha em vergonha, de infamia em infamia, nos barrancos da dominação castelhana, na ignominia da restauração brigantina, nas capitulações do tratado de Metwen, na crapula da *Anti-catastrophe,* nas orgias de Mafra e d'Odivellas, nos patibulos de Belem, na farça lugubre da segunda e autentica descoberta do caminho maritimo p'r'ó Brasil, no drama sordido dos *Dois irmãos* e no escarro da intervenção extrangeira da *Boa-Mãe*

que, ao abrir, em 1848, o periodo contemporaneo, ergueu o panno e iniciou em sangue a exhibição miseravel e suja da frandulagem do nosso tempo—a frescata fontista: emprestimos sobre emprestimos, corrupção sobre corrupção; e o reinado do adeantamentos: 11 de janeiro, 20 de agosto, Keonga, golpes de estado, lamas do Tejo, convenios, conversões, joias de D. Miguel, outras-metades, dictaduras, pantanos, vasas, porcaria, monturos, que parecendo os ultimos arrancos da historia de um regimen, marcam, inexoraveis e fataes, as phases derradeiras, os extremos lampejos fatuos da podridão de um povo.

E morta e aprodecida assim, a patria portugueza, Bazilio Telles, apella p'r'á revolução, trabalha pela republica, intransigentemente, incansavelmente, porque, descrido do passado, desilludido do presente, ainda espera no futuro, o milagre de um regimen novo, creando, na eterna transformação das coisas, da carcassa podre de uma nacionalidade morta, a resurreição maravilhosa de uma nova Patria, de uma Patria viva.

No republicanismo portuguez todos trabalham ou dizem trabalhar por uma transformação de regimen e todos se julgariam chegados ao triumpho com a mudança de instituições.

Bazilio Telles— não.

Pr'a elle é apenas um meio o que p'r'ós outros é um fim e acreditando, como todos, que a queda da monarchia e a proclamação da repu-

blica é um simples incidente, fatal e irremissivel,—hoje reduzido a meras contingencias do *Borda d'Agua,* podendo cahir na lua nova ou retardar-se té ao solsticio do verão—o seu espirito alla-se pelo infinito do seu desejo e visiona p'r'alem da fumarada dos combates, a alvorada de uma patria em que, pratico e positivo, moderno S. Thomé, não acreditará sem a ver, mas em que, como abstemio, como sonhador, como poeta, concretisa todos os seus sonhos, enfeixa todas as suas aspirações, realiza todos os seus ideaes e absorve e encarna todas as ardencias do seu cerebro e todos os amores do seu coração.

E isso, exactamente, o singularisa e o alheia, o distingue e o separa da grande massa dos seus confrades e eleitores: Bazilio Telles quer a republica, trabalha pela republica, arrisca pela republica a sua vida—como em 31 de janeiro—sacrifica pela republica o seu bem estar, o seu pão, a sua carreira, os seus livros, ama a republica com o exclusivismo ardente, cego e obsecante de quem na vida não conheceu outro amor, porque da republica ha de vir—se vier—uma nova patria, um Portugal novo, tão cheio de venturas e de glorias, tão epicamente grande e tão soberanamente bello, que fará esquecer e fará offuscar tudo o que de epico e de grande, de bello e de glorioso se conta, um pouco lendariamente, d'esta nossa velha patria, d'este nosso Portugal antigo, que deu mundos

novos ao mundo, e que, na dynastia de Aviz, chegou a ser terra de heroes, de navegadores, de troveiros e de namorados.

E isso o singularisa isso o isola no meio da multidão: elle trabalha, elle lucta, elle soffre por essa republica, deseja-a, quere-a, ama-a, tudo lhe sacrifica e tudo lhe consagra, porque essa republica é p'ra Bazilio Telles, n'uma idealização de poeta, a esperança de uma Patria, emquanto p'r'á grande maioria dos seus confrades e eleitores essa republica é, mais prosaicamente, n'uma concretisação de problematicos interesses, uma compensação ou um arranjo, um premio ou um conchego — modo de vida p'ra uns, figura de rhetorica p'ra outros — p'ra todos um protesto contra o presente que nos avilta, p'ra alguns um nicho que vaga ou uma manga de alpaca que se offerece e, p'ra raros, uma vida de trabalho, de estudo, de perseverança e de sacrificio que se inicia.

Uma patria, sel-o-ia só p'ra Bazilio Telles, que n'um partido de patriotas em que, como ninguem, elle synthetisa e quintessencía o espirito do patriotismo, é talvez — e por isso mesmo — o unico desterrado, o unico, que vivendo no Porto, onde nasceu, em Massarellos a 14 de fevereiro de 1856, onde cursou os preparatorios, a Academia Polytechnica e quasi todas as cadeiras da Escola Medica (1875), ainda não deixou o exilio p'ra onde o levou o movimento do 31 de janeiro e d'onde, realmente, voltou em

1898 p'ra organisar o trama revolucionario que no fim d'esse anno fracassou, pois que, Bazilio Telles, leccionando no Porto litteratura, philosophia e sciencias naturaes, collaborando em jornaes e revistas, escrevendo a *Carestia da vida nos Campos,* os *Estudos historicos e economicos,* a *Introducção ao Estudo do Trabalho nacional,* o *Problema agricola* e *Do ultimatum ao 31 de janeiro,* Bazilio Telles, na sua trapeira como n'uma cella, no seu Porto como n'um claustro, dentro da sua terra como n'um ermo, sentindo pulsar o coração e a vida da sua patria, é o unico que tendo prendido á ideia da Patria todos os seus affectos, todas as suas ternuras, todos os seus carinhos de filho, todos os seus afagos de amante, amando-a como os outros amam os filhos, desejando-a como os outros desejam a Mulher — é dentro da sua patria... um expatriado.

*

* *

Porquê?

Mesmo quem não vae aos circos, desanuviar nas cabriolas e nos esgares dos saltimbancos, as agruras do dia a dia, os que mais afastados andam de coisas de palhaços e cavallinhos — que, afinal, piruetas e cavallidades são o pão nosso quotidiano — não ignoram, por certo, que um dos numeros mais sensacionaes, que a pezo de ouro se disputam os Barnums de todo o mundo p'ra chamarisar o publico aos seus car-

tazes é constituido pela simples e desataviada apresentação na arena d'um membrudo chimpanzé, que sauda protocolarmente a companhia, pedaleja n'uma bicyclette, guia o seu automovel, fuma o seu charuto, sorri ás damas, deita o monoculo aos cavalheiros, bebe cerveja, mastiga entre dentes os artigos de fundo das gazetas, toma uma ligeira refeição, limpa-se ao guardanapo, dá dois guinchos, despe-se com requintes de decencia e, mettendo-se na cama, —não sei se depois de se persignar como manda a Santa Madre Egreja,—adormece como um bemaventurado e resona como um justo.

Chama-se Consul no cartaz e o seu emprezario empocha actualmente vinte mil francos nas Folies-Bergères, mas já lhe offerecem trinta mil por uma visita a Londres, e a America — sempre americana — lá do outro lado do Oceano está-lhe acenando, não com uma banana que o adagio diz ser a gulodice suprema do macaco — mas com o melhor de quatrocentos mil francos... ou sejam oitenta contos com o cambio redondo, a dois tostões.

Estaes a vêr com que blandicias e disvelos por banda dos que o exploram e cartazeiam não será tratado e apaparicado — feliz entre os mortaes felizes!—este alminha do Senhor, que apenas se distingue do seu dono, em ter um pouco mais achatado o craneo, um pouco mais alongados os braços, um pouco menos de loquacidade e mais farto o pello por todo o seu bemdito corpo.

Viaja em comboios especiaes, tem a seu lado um medico — ou alveitar salvo seja — criados que o banham, que o agasalham, que o catam, que o penteiam, que o servem: todos os cuidados da hygiene, todos os requintes do conforto, da moda, do luxo e da civilisação ao seu dispôr.

Se o homem é, dês das blagues biblicas, o rei da creação, Consul, avô do homem, deveria ser, n'este picaro começo do seculo XX, a mais bem apetrechada creatura, p'ra n'uma epoca democratica e niveladora exercer, com felicidade e por largos annos, essa realeza.

Mas não é.

Consul, arrancado ás selvas, Consul domesticado, Consul de casaca, Consul de bicycletta, Consul de automovel, Consul de charuto, Consul a saborear as gazetas, Consul sentado á meza, Consul a fazer olho ás damas, Consul a persignar-se, Consul a dormir entre lençoes... Consul é um animal desgraçado, um animal doente e quasi moribundo.

O seu emprezario chama-lhe Consul e p'ra Consul convergem todas as homenagens e todas as admirações, mas Consul 1.º estreou-se em Paris em 1903 e Consul 1.º morreu em Berlim em 1904. Consul 2.º esteve em Madrid e em Lisboa em dezembro de 1905 e logo, em junho de 1906, Consul morreu em Paris.

O 3.º Consul estreou-se em Amsterdam no 1.º de maio de 1906 p'ra morrer em Buenos Ayres a 15 de julho do mesmo anno.

E assim successivamente os Consules se teem succedido uns após outros, seis mezes de gloria, um trimestre de civilização e lá morrem todos, uns após outros, com o mesmo mal extranho, quasi fulminante: a expatriação.

*

* *

Mal comparado, Bazilio Telles é, com o devido respeito, no meio da sociedade portugueza e a dentro do partido republicano, uma especie de Consul.

O seu nome no cartaz de um directorio é p'ra os homens de cabeça e pr'os homens de honra, p'ra todos os que sabem pensar e não querem prostituir-se, uma garantia, um incentivo, um traço de cohesão e um elo de disciplina.

Não chama, é claro, a multidão mas fortalece e congrega, põe na fileira e aguerreia os que não precisam um curso p'ra ser intellectuaes, nem brandem um attestado de bom comportamento, p'ra mostrar que são dignos.

Apparentemente, como Consul se assemelha a um *gentleman,* Bazilio não se distingue de resto dos seus concidadãos. Com um pouco mais de rhetorica seria um tribuno, com um pouco menos de modestia seria, em celebridade nacional, uma apetitosa marca de bolacha ou a elegante fôrma de um chapeu molle.

Se conseguisse fazer o vacuo no cerebro

seria Bazilio Telles o maior dos jornalistas e se conseguisse desprender-se das cadeias rigidas da sua austeridade — ninguem lhe levava as lampas como politico.

Apparentemente é como os outros. Talvez mais humilde no trajo, talvez mais sacudido no fallar.

Na apparencia é um cidadão do Porto — muito do Porto na prenuncia nazalada dos ditongos e na tenacidade do trabalho, tripeiro té á medula, d'uma alfacinhophobia consciente de quem vê em Lisboa a Arcada e na Arcada o cancro de todo o organismo, de todas as energias, de todas as aspirações...

Nada o distingue na apparencia e tudo, intima e visceralmente, o afasta, tudo o antagonisa com o que o rodeia: — homens e coisas, factos e ideas...

Como a civilisação mata os Consules, que sentem, entre o luxo e o conforto, a nostalgia e a saudade das selvas, Bazilio, entre os seus concidadãos, entre os seus camaradas, sente-se estiolar, sente-se morrer.

Retrahe-se, isola-se, ensimesma-se. E depois, retrahido, isolado, ensimesmado, pensa, trabalha, estuda, reflecte, investiga, escreve.

Escreve e ninguem o lê.

Mas escreve sempre e se não fôra a necessidade morbida, a fatalidade pathologica que lhe deu uma penna e o deixa assim transmittir do seu isolamento, da sua torre de marfim, as

locubrações do seu cerebro e os anceios da sua alma, os seus planos de pensador — que em economia politica se avantaja aos maiores — e os seus sonhos de patriota, elle deixar-se-ia morrer, lentamente, como um justo, como um santo, não com as saudades do ceu de que falla o classico, não com as saudades da selva que matam o Consul, mas com as saudades da Patria que elle sonhou e em que não crê, que elle ama e que não possue, porque, não é, não pode ser a patria do incansavel trabalhador Bazilio Telles, o ultimo asceta, o ultimo spartano, o derradeiro abstemio e um dos maiores cerebros da nossa terra, não é, não pode ser a sua patria, este montão de esterco a apodrecer ao sol, em que a mandria é um evangelho, a velhacaria um dogma, o roubo uma profissão liberal, a calumnia uma instituição do estado, a traição a mais limpa das armas, a insignificancia a geradora de todos os triumphos e a rhetorica a alma-mater, o deus ex-machina de todos os nossos grandes homens, de todas as nossas grandes acções...

Por isso Bazilio Telles, dentro da sua trapeira como n'uma cella, no seu Porto como n'um claustro, dentro da sua terra como n'um ermo, sentindo pulsar o coração e a vida da sua patria — como Consul nos circos, rodeado de civilisação e de conforto — é hoje e será amanhã, como já era, vae p'ra doze annos, um expatriado...

Por isso me surprehenderam os jornaes, esta

manhã, com a nova de ter sido eleito p'r'ó directorio republicano Bazilio Telles — o mystico Nazareno da Republica, como o Nazareno recto e crente, luminoso de intelligencia e de bondade, e, como o Nazareno austero, atraiçoado, vendido e calumniado e pelos seus — como o Nazareno — mais uma vez crucificado...

Pharol abril 1909.

MAGALHÃES LIMA

De todas as carrancas vermelhas da jacobinagem é a sua carranca loura, d'um republicanismo furta-côres — umas vezes, rubro como o sangue das barricadas, outras marés, azul e branco como os remendos da Carta — a que, ha mais tempo, ferio a minha retina e a primeira, talvez, em que corporisei e colori as minhas precoces convicções de pequerrucho, n'uma admiração intuitiva e expontanea de fedêlho preto pela sua gravata encarnada de homem notavel, de grande homem nacional.

Chronologicamente foi o meu primeiro idolo, porque, ainda de cueiros, foi na sua prosa que apprendi a soletrar e talvez por ter sido elle em politica o meu primeiro chefe é que, tão cêdo eu me emancipei de chefaturas e disciplinas e, quebrando coleiras e gargantilhas de conveniencias partidarias, me tenho deixado ir, vida adiante, em refractario e franco-atirador, fóra de todas as fileiras, leigo de todas as irmandades, sem ópa e sem libré, materialmente á margem de todas as honrarias e espiritual-

mente, com o coração, na vanguarda de todas as reivindicações...

Foi o meu primeiro idolo, foi o meu unico chefe e, em coisas da penna, irreverencias das gazetas, insolencias das redacções, Magalhães Lima, que nunca insultei, que posso dizer nunca aggredi, é talvez o meu unico remorso, porque um tempo houve em que elle foi o alvo das minhas ironias, a meta das minhas larachas — especie de cabeça de turco da rhetorica jacobina, bimbalhante e cosmopolita, em que todos descarregavamos, insubmissos e indisciplinados, o humorismo e as facecias do nosso sarampo revolucionario, demagogico e irreverente...

E confesso-o, com orgulho, confesso-o bem alto e de cabeça erguida, porque só assim, ao dizer hoje de Magalhães Lima, o que a consciencia me dicta, o que a justiça me impõe e o que a verdade me obriga, eu sinto que nem o amesquinho nem me envileço, porque tendo sido sincero hontem e sendo honrado hoje, não tendo acamaradado, então, quando em troça aos seus cabellos louros o beliscava, com os que á facada o insultavam e o aggrediam, não me enfileiro, agora, em homenagem aos seus cabellos brancos, com os que o lisongeiam e e exploram, o bajulam e o lambem e que, fazendo degrau de antigos insultos e de velhas aggressões, procuram trepar, na gratidão e no esquecimento do Magalhães Lima que aggrediram e insultaram — uns, á sua benção de pon-

tifice maçonico, outros, ás suas graças de patriarcha do jornalismo, uns, á babugem da sua popularidade internacional, outros, ás migalhas dos seus menus cosmopolitas, e todos, todos, — uns mais, outros menos, mas todos! — senão ás larguezas da sua bolsa, que não perdoam ser intangivel, pelo menos ás prodigalidades da sua adjectivação, que echoam lá fóra, p'r'alem das fronteiras, como repiques de celebridade, muito de cobiçar p'ra quem, cá dentro, entremuros da coscovilhice das nossas ruas, nunca marinhou acima das partes da policia.

*

* *

Vá, pois, de dizer d'elle — o que d'elle sei...

Sebastião Magalhães Lima é, por atavismo, por príncipios e por temperamento, um dos rarissimos republicanos que tomou chá em pequeno — o que, n'uma agglomeração de pés-frescos, que, garotos sorveram ranho e taludos roem as unhas, lhe imprime caracter e lhe explica a linha de nobreza, as boas maneiras e a boa-educação.

Nascido de paes portuguezes no Rio de Janeiro, a 30 de maio de 1850, veiu pequerrucho, p'ra uma terra em que, por essa epocha, o trovejar da eloquencia tribunicia de José Estevão ribombava, dominadora e avassalante, creando na cidade e suas redondezas uma atmosphera rhetorica de liberalismos e emancipações.

Em Aveiro, hoje, ainda todos fallam alto, fallam sempre e fallam grosso mas, no tempo de José Estevão — a quando dos primeiros annos de Magalhães Lima — todos discursavam, discursavam sempre e discursavam bem.

Demosthenes era barqueiro na Ria, Cicero tinha uma lojeca nos Arcos e o *Forum,* ha duvidas — ainda não apuradas pelas investigações eruditas do Sr. Marques Gomes — se erguia as suas columnas em Esgueira ou em Calle da Villa — capital geographica da Gafanha.

A rethorica, essa, estava em toda a parte. Andava no ar. Entrava pelos póros.

A figura magestosa e affavel, grandiloquente e amorosissima de José Estevão, dominava toda a região — e as aguas limpidas e luzentes, serenas e calmas do vastissimo e luminoso estuario do Vouga, toda essa pittoresca e radiosa bacia em que o bom sol portuguez vem banhar-se todas as manhãs p'ra ir, depois, do azul tepido do nosso ceu, illuminar em fulgurações de miragem e de sonho as mais adoraveis e caracteristicas paysagens da nossa Hollanda, essas aguas espelhentas e brandas, quando cortadas pelas prôas cysnicas dos muliceiros, certo, com mais côr e mais exactidão não refractam as linhas harmoniosas das suas embarcações, as figuras esbeltas dos seus marnôtos, a leveza airosa das suas vellas brancas do que, por esse tempo, a alma e a linguagem

de todo o bom vareiro — gafanhões, cagareus e murtoseiros — reproduzia e refractava na sua ingenuidade e na sua rudeza — um pouco da alma e da rhetorica do grande tribuno...

No chalrar da pequenada como nas perlengas dos adultos, o culto regional do inegualavel tribuno do *Porto Pyreu,* traduzia-se, instinctivamente, por phrases redondas e sonoras e por um platonico apêgo a liberalismos, a egualitarismos, a democracias.

Novos e velhos, grandes e pequenos, ricos e pobres, todos zé-estevavam em metaphoras e apostrophes, todos como José Estevão, ardíam em emancipações e fraternidades — e se todos procuravam, como o tribuno, a formula vaga e indecisa de um ideal novo, todos, na imitação inconsciente do mestre, esmaltavam as coisas mais simples e comesinhas da vida, com a sonoridade rhetorica das phrases solemnes e domingueiras.

Saltando de bateira em bateira no convivio são e rude dos pescadores e mercanteis da Ria ou intromettendo-se nas conversas cultas da melhor gente que nos Arcos discutia acalorada as coisas publicas, Magalhães Lima, de calça pelo joelho e fralda ao leu, foi influenciado por este meio, mordido nas suas carnes tenras, acariciado nos seus cabellos louros, por esta atmosphera de tropos e jacobinismos.

Naturalmente, insensivelmente, á sombra de José Estevão — que cobria toda a cidade e

mesmo, pelo verde macio e prateado das aguas da Ria empanava um pouco os raios luminosos do sol — Magalhães Lima impregnou-se de rhetorica e deixou-se empapar pela cadencia brilhante das phrases feitas. (1)

(1) Ao revêr as ultimas provas d'este caderno ligeiro de impressões pessoaes, cahe-me a confirmação do que, mezes antes, escrevera sobre a influencia do grande orador nas gentes da sua terra e consequentemente na formação do caracter de Magalhães Lima, n'estas palavras decisivas e concludentes da mais autorisada e competente das testemunhas — o Sr. Jayme Lima, na sua enthusiastica monographia *José Estevão:* «D'essa tendencia á confiança e abdicação na auctoridade estranha não encontrei melhor exemplo, em toda a minha vida, do que a preponderancia de José Estevão em Aveiro entre os homens da sua geração e entre aquelles que immediatamente lhe succederam. Quando comecei a sentir conscientemente o que em volta de mim se passava, já tinha morrido José Estevão mas que profundo e absoluto imperio não o vi exercer?!... Que largo indisputado reinado! A sua vontade era a sentença ultima; o seu julgamento a suprema justiça. O que queria elle? O que desejava? Como apreciava os factos e as intenções?!... Em tudo, nas coisas pequenas como nas grandes, não se podia ir alem, fossem quaes fossem os caprichos em jogo, sem averiguar primeiro do conselho e mandados de José Estevão, irrevogaveis. A tutela era perfeita. Esse homem, que se batera pela liberdade, deixara-nos escravos do seu proprio dominio; escravidão voluntaria, sem embargo, no fundo de um despotismo... Nem sequer era prudente aventurar juizos sobre o caracter dos contemporaneos com quem elle tratara; estavam julgados, e seriam bons ou maus, con-

De Aveiro, com uma bagagem já succolenta de palavras bonitas e periodos cheios, Magalhães Lima, foi internado em Lisboa, no celebre collegio allemão do velho Roeder — que, ao mesmo tempo que ia amanhando os preparatorios lyceaes segundo os programmas da epoca, creava nos seus discipulos um nucleo de homens que, com espanto dos seus contempora-

---

forme nos seus olhos se houvessem reflectido. «José Estevão dizia . . .» «José Estevão queria . . .»; chegadas a este ponto as discussões rematavam. A lembrança das suas palavras, dos seus gestos e attitudes e do seu proceder derimiam pleitos que a mais avisada ponderação não lograva solver. Os motivos de auctoridade prevaleciam sobre toda e qualquer outra tentativa de explicação. A amizade, que o rodeara de tão grandes dedicações emquanto andou no mundo, redobrava de affecto depois que elle d'aqui partira; e constantemente o resurgia das cinzas para o interrogar e seguir. Belleza e bondade, rectidão e justiça, até o aspecto comico das cousas, tudo elle havia apontado e regrado d'uma vez para sempre, pela imposição do seu pensamento, pelo calor das iras sagradas, e não raro pela rutilancia e agudeza dos gracejos. A voz baixava ao pronunciar-lhe o nome; se alguem evocava aquella sombra e ella voltava no seu esplendor de eterna gloria, emudeciam, por uma intimação profunda de respeito e carinho, quantos entreviram a apparição.

Viveu-se assim em Aveiro durante prolongados annos, n'este temor e veneração ultra-tumular d'uma magestosa figura, sob a soberania d'uma alma nobre entre os mais nobres. N'esta sugeição se vive ainda.» *Jayme de Magalhães Lima* — José Estevão — *pag. IX — França Amado Editor — Coimbra 1909.*

neos — todos enfrascados em humanidades e latinzes — entraram depois na vida, papagueando correntemente os seus quatro idiomas — francez, inglez, italiano e allemão.

E assim, Magalhães Lima, indo caloirar p'ra Lisboa com o bacillus verborraico da rhetorica, foi-se p'ra Coimbra a bacharelar com o microbio polyglota do cosmopolitismo.

Coimbra, então — como hontem, no meu tempo, com Pedros, Pittas e Assizes, como hoje com Assizes, Ayres e Guilhermes, e como amanhã e sempre, emquanto a velha Torre não ruir em lixo e não cahir em pó o ultimo mamarracho da Sala dos Camellos — Coimbra era um forno crematorio de intellectualidades e independencias, mantido nas temperaturas altas da asneira, pela pesporrencia conservadora e dogmatica dos mestres, aquecidos, a seu turno, pelas cartas de empenho, pelas cunhas, pelas dispensas e pelas attestados dos discipulos.

Simplesmente, quando Magalhães Lima, em 1870, se foi com a sua rhetorica e o seu cosmopolitismo, a cursar a Universidade, a Universidade batida havia pouco pela audacia virulenta de Vieira de Castro e pela rebeldia iconoclasta de Anthero, atravessava uma das suas ephemeras e periodicas crises de rejuvanescimento e de progresso — tombas de civilisação e meias-solas de intellectismo, com que, de longe em longe e sempre a seguir a alguma proesa do Fôro Academico, os remendões da

Sebenta tentam encobrir os cravos a desferrarem-se da propria cascaria.

Em 1870, no anno de Sedan e da Communa, a minoria intellectual do corpo docente republicanizava, p'ra se dar ares de caminhar com o seculo e lá dentro, em rebeldia ao Conselho de Decanos, na Universidade, resistente á civilização como o vacuo cerebral dos seus lentes, immutavel no seu conservantismo como a cabula legendaria dos seus alumnos, na Universidade retrograda, fanatica e estupida, a dentro dos doutoraes, do alto da propria cathedra, Adriano Machado, em Economia Politica, admirava Proud'hon e em doses homeopathicas e constitucionaes propinava-o aos discipulos.

Emygdio Garcia republicanisava a lei dos tres estados e servia, na sebenta, Augusto Comte de barrete phrygio.

Perdido nas abstracções da mathematica, emsimesmado na sua consciencia de justo e no isolamento cenobitico da sua sciencia de astronomo, José Falcão buscava já, na amplidão infinita dos ceus, na irradiação luminosa dos astros, o feixe de raios com que, d'ahi a mezes, haveria de fulminar em nome da Justiça e em nome do Direito, o reaccionarismo sanguinolento de Thiers, nos *Martyres da Communa de Paris*.

N'essa atmosphera carregada de democracias platonicas e de phrases sonoras, tendo já Magalhães Lima publicado as *Actualidades* (1872),

os *Padres e Reis* e o *Papa perante o seculo* — brochuras campanudas de ingenuidades e affirmações — uma tarde, em 1874, ao sahir das aulas a estudantada, cahiu nos Geraes, como um raio, esta noticia fulminadora: *Emilio Castellar está em Coimbra.*

Foi um delirio, um assombro.

Castellar que, té á morte, foi em terras palrantes de Castella a encarnação ribombante do verbo palreiro de todas as Hespanhas, era então em Coimbra, o colosso maximo da oratoria e da democracia, o summo pontifice do liberalismo revolucionario, o Supremo Architecto das metaphoras vermelhas e chamejantes.

A Briosa, palreira e democratica, estarreceu.

Eugulhou... Entupio...

Magalhães Lima, porém, capa traçada, cabelleira ao vento, gesto largo, não esteve com meias medidas e elle, que pela vida adiante tem sido espicaçado de ironias por falta de coragem e por falta de audacia, teve um rasgo de temeridade — de escantilhão, com a Briosa atraz, foi-se té á Baixa e em frente das janellas do Hotel Mondego atirou ás faces de Dom Emilio com um repto de rhetorica e de jacobinismo.

Assim viu, mais uma vez a Hespanha que ainda ha portuguesitos valentes e Castellar, da sacada da sua estalagem, não percebeu, mas gostou.

Gostou e applaudio.

Applaudio e veio á puchada, deixando cahir

sobre a massa negra das capas dos estudantes as torrentes caudalosas da sua palavra magica.

E tudo acabou—como é da praxe n'estes regabofes peninsulares de paleio—n'um grande abraço dos *pueblos hermanos*.

Dês d'essa tarde celebre, Magalhães Lima ficou ungido tribuno da Academia, caudilho da republica.

Não era p'ra menos o caso: ministrara-lhe o viatico da rhetorica o magno Sacerdote da Verborrea e dera-lhe a alternativa de democracias o grande espada das Constituintes hespanholas.

Era o destino a imprimir-lhe caracter.

Foi depois d'isto que Magalhães Lima, tendo fundado com Alves da Veiga e Alves de Moraes a *Republica Portugueza,* se bacharelou.

Formou-se.

Em Magalhães Lima, como em nenhum outro, o *formar-se* tem uma completa e uma rigorosa accepção.

Formou-se: isto é, ficou assim—ficou prompto.

*

* *

Agora vejam:

Tendo, bem nascido e bem educado, bebido chá em pequeno, tendo mamado no leite a rhetorica empolada e florente e começado de paraguear as linguas logo em garoto, tendo-lhe repontado com o buço o romantismo e vindo-lhe o republicanismo ao mesmo tempo que o bacharelato, digam-me se Magalhães Lima, po-

deria ter deixado de ser, o que sempre foi — ora com a admiração lamecha das multidões, ora com os sarcarmos crueis dos correligionarios — e o que ainda é, como reliquia do requeblicanismo honesto e bem intencionado: um *gentleman,* uma nobre figura da democracia, palavroso, romanesco, bombastico — um pouco ôco como bacharel, sempre correcto como homem — especie de caixeiro viajante da republica, com credenciaes em pacifismos e livres pensamentos, orador por temperamento, diplomata por educação, jornalista por vicio, deixando-se levar ás vezes — como portuguez — ao sabor dos acontecimentos, sem rumo, sem plano e sem norte, mas navegando sempre — como mareante pratico — por um mar sem baixios de infamias, sem cachopos de velhacaria, sem recifes de pouca vergonha, ás vezes batido pelo vendaval da calumnia, outras, rizando-se contra as refegas da intriga, mas bolinando sempre e de feição, pela causa da republica, da democracia, da emancipação e do livre-pensamento.

*
* *

E, depois, que diabo! o Magalhães Lima, se ainda não proclamou a republica, se ainda não morreu n'uma barricada, estando nós todos, ao fazer d'esta, em monarchia e gosando todos boa saude, não me parece que haja por ahi quem tenha feito mais do que elle...

Nem tanto — vamos com Deus! — porque sendo té hoje e em ultima analyse, a obra solida, inabalavel e definitiva do republicanismo portuguez — que, mesmo de armas na mão, gottejou no Porto, em 31 de janeiro, mais rhetorica nas janellas da Camara do que sangue na rua de Santo Antonio — sendo essa obra já colossal, de propaganda e de affirmações, um vasto e bem architectado edificio de palavras escriptas em artigos e brochuras e de palavras falladas em comicios e conferencias, sendo com sermões laicos que se elevam os chefes e com arengas patrioticas que se heroicisam os tribunos, sendo, té á data, de parola inflamavel a dynamite que explude nas nossas bombas e de vistoso palavreado todas as armas e munições de que — ainda sob palavra! — estão abarrotados os nossos arsenaes revolucionarios — não sei quem mais palavras, discursos, arengas, sermões, prelengas, conferencias e brindes tenha atirado ao mundo do que Magalhães Lima, ha quarenta annos, orador, gastronomo e jornalista e que, não contente em jantar, escrever e fallar pelos cotovellos a dentro das fronteiras, ainda vae, por esses mundos fóra, sempre que pode e ás duas por tres, escrevinhar lerias, comer jantares e debitar coisas, em granadas de eloquencia, em metralhas de oratoria, moendo rhetorica petroleira em todas as aguas da democracia, com todas as pedras do livre pensamento e com todos os ventos da republica...

*

* *

E depois, camaradas, se pelos annos de serviço e pela quantidade d'elles, Magalhães Lima, que, após a sua passagem pela direcção do *Jornal do Commercio,* fundando, em 1880, *O Seculo,* foi candidato em 1881 pelo circulo 98 e fez toda a campanha inicial do centenario de Camões, que encarnou a alma lusitana em todas as refregas do tratado de Lourenço Marques, e, em 1885, purgou no Limoeiro a violencia dos seus artigos de fundo e na brecha tem vindo desde então, incansavel, inquebrantavel, irreductivel na defesa dos seus principios e das suas convicções, se Magalhães Lima, ascendeu pela tarimba ao generalato do grande e aguerrido exercito do partido democratico portuguez, não sei tambem, em qualidade a valor, quem por ahi assoalhe lista mais completa e mais benemerente...

Um tempo houve em que era da moda e dava certos ares de machiavelismo, rir-se a gente dos planos revolucionarios de Magalhães Lima, por se affirmar haver elle marcado a revolução p'ra uma vespera de feriado — não fossem os illustres barricadores e revolucionarios de Coimbra perder o anno por faltas...

Era na epoca em que varões incorruptiveis — que, ao depois, venderam a consciencia por um notariado — não perdoavam a Magalhães

Lima ter vendido a sua parte na propriedade do *Seculo,* quando todos os outros socios haviam já tranquibernado com Silva Graça as suas quotas, no uso aliás legitimo do direito de dispôr do que era seu e sem que isso lhes acarretasse deslustre ou deshonra, como, á viva força e não se sabe porque bullas, era dogma que deshonra e deslustre havia de acarretar sobre Magalhães Lima, que, apuradas as contas, foi quem menos ganhou e quem peor vendeu.

Mas ganhou... mas era rico...

Se perdesse, era tolo e se não fôra rico, sendo honesto, morreria de fome e de miseria, como esse pobre Heliodoro Salgado — inimigo pessoal de Nosso Senhor e fanatico irmão do Supremo Architecto — enterrado com pompa e estrondo mas que eu conheci a comer rancho no Limoeiro e que, condemnado ás custas e sellos d'um processo de imprensa, depois de ter appellado p'r'ó partido, de ter batido á porta de todos os correligionarios, teria de remir os sellos e as custas com mais trez mezes de cadeia, se um amigo — que quasi fora antes um adversario — não atirasse ás guellas esfaimadas da justiça com esses cobres, magros e esverdeados...

*

* *

São as unicas manchas que lhe apontam: ser rico e não ter perdido dinheiro com a republica;

ser rhetorico e em questões de pecunia e responsabilidade... não se fiar em palavreados.

Além d'isso, p'ra correligionarios que p'ra ser asnos não precisaram ir a Coimbra, o ser bacharel é em Magalhães Lima tambem uma macula.

Mas lembrem-se, camaradas,—só o capello imprime caracter e está cheio de borlas e camellos o estado maior republicano.

E quanto a não ter perdido com a republica —perdoem-lh'o, ao menos, em honra e proveito d'aquelles que da Republica fazem modo de vida, dos que a exploram como industria e dos que com ella especulam, talvez com maior vileza e menos pudor, do que, nos bairros sujos, rufiões de melena, especulam com o amor e com a miseria das miseraveis e amorosas femeas de sapato de liga, de saia engommada e com numero na policia.

Varões prudentes, varões sabidos, gloriosos e illustres varões, que os correligionarios admiram, que os correligionarios appoiam, que os correligionarios ovacionam e que os correligionarios põem nos cornos da lua, como, afinal, na lua iriam pôr, ovacionando, appoiando e admirando o proprio Magalhães Lima que, sendo incontestavelmente uma das mais nobres figuras da democracia portugueza, o mais antigo e o mais expontaneo dos seus tribunos, o mais fecundo e o mais ponderado dos seus jornalistas, tendo na sua bagagem de propagandista um par de

brochuras, como *Pela Patria e pela Republica,* o 1.º *de Maio* e a *Federation Ibérique,* tendo como internacionalista feito conhecer e feito respeitar Portugal em quasi todas as capitaes do mundo, sendo em toda a parte um homem limpo e sendo no partido republicano, um homem de convicções — só teria a popularidade fetichista, que é d'uso, agora, ser a aura e o culto dos chefes que o não egualam — se, p'ra lhe perdoarem o estar-se nas tintas p'ra encostos e sablazos, n'uma tombola entre correligionarios, distribuisse tantas meias corôas, como de discursos tem semeado por esses mundos além.

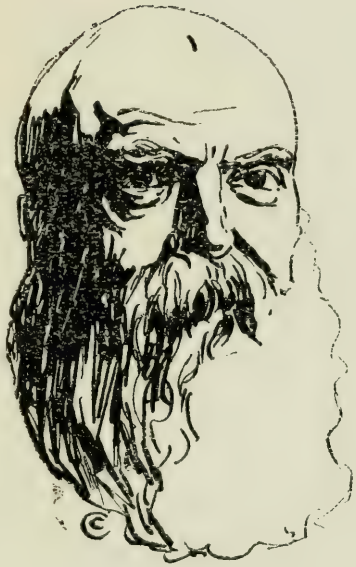
Mas n'isso, é claro, não cahe Magalhães Lima, que, rhetorico, palavroso, bimbalhante de tropos, talvez ôco como bacharel, talvez pueril como revolucionario — Magalhães Lima que entrou rico p'rá republica, que na republica se tem mantido, e que na republica, apesar das suas ruinosas emprezas jornalisticas da *Folha do Povo* e da *Vanguarda,* das suas viagens á Extranja e dos seus banquetes a tanto por cabeça, ainda não empobreceu — Magalhães Lima, se não é um prodigio, Magalhães Lima se não é phenomeno, Magalhães Lima se não é um milagre — Magalhães Lima é um homem de bem como poucos, pobres ou ricos, o teem sido no partido republicano e, como ainda o não foi nenhum homem rico da Republica, Magalhães Lima... é um homem intelligente.

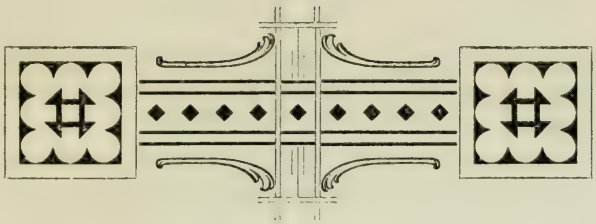
E tomou chá em pequeno...

O que, se, na theoria de Blasco Ibañez, lhe não garante o triumpho na revolução e a popularidade na republica, lhe assegura, com certeza, o respeito, a estima e a sympathia de quem não for irremessivelmente e por falta de açoites maternos, um malcreado e um grosseirão e de quem, em nome da justiça e em nome da verdade, julga um dever de consciencia prestar homenagem a Magalhães Lima, *gentlemam* e nobre figura da democracia, palavroso, romanesco, bombastico — um pouco ôco como bacharel e sempre correcto como homem — especie de caixeiro viajante da republica com credenciaes em pacifismos e livres pensamentos, orador por temperamento, diplomata por educação, jornalista por vicio, deixando-se levar ás vezes — como portuguez — ao sabor dos acontecimentos, sem rumo, sem plano e sem norte, mas navegando sempre — como mareante pratico — por um mar sem baixios de infamia, sem cachopos de velhacaria, sem recifes de pouca vergonha, ás vezes batido pelo vendaval da calumnia, outras risando-se contra as refegas da intriga, mas bolinando sempre e de feição, pela causa da republica, da democracia, da emancipação e do livre pensamento.

Pharol, maio 909.

QUIM MARTINS





Na bella festa—festa de cordialidade democratica—com que, no domingo e a convite da *Escola 31 de Janeiro,* a população republicana, pela palavra de chefes de todas as *nuances* e pelo concurso de homens de todos os temperamentos e de todas as classes, memorou uma data plangente de lagrimas, de lucta e de sangue, consagrando, na apotheose d'essa escola, um futuro de esperança, de pacificação e de amor, destacou, pela eloquencia toda intellectiva do seu verbo, pela bondosa simplicidade da sua figura insinuante e calma, expressiva e risonha, o Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho que—sendo um dos mais fulguros espiritos da nossa terra, venerado pela elite artistica e litteraria do nosso tempo, amado pelas ultimas gerações da mocidade universitaria, estremecido por todos os que em Coimbra teem um coração p'ra sentir ou na Vida teem tido uma dôr p'ra mitigar—era p'r'ó publico alfacinha que enchia a sala da Associa-

ção dos Lojistas, p'r'á grande massa do partido republicano, um desconhecido e um ignorado.

A gente vê caras o não vê corações e anda-se tão farto de surprezas tristes, tão affeito a desilludir-se de homens e coisas, tão cansado, n'esta malfadada republica portugueza, de erguer ás nuvens e saudar em ovações Messias que liquidam em Judas e Cezares que se desfazem em João-Fernandes, que, embora o arrebatado e caloroso enthusiasmo com que todos sagramos a instinctiva sympathia que o Dr. Teixeira de Carvalho inspirou aos que, não o conhecendo, viram, apenas elle assomou ao estrado, que estava ali alguem que a todos sobrelevava pela acuidade penetrante do seu espirito, pela convicção arreigada da sua fé e pela audacia generosa do seu peito; embora a ovação fermente com que todos o glorificamos ao terminar o seu discurso me chegasse a convencer de que todos os que ali nos apinhavamos o conheciamos como eu o conheço — exactamente porque tenho a felicidade de o conhecer melhor que os outros e porque o venero, como todos o hão de venerar quando, como eu, o conhecerem — sinto a necessidade imperiosa de dizer d'elle, do seu passado cheio de revoltas e de desassombros, da sua alma plena de generosidades e de altruismos, do seu talento complexo e scintillantissimo, quanto do seu passado, da sua alma e do seu talento sei,—tudo o que, nimbando-o no meu affe-

cto como um mestre e um irmão, ao meu cerebro o impõe como um homem, n'uma epoca e n'um meio em que os homens são apenas estomagos e em que a humanidade se reduz a um monstruoso apparelho digestivo — boccas que mastigam, guellas que engolem, panças que digerem: legiões de consciencias que na ceva se assemelham a varas de porcos no montado...

*

* *

O Quim Martins — porque *Dr. Teixeira de Carvalho* é muito arrevesado e sôa falso ao echo dos corações que no Quim Martins aprenderam o que é um grande caracter servido por um grande talento, o que é um radioso espirito aquecido por uma infinita bondade — nasceu de familia proba e sem taras, nas asperas serranias de Lamego a 29 de abril de 1861 e veio p'ra Coimbra, engrolados os preparatorios, a conquistar n'um curso agitado e ruidoso os primeiros premios e as mais altas distincções academicas de uma formatura em medicina...

Coimbra fel-o medico, deu-lhe um capello e recusou-lhe estupidamente uma cathedra.

Mas como a natureza o fizera artista, se felizmente a Universidade o não fez lente, as pedras rendilhadas dos templos e dos monumentos que fazem de Coimbra a joia architectonica e artistica de Portugal, a vida intensivamente revo-

lucionaria e intellectual que — em contra-veneno ao dogmatismo universatario bestilisante e atrophiador das aulas — nos cafés, nos Geraes e pelas republicas, faz de Coimbra o cerebro do pensamento lusitano e o foco irradiante da revolta nacional, a Coimbra bohemia, a Coimbra blaguenta, a Coimbra da lenda, todas essas Coimbras terra d'-encantos, Coimbras da trova e dos amores, que se agitam e perneiam sob a crôsta dura e bisonha da Coimbra-cathedratica, casaram-se intimamente, fundiram-se por inteiro com o feitio original e insubmisso do Quim Martins, com as suas aspirações de independencia, com as suas intransigencias litterarias, com a sua bohemia intelligente, com o seu amor esthetico pelas velhas coisas portuguezas, com o seu temperamento cascalhante de alegria e com o seu espirito sempre risonho de revoltado.

E Quim Martins traçando o capello nos hombros, como em estudante traçara a capa, esquecendo em casa a borla como se esquecesse o gôrro, estudante entre estudantes, estudante mesmo no convivio com os lentes, Quim Martins deixou-se ficar em Coimbra, clinicando, bricàbracando, desenhando, blagando, jacobinando, colleccionando, estudando e escrevendo, a embirrar muito a sério com o amarello das suas insignias, a irritar a toda a hora a pesporrencia dos doutores com a sua camaradagem com os rapazes, a investigar com a pa-

ciencia de um benedictino a vida do passado nos pedregulhos dos monumentos e nos codices da Bibliotheca, a dissecar com a pericia de um sabio os mysterios da Morte, nos cadaveres do theatro Anatomico, a amar com os fervores mysticos de um asceta a Arte, a familia e a sua terra—trindade santissima, una e indivisivel no seu peito, da sua religião de artista, de homem e de portuguez.

Em Coimbra ficou e de Coimbra não sahe porque, identificado com o meio, integralisando o pittoresco scenographico da paysagem mondeguina com as suas barbas alvas e emmaranhadas de um Verlaine que fosse um Tolstoi, Coimbra é hoje um dominio seu, uma especie de solar morgadio que, pertencendo-lhe por direito proprio, de jus e herdade, elle democratisou e consente generoso que seja um pouco de nós todos, reservando só p'ra si — e porque não pode fugir-lhes — a vassalagem de affecto que todos prestam á extranha bondade da sua alma, as arrhas de admiração que todos rendem á affabilidade do seu caracter sem escaninhos.

Coimbra é d'elle porque Coimbra, na sua lenda, é a alegria e a mocidade — e ninguem, como o Quim Martins, com as suas barbas apostolicas e a sua calva ameaçadora, jámais encarnou tão jovial e prazenteira, tão franca e intelligente, tão sadia e tão travessa, a santa Alegria da gente moça do nosso risonho Portugal — sempre fragalhoteiro e amigo de se rir

da tristeza que não paga dividas, da vida que são dois dias, do sol que aloira as cêpas, da lua que illumina as esfolhadas, dos homens que cantando mourejam nas ceifas, das moças que em vida de amores, cantando ao nascer — morrem a cantar.

Coimbra é a terra do riso.

N'outra terra, Quim Martins seria um exilado, porque é rindo que elle vive, rindo que pensa, rindo que falla, rindo que estuda, rindo que escreve, rindo que disseca, rindo que desenha, rindo que trabalha: — com o seu riso tem, como medico, feito curas estupendas e nunca rindo, como critico, jamais, como elle, alguem arrancou a rir coiro e cabello aos seus semelhantes.

Mas rindo sempre um riso franco, um riso são, um riso intelligente, um riso aberto — riso de quem vê e comprehende, riso de quem sente e raciocina, riso de quem, mesmo rindo, soffre porque os outros não riam e tenham razão de chorar.

*

* *

No dia do Doutoramento, a 29 d'abril de 1888, quando, com lentes nos doutoraes, senhoras nas tribunas e mestre Paixão — o alfaiate — a precursar na teia mestre Monsaraz — o poeta — em plena sala dos Camellos, sorumbatica e fria, solemne e mazomba, Quim Martins que, contra todas as praxes não escrevera

e nem sequer engenhorocara o seu discurso inaugural de venias e agradecimentos e que, simulava lêr em surdina, d'um rolo de papel em branco, uma lenga-lenga monotona e inarticulada, elle, que, gritando-lhe todos, *Mais alto! Mais alto!* — na ancia de não perderem pitada dos boccadinhos de ouro, que, segundo o ritual universatario, deveriam estar a escorrer-lhe dos gorgomillos em frouxos de contumelias e gratidões — elle, não tendo outro remedio e começando a improvisar a mais elegante e mais sentida das orações academicas té hoje ali recitadas e que Pinheiro Chagas, um mestre da palavra, elogiou com calor no seu *Correio da Manhã* — elle, o Quim Martins, como tracejando na recordação do seu passado de estudante todo o programma do seu futuro de doutor, lá o disse bem alto e bem claro: *Não é este, meus seuhores, o dia mais alegre da minha vida — como é de uso e é quasi de lei — o dizer-se n'este logar e em dias semelhantes. Não! O dia de hoje é tão alegre como foi o dia de hontem, como alegre será o dia de amanhã e como serão e tem sido sempre alegres os dias da minha alegre vida, que eu banho na alegria sã, na alegria irritante, da alegre paz da minha consciencia.*

E como homem de palavra, — porque é em dignidade e caracter modelo de homens serios, este homem risonho — Quim Martins tem cumprido o seu programma á risca, integralmente,

dia a dia, linha por linha, palavra por palavra, ponto por ponto.

É ver:

Não se dá em Coimbra uma gargalhada que Quim Martins não sublinhe com um sorriso; não ha blague de espirito, troça esfuseante de humorismo ou festa ruidosa de rapazes em que elle não collabore ou não intervenha com uma ornamentação, uma idea, uma facecia, ás vezes um traço, dois rabiscos, um dito, que prende á aza leve da mocidade o guiso scintillante da alegria.

Nas recitas de despedida Quim Martins sente-se quintannista todos os annos e nos espectaculos da Tuna, recitas de caridade, saraus de beneficencia—nos proprios bailes do Instituto!—elle é, com um cunho de Arte e de talento—o Emprezario do Riso, o Arrumador da Gargalhada, o Arauto da Facecia, o Guarda-Mór do Humorismo.

Nunca em Coimbra onde se ri sempre, se riu como no *Centenario da Sebenta*.

A alegria era de todos. A mocidade era dos estudantes.

Mas o riso, esse, era do Quim Martins, o delineador de todos os festejos, o ornamentador de todos os carros, o inspirador de todas as troças, o collaborador de todas as chalaças, o inventor de todas as *charges*, o illustrador de todas as allusões e o auctor, esculptor, modelador, ornamentador, decorador

e constructor d'esse monumento eterno da chacota que se chamou a *Estatua da Sebenta* e que, durando apenas no seu soclo de cartão o espaço de algumas horas, ha de perdurar na historia das troças academicas, nas lendas facetas da mocidade que sabe rir, o que nos seus pedestaes de marmore, certo, não durarão os bronzes solemnes d'esses grandes homens que já hoje, vistos de perto, nos parecem pelos seus feitos ou pelos seus escriptos, pelas suas manhas e pelas suas artes, ampliações sobrenaturaes de homens atarracados ou reducções humanas de avantajados mariolões.

*

* *

Quim Martins tem rido. Ri-se. Ha de rir.

E apesar d'isso, homem limpo entre gente limpa, foi elle que me servio de bitola pelo seu talento, pelo seu caracter, pela bondade evangelica que resombra de todos os seus actos e pela intelligencia cultissima que transluz em todas as suas acções, pelo amoroso respeito que mesmo rindo lhe mareja os olhos ao recordar a imagem estremecida da que foi a mais santa e mais amada das mães e pela altiva honestidade, que, dentro da sua bohemia, traça em linhas de rectidão e de dignidade, toda a nobreza de um temperamento que não estuda a moral nas convenções da hypocrisia, foi o

Quim Martins, que toda a vida tem rido, que ri e ha de rir sempre, quem, entre homens serios, me deu o cunho e os moldes em que vazo e modélo instinctivamente, por uma necessidade de espirito e por um impulso de consciencia, a admiração e o respeito, a sympathia e o enthusiasmo com que, vida fóra, vou tirando o meu chapeu e vou rendendo os meus preitos, aos que tendo um cerebro não se envergonham de ter um coração e aos que, tendo um coração e um cerebro, sabem e conseguem subordinal-os a uma consciencia sem parenthesis e a um caracter sem entrelinhas.

E o Quim Martins é d'esses.

Rindo, é-o como medico; rindo, é-o como homem de sciencia; rindo, é-o como artista; rindo, é-o como escriptor; rindo, é-o como republicano: rindo, rindo sempre, sempre alegre, mas dando sempre, no seu riso e na sua alegria, a impressão exacta, rigorosa e justa, de uma individualidade superior, distincta, complexa e originalissima.

E assim:

Como medico, tem hoje, n'uma terra em que ha mais lentes do que gente e muito mais medicos do que doentes, uma clinica numerosa e extensa: — a dos rapazes, que o adoram como ao mais querido e jocundo dos companheiros, sempre prompto a partilhar-lhes das alegrias e a suavisar-lhes as tristezas, o primeiro a apparecer no momento do perigo e o ultimo a retirar

na hora das responsabilidades; — a dos pobres, que o veneram como ao mais carinhoso dos amigos, bolsa aberta p'ra acudir a todas as mizerias, sorriso franco p'ra escutar todas as consultas — medico de corpos que combate o soffrimento sem olhar á esportula, cirurgião de almas que dá o refrigerio do seu affecto sem inquirir as pagas da gratidão.

Como scientista, os seus trabalhos de anatomia, que lhe criaram um nome com larga resonancia no Extrangeiro — onde algumas das suas preparações anatomicas destacam em Paris entre as preciosidades do *Instituto Pasteur,* as suas argumentações cerradas nos concursos da Faculdade, que lhe fecharam — mais ainda que a sua alegria — as portas da cathedra, por serem acanhadas as cubagens das aulas p'ra tanto saber enroscado em tanta irreverencia, a sua collaboração em congressos e os seus trabalhos no Museu Anatomico, dão-lhe, na opinião dos que conhecem o movimento medico portuguez, um logar distincto e inconfundivel na Ala dos Namorados da medicina coimbran, como discipulo do velho João Jacintho — mestre dos mestres — e herdeiro e continuador das tradicções e da gloria de Fillipe do Quental — sempre risonho e faceto, seu collateral remoto e seu amigo constante, que tendo sido o seu professor e o padrinho do seu capello, é ainda hoje uma das mais pungentes saudades do seu coração agradecido.

Como artista, a organisação do Museu do Instituto — a que elle já testou as suas maravilhosas collecções de ceramica, os seus estudos monographicos sobre os monumentos de Coimbra, sobre as artes do ferro, sobre os oleiros e ourives e sobre a Renascença em Portugal, os seus ineditos preciosissimos de critica e investigação, as suas compilações exegeticas dos autos populares e das tragi-comedias jesuiticas, os desenhos lapidares que d'entre a papelada abracadabrante das suas algibeiras cahem na avara admiração dos que o rodeiam, o respeito com que o ouvem os mais altos artistas e os archeologos mais eruditos do nosso tempo e a communhão de ideas e de trabalhos que, em Arte e em politica, o unem fraternalmente a Antonio Augusto Gonçalves — esse extraordinario e modestissimo artista de quem, ainda um dia, vos hei de fallar tambem — fazem do Quim Martins uma das mais raras e complexas, das mais integras e completas, das mais originaes e perfeitas individualidades artisticas e litterarias da nossa terra.

Como escriptor, elle que nunca publicou um livro e que tem dezenas de volumes dispersos pelas gazetas, é, nos seus contos e nas suas paysagens, nas suas balladas antigas, nas suas inimitaveis impressões de theatro e nos seus commentarios de exposições, dos mais requintados e dos mais finos, dos mais subtis e acutos buriladores da prosa portugueza: o seu humo-

rismo delicado e alacre, a sua ironia leve e acerada sendo lusitanissimos — porque o Humorismo e a Ironia ganharam fóros de cidade no Cavalleiro de Oliveira antes de se divinisarem em Eça de Queiroz — dão facetas metalicas de inedito e de imprevisto ao seu estylo enamorado das linhas serenas da Grecia, que, na incisão forte dos seus periodos curtos e simples, traduz como nenhum outro a Belleza forte dos hellenos na plasticidade rhythmica de Anatole France, que não escrevendo melhor o francez do que em portuguez escreve o Quim Martins, é hoje o soberano prosador da França democratica e emancipada.

Como republicano, elle que nos vem da escola spartana de José Falcão, tendo sido o cabecilha mais novo e mais alegre das rijas campanhas coimbrans de Eduardo Abreu, foi, mais tarde o guia risonho e o mestre sempre jocundo de todas as gerações de rebeldes que, depois da phalange de Antonio José d'Almeida, em Coimbra, teem levantado o estandarte altivo da Revolta e da Insubordinação.

Foi sempre, dês do primeiro numero, a alma e o nervo da *Resistencia* e o que é esse jornal, o que elle vale e o que elle representa no jornalismo republicano, não posso eu dizel-o, que n'elle fiz as minhas primeiras armas, que a elle estou preso pela saudade das minhas primeiras escaramuças, pelos mais vivos e perduraveis affectos de meu coração.

Como republicano, o Quim Martins, é a *Resistencia* e sendo a *Resistencia* o Quim Martins, p'ra que hei de eu dizer-vos, camaradas, o que elle tem sido, o que elle é e o que elle pode vir a ser na defesa e propaganda, nas luctas e nas victorias da causa da Republica?

*

* *

Esta — a obra do seu espirito, do seu cerebro...

A obra do seu coração porem, todos em Coimbra a trazem, como n'um relicario, na recordação sempre viva, na affeição sempre extremosa, dos que elle tem soccorrido com as prodigalidades da sua bolsa sempre aberta, com os carinhos da sua assistencia sempre piedosa, com os extremos da sua caridade sempre evangelica.

Não tendo filhos esbanja com os pobres, rotos, tropegos e miseraveis, affeições e cuidados de pae e sabendo no lar como é requintado e santo o amor de irmãos, Quim Martins em cada capa negra de estudante, em cada quinzena de operario, nos farrapos dos mendigos e, té ás vezes, sob o capello dos mestres, sente bater e pulsar o sangue de um irmão.

E assim se explica o enthusiasmo febril, o santo ardor com que elle vem trabalhando ha tantos annos por essa *Philantropica Acade-*

mica—que ao Quim Martins, mais do que a ninguem, deve o ter vingado e ter florido, vencendo obstaculos, derramando beneficios, espalhando confortos, esparzindo alentos—n'uma obra da solidariedade tão intensa e tão proficua que eu não sei porque não anda ella por ahi apregoada, cartezeada e enaltecida n'esta epoca de solidarismos e auxilios-mutuos.

A *Philantropica* tem sido o apoio moral e material de centenares de estudantes que á *Philantropica* deveram o pão do corpo e o pão do espirito.

De muitos tem sido mais que um amparo: tem sido mãe.

E como mãe, Quim Martins que, na saudade infinita por sua mãe, adora e respeita, aureoliza e santifica todas as maternidades, tem consagrado á *Philantropica,* annos da sua vida, pedaços da sua alma, todas as ardencias do seu espirito, o melhor dos affectos do seu coração.

Um dia ia-lhe sacrificando a sua popularidade —levando á Rainha Amelia um ramo de flores.

Mas era tão nobre e tão alto o seu gesto, andavam tão limpidas e serenas pelo intangivel da Dignidade a pureza das suas convicções e a intransigencia dos seus principios, que, á volta da Estação-Velha, entregues as flores e feitas as contumelias do estylo, todos saudaram no Presidente da *Philantropica* o barrete phrygio, cada vez mais rubro e mais assanhado do jacobino.

Quim Martins não se curva, não se torce, não se verga: mas na defeza dos seus pobres, pelo interesse da sua *Philantropica*, Quim Martins que muitas vezes tem estendido a mão n'uma supplica, não se arreceiou, n'esse dia, de dobrar o joelho n'um preito de gratidão.

E todos o comprehenderam. Todos o justificaram. E se miseraveis houve que ladriram, Quim Martins não os ouvio e foi o primeiro a perdoar-lhes: «*Alguma vez havia de se sentir lua, quem tanto a namora em noites de luar!*»

*

* *

É um homem. Um homem que tem rido, que ri, que ha de rir, um homem alegre e risonho, que se banha na alegria sã, na alegria irritante da alegre paz da sua consciencia.

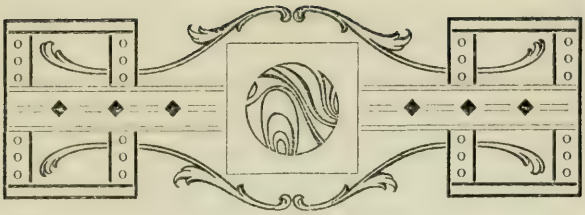
Um homem.

E um homem de bem, intelligente e honrado, cultissimo e independente, sem refolhos de hypocrisia e sem intolerantismos de sectario, firme nas suas convicções e generoso nos seus combates, coração de criança em barbas de apostolo, espirito de rapaz em peito de portuguez antigo, sensibidade de Santo em tempera de luctador, artista por natureza e por educação, artista té ao tutano e artista sempre, tão bondoso e digno, tão captivante e simples, que minha mãe — a santa creatura, que, na excessi-

vidade do seu amor se afflige e chora sempre que lhe vão dizer que ando a escrevinhar nas folhas — vae ter uma grande alegria sabendo que hoje fallei aos corações humildes dos que esperam e dos que confiam, ás almas puras dos que soffrem e dos que luctam, ás mãos callejadas dos que trabalham e dos que suam, á grande massa anonyma do partido republicano em que pulsa, na verdade, todo o sangue vivo do meu paiz, do Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho — do nosso Quim Martins, que ella quasi estima como filho, que ella me habituou a venerar como mestre e que ella me ensinou a amar como irmão.

Mundo, Fevereiro, 1904.
Pharol, Julho, 1909.

ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES



NÃO posso bem apresentar-vol-o, camaradas, porque, conhecendo-lhe da vida apenas as fachadas ensoladas e risonhas, a sua Arte em que sou leigo, o seu talento que me subjuga, a sua amabilidade que me captiva e o seu civismo que me atordôa, eu d'elle não vos posso dizer nem quando nasceu nem como vive, nem quantos annos fez esta primavera, nem quantos marmores tem por esse paiz fóra a desafiar a posteridade.

É o senhor Antonio Augusto Gonçalves — o Gonçalves de Coimbra — ceramista, pintor, estatuario, fundador da Escola Livre de Desenho, professor na Universidade, director da Escola Brotero, jornalista, critico de arte, ás vezes architecto, de vez em quando scenographo, sempre erudito, sempre amavel e, sobretudo e acima de tudo, sempre homem de bem, homem de convicções e homem de talento.

Em Coimbra, qualquer modesto operario vos diria d'elle mais e melhor do que eu.

E se as pedras monumentaes de Coimbra fallassem, melhor do que ninguem ellas vos conta-

riam o seu lucido e entranhado amor pelas coisas da nossa terra, as suas variadissimas e brilhantes faculdades de Artista que ama a sua Arte e pela sua Arte vive, sem vaidades e sem malquerenças, em fonte uberrima de conselhos e de exemplos, manancial inexgotavel de ensinamentos e de lições, a que Coimbra deve, com a restauração dos seus monumentos e com o cunho artistico dos seus bairros novos, a mais luminosa e a mais culta pleiade do operariado portuguez — d'esse azouguento operariado da velha Coimbra, que sendo dêsde seculos alfôbre fruste de arrufadas e doutores, redime suas culpas e se rehabilita da sua proliferidade de bachareis, sendo, ha annos e graças á influencia e aos esforços de Antonio Augusto Gonçalves, a officina profissional, modelar e fecunda, dos nossos mais habeis canteiros e lavrantes, dos mais destros dos nossos ferreiros e entalhadores.

E isso não admira por quanto Antonio Augusto Gonçalves é uma d'essas criaturas privilegiadas, que veem ao mundo de longe em longe com uma alta missão dos deuzes — e a sua foi a de educar o seu semelhante e de amar a sua terra, amando a sua Arte.

Tem-n'a cumprido pontualmente, methodicamente, placidamente, dês que nasceu — n'uma epoca mysteriosa e indevassavel — e ha de cumpril-a escrupulosamente, apaixonadamente, incessantemente té que a morte — n'uma epoca que os seus cabellos d'um negro relapso e im-

penitente promettem afastada e longiqua — venha arrancar-lhe das mãos o cinzel de estatuario, a palheta de pintor, o compasso de architecto, a lente de archeologo, a penna de jornalista, o lapis de illustrador, a brocha de scenographo, o barro de ceramista, a caderneta do professor — ou a sua eterna boquilha, nunca escabichada e escarafunchida, apesar d'elle passar metade da vida, n'uma obcessão, a escabichal-a e a escarafunchil-a...

*

* *

Alto, secco, magro, esgrouviado, quasi glabro, bigodêlho ratado, cabello á escovinha, gestos angulares, grandes pernadas de caminheiro, Antonio Augusto Gonçalves, sob um aspecto frio, ceremonioso, quasi metalico, prodigo em Vosselencias e avaro de intimidades, encobre na fleugma d'um homem do norte toda a ardencia e toda a vibratilidade de um latino — e a sua palavra cortante sibíla, os seus olhos agudos chispam, os seus nervos de aço retezam-se na admiração d'um palmo de marmore ou d'uma nêsga de tela, d'uma obra de Arte ou d'uma manifestação de talento.

Mas quando todo o seu sangue incandesce, todos os seus musculos se galvanizam, e, pelos olhos, pelas mãos, pela bocca, a colera e a indignação irrompem em rajadas, em avalanches de sarcasmos e de ironias — é quando lhe adrega

topar com uma d'essas pedras mutiladas, ou com uma d'essas telas puidas, pela jumencia petulante dos grandes homens das nossas Academias e Commissões officiaes.

Então, sim.

Antonio Augusto Gonçalves perde a linha, perde a correcção, perde a cabeça — e é de vel-o! — bello como um Deus, forte como um novilho, implacavel como a justiça, investindo de manga arregaçada, a penna feita clava, contra os profanadores e contra os asnos.

Eu trocava toda a sua obra de educador e de Artista — tão soberbamente bella, tão radiosamente perfeita! — pela gloria camilliana, inegualavel, e inexcedivel de ter assignado duas das suas paginas de polemica — duas d'aquellas paginas formidandas e inolvidaveis em que Augusto Rocha ficou p'ra todo o sempre esfrangalhado, desfeito, delido, gafo como um lazaro do hospital, miseravel como um trapo de enxurro.

Trocava-a eu, mas não a trocava, não, o Antonio Augusto Gonçalves, que passado o ardor da refrega, ao sair victorioso da liça, retoma tranquillo, a sua fleugma e a sua boquilha, escabicha-a e escarafuncha-a, meticuloso e sereno, esquecido já da violencia da lucta, como repeso de ter tido tanto talento e tanta razão, tanto enthusiasmo e tanta justiça, p'ra deslombar, fibra a fibra, um inimigo a quem, na rija tempera do seu caracter bondoso, não sabe nem pode guardar rancor.

E não a trocava Antonio Augusto Gonçalves, porque palavras, mesmo escriptas, mesmo animadas pelo sopro creador de um grande artista de prosa, quando atiradas ás folhas vagas e ephemeras das gazetas, leva-as o vento, desgasta-as o tempo, e a outra modalidade da sua obra, a que elle deixa vincada na pedra com a garra possante da sua individualidade e do seu temperamento, essa permanecerá, pelos seculos fóra, sagrada pela patina dos annos, triumphadora e allada, como o seu *Anjo da Victoria* do Hotel-monumento do Bussaco, serena como o Christo e forte como os monges que — embora serrados a meio pelo vandalismo das obras-publicas — no Bussaco tambem attestam a virilidade do seu cinzel e a honestidade do seu talento.

*

* *

Porem mais que as suas estatuas de pedra, mais que as suas telas e debuxos, muito mais que as suas figuretas de barro, que foram os meus encantos e são ainda a minha cubiça, — lembra-se Gonçalves? — mais que os seus trabalhos de restauração na Sé Velha e em Santa Cruz — poemas de encanto em assombros de erudição — acima das maravilhas do seu lapis e dos devaneios do seu pincel, eu estou em que, de toda a obra vastissima, multiforme e polycordica de Antonio Augusto Gonçalves,

a que elle mais estima e a de que mais se ufana, a que mais lhe toca o coração, e mais fundo se radica na sua alma, é a creação toda sua, completa e integral, perfeita e absoluta de um artista modesto, quasi obscuro, que ali na Sophia, em frente do Quartel, está arrancando a escopro dos blocos de Ançan, todo o renascimento e todas as florações da velha arte dos canteiros portuguezes, que atiraram ao azul diaphano dos nossos ceus com as estrophes immortaes das Capellas-Imperfeitas do Mosteiro da Batalha.

Chama-se João Machado, o discipulo amado de Antonio Augusto Gonçalves — a sua creação mais completa e sua mais completa obra prima.

E elle é que poderia, muito melhor do que eu, apresentar-vos, camaradas, Antonio Augusto Gonçalves — o seu mestre e o seu amigo — de quem eu conheço apenas as fachadas risonhas e ensoladas da vida, um pouco da sua Arte em que sou leigo, lampejos do seu talento que me subjugam, requintes da sua amabilidade que me captivam, lances do seu civismo que me atordoam, mas de quem vos não poderia dizer — mesmo que o soubesse e não fosse segredo! — nem quando nasceu, nem como vive, nem quantos annos fez esta primavera e muito menos — porque só João Machado o sabe e só elle os conhece e como ninguem elle os admira — quantos marmores seus, quantas obras suas, dessiminadas e dispersas, desafiando, por esse

paiz fóra, a posteridade, provam, como eu quizera poder provar-vos, a grandeza mascula, o talento inconfundivel e a individualidade primacial d'esse grande e modestissimo Artista, pintor, ceramista, estatuario, jornalista, professor, critico, archeologo, scenographo, architeto, illustrador, erudito, homem de talento e homem amavel, e sobretudo e acima de tudo, homem de convicções e homem de bem, que passa a escabichar e a escaranfunchir, metade da vida, n'uma obsecção, a sua inseparavel boquilha nunca escabichada e escarafunchida...

*

* *

João Machado que vol-o apresente...

Elle que vos diga, camaradas, como é profundamente bom e profundamente honesto, profundamente erudito e profundamente intelligente esse extranho e complexissimo temperamento de Artista—caracter rectilineo e d'um só bloco, irreprehensivel nos seus actos, intransigente nos seus principios, inconfundivel nas suas obras, originalissimo nos seus trabalhos, inimitavel nos seus ensinamentos e amorosissimo nas suas affeições—Antonio Augusto, o amigo do seu amigo, o mestre, guia, conselheiro e pae dos seus discipulos.

Elle que vos diga, na linguagem chan do seu affecto, no calor ingenuo da sua admiração, os

thesouros de eruditismo, os prodigios de technica, os portentos de Arte que se evolam de um simples conselho, da mais ligeira observação de Antonio Augusto Gonçalves diante d'um pedaço de marmore que se faz rebelde ás caricias do cinzel, ao pé d'um vergalhão de ferro que se não dobra aos caprichos do fogo...

João Machado que vos conte todo esse pungente drama da Fabrica de Ceramica que Antonio Augusto viu uma manhã esbarrondada, n'um lençol branco e pavido, alastrando por Santa Clara a sua ruina, as suas illusões, as suas chimeras de fortuna e de triumpho, os seus sonhos de riqueza e de gloria...

Elle que vos diga como Antonio Augusto foi grande e forte, austero e corajoso n'essa lucta sangrenta contra a Infamia e contra a Adversidade, vencendo pela abnegação e pelo sacrificio, como outr'ora, junto dos seus fornos insaciaveis, venceu tambem outro mestre oleiro—Bernardo Palissy—o creador do esmalte e do vidrado.

João Machado que vos diga como tem sido fecunda e laboriosa a vida artistica de Antonio Augusto, azulejando, modelando, pintando, lavrando e esculpindo toda essa profusão de pequenas obras primas, que por cada canto de Coimbra, pelo Bussaco, pelo paiz alem, pelo Brazil, levadas pelo vento das encommendas de acaso, dispersas e trasmalhadas por monumentos e frontarias, são como raios luminosos d'um astro, illuminando em fogachos de talento, em

chispas de Arte, as trevas densas do mercantilismo e da falta de gosto, que mascarram em sombras de estupidez as obras do nosso tempo...

Elle que vos diga o seu amor por Coimbra — pelas suas pedras e pela sua paysagem, pelas suas coisas e pelos seus homens: amor de Artista, amor de filho, que em Coimbra aprendeu a sua Arte e que em Coimbra nasceu de outro Artista — do velho pintor Antonio José Gonçalves Neves, que por Coimbra deixou, em retabulos de capellas, em velhos tectos e lambrizes, a scintillação radiosa e ingenua d'um grande temperamento inculto, d'uma indomita, irresistivel e inculta vocação...

João Machado que vos falle do velho pintor Gonçalves, porque fallando-vos d'elle vos dirá como se fez Artista, como germinou e florio a complexa e magnifica individualidade artistica de Antonio Augusto Gonçalves, mestre, guia, amigo e companheiro de João Machado, que, como artista e como homem, é de toda a obra vastissima, multiforme e polycordica de Antonio Augusto a que elle mais estima e a de que mais se ufana, a que mais lhe toca o coração e mais fundo se radica na sua alma...

*

* *

E depois de vos ter fallado de Antonio Augusto como Artista na vastidão assombrosa da sua obra polyforme, de vos ter dito da sua moci-

dade laboriosa sob a direcção enternecida do velho pintor Gonçalves, de vos ter mostrado o seu periodo de lucta e de soffrimento — que p'ra sempre o fez abandonar os seus moldes de oleiro — e de vos ter esboçado o seu amor vivissimo e intelligente, a sua obsecante e lucidissima paixão pelos rendilhados pedregulhos dos monumentos de Coimbra — as maravilhas da sua reconstituição da Sé Velha, os encantos das restaurações de Santa Cruz — João Machado dir-vos-ha — muito em segredo e confidencialmente, não fosse elle descobrir e pedir-lhe contas da sua inconfidencia — do seu coração amantíssimo e da sua caridade sacudida e inexgotavel que fazem da magra bolsa de Antonio Augusto uma especie de caixa de soccorros, como que uma cosinha economica de todas as miserias occultas, de todas as fomes, de todos os desesperos, de todos os infortunios da antiga cidade do Mondego: velhices que elle ampara, frios que agasalha, estomagos que conforta, almas que aconchega ao calor benefico e amoroso da sua alma...

E fazendo-vos assim amar o homem depois de vos ter feito admirar o Artista, João Machado far-vos-ha desbarretar ante a intransigencia do democrata, ante as convicções do revolucionario que José Falcão distinguio e extremou sempre no nucleo restricto dos seus intimos, que Antonio José d'Almeida, ainda hoje, cultoeja no florido oratorio dos seus padroeiros

e que, sempre na linha de fogo nos combates da republica, sempre nos postos avançados nas batalhas contra a reacção, contra o existente, trabalha e lucta por um regimen novo, honrado, e livre, emancipado e culto em que um attentado contra a Arte seja punido com todos os rigores do Codigo e em que as penas maiores, prisões cellulares, a forca e o garrote ameacem na legislação os vandalos e os barbaros que conspurquem um marmore ou botem abaixo um monumento.

Porque esses — dir-vos-ha João Machado — n'um paiz honesto, n'um regimen decente, não terão perdão das leis como já hoje não teem o perdão de Deus nem de Antonio Augusto Gonçalves, que — aqui p'ra nós — é o meu Deus omnipotente, o meu Deus verdadeiro, que do nada de um bloco de Ançan vos talha um anjo ou um demonio, um santo ou um homem, com a perfeição e a belleza com que dizem no catechismo que Deus tirava do nada anjos e demonios, homens e santos, n'uma epocha remota e vaga de que não ha noticias certas e em que, com certeza, Antonio Augusto Gonçalves ainda não tinha nascido...

... Que, sabendo de Antonio Augusto a vida e as obras, todas as virtudes e todos as talentos, estou que João Machado não saberá o dia em que elle nasceu, o mez em que se baptisou e o anno em que foi menino...

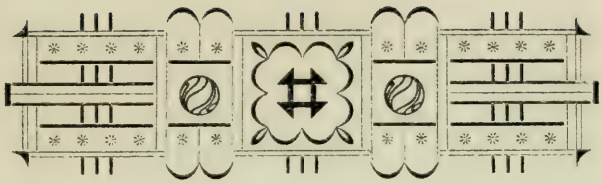
Mas dizendo-vos que foi despachado profes-

sor de desenho na Universidade a 23 de junho de 1902—na vaga d'esse affavel pintor de flores Rodrigues Vieira que muitos recordam com saudade e só raros esquecem por ingratidão,—segredando-vos que no *Annuario* vem uma data que pretende ser a do seu nascimento, João Machado, discipulo amado de Antonio Augusto Gonçalves, a sua creação mais completa e a sua mais completa obra prima, a que elle mais estima e a de que mais ufana, a que mais lhe toca o coração e mais fundo se radica na sua alma—João Machado que vol-o apresente...

Eu limito-me, respeitoso e confundido ante a vastidão collossal da sua obra de Artista e de educador e ante a grandeza austera do seu caracter de democrata e de homem de bem a tirar-lhe o meu chapeu e a saudar no senhor Antonio Augusto Gonçalves,—o Gonçalves de Coimbra—o homem de talento e o homem de coração, que é na sua modestia quasi morbida, um dos grandes homens e um dos maiores Artistas da nossa terra e do nosso tempo.

Pharol, maio 1909.

JOÃO JOSÉ DE FREITAS



VINDO de S. Thomé, desembarcou hontem em Lisboa o Dr. João José de Freitas.

N'um torrãosinho abençoado e coscovilheiro como o d'estes oito palmos portuguezes, em que todos nos conhecemos e em que, cabendo todos na palma da mão da Immortalidade, quasi todos somos celebridades indigenas, com nomes nas ruas e cadastros nas correccionaes, o Dr. João de Freitas é pouco menos de um desconhecido e não sendo, por isso, como toda a gente um homem celebre, é, como raros o são hoje, n'esta pavorosa crise de caracteres, n'esta pulhocracia de subalternos, uma cabeça que pensa, uma vontade que age, uma alma que sente, uma consciencia que se revolta e uma individualidade que se impõe — um homem de caracter e um homem de bem.

Em Portugal, por via de regra, a biographia de um varão illustre é o amontoado chronologico de partes de policia, e a resenha dos seus feitos assemelha-se, as mais de vezes, a um rol de roupa suja — d'ahi, o livro de ouro do regi-

men, o archivo da intellectualidade, o Gotha das classes dirigentes confundirem-se em mais de um detalhe, embaralharem-se em mais de um capitulo com a *Galeria dos Criminosos celebres,* picaro specimen de litteratura policieira de apito e terçado, que o editor Palhares traz annunciado pelas esquinas recoltando leitores entre presidiarios e ratoneiros—faquistas jubilados e candidatos á Penitenciaria, reliquias do Limoeiro e esperanças da Boa-Hora.

E como as coisas são assim, o dr. João de Freitas não tem, por honra sua, a justificar-lhe a celebridade o que vulgarmente se chama uma biographia: mas sendo um homem que ha pouco mais de trinta annos nasceu em Traz dos Montes, na Carrazeda de Anciães, é um transmontano que tem já um passado que ennobrece um presente e que garante e vaticina um futuro:—é, na sua expressão mais lisa, nas suas linhas mais lidimas um homem de bem e um homem de vontade, com a serena fortaleza de um justo e a aspera intransigencia d'um crente, com rasgos destemidos de coragem nas horas decisivas do combate e profundidades de solida erudição nas noites de vigilia.

E' um forte e um justo.

Vazado a camartello no granito tosco e resistente dos seus montes, é feito em cortantes e agudas arestas de aço todo o pesado cavername dos seus raciocinios: imaginem um pedregulho macisso de granito, talhado em gente, com um

chronometro a servir de cerebro e um pendulo a regular o coração e tereis, camaradas, de corpo inteiro, por dentro e por fóra, o Dr. João de Freitas que, sendo um frio e um ponderado por temperamento, é, em politica, um radical e um revolucionario por convicção.

Como Antonio José d'Almeida que de S. Thomé nos veiu, como o Pires de Carvalho que em S. Thomé vae nostalgiando na clinica as saudades dos seus pequerruchos, como esse desventurado Jeronymo Silva que em S. Thomé n'um desfecho de tragedia rematou o plangente poema da sua vida de infortunio, o Dr. João de Freitas que vem de professar a advocacia em S. Thomé com rarissima proficiencia e integerrima hombridade, pertence á geração de rebeldes que, em 1890, nos ultimos arranques do civismo portuguez, formou a aguerrida hoste Coimbran da Republica vencida e amortalhada nas ruas do Porto, n'essa madrugada funebre e gloriosa do 31 de janeiro.

*

* *

E já então, nos tempos revôltos de Coimbra, frio na inabalavel constancia das suas convicções, frio na dura intransigencia dos seus raciocinios, frio no rispido puritanismo dos seus ideaes, frio na ponderada decisão dos seus actos o Dr. João de Freitas, entre almas de fogo,

arrebatadas e violentas, com explosões febris de enthusiasmo e ardores vulcanicos de mocidade, destacava como um granito sereno e calmo, rigido e impassivel, que nos traços barbaros de um heroe antigo, cantasse a um tempo a audacia e a sisudez, a prudencia e a coragem, a intransigencia e a reflexão — a frigida astucia de Ulysses e a avisada combatividade de Socrates.

Já então, quando em estuamentos meridionaes de gente moça, impulsiva e generosa, pelas noites luarentas do Mondego, se entreteciam hymnos desgrenhados e romanticos a um Ideal feito de chimera e de sonho, no meio d'essa companha revolucionaria de poetas vermelhos, de gôrra com esse bando estouvado de bohemios jacobinos, cavalleiros andantes de uma revolução cheia de lyrismo p'ra salvar uma patria cheia de lodo, o Dr. João de Freitas, sendo, pela edade, talvez o mais novo, era entre os rapazes um homem, entre os idealistas um positivo, entre os bohemios um methodico, entre os arrebatados um prudente, e se, nas horas francas de alegria, embezerrado, casmurro e desmancha-prazeres, elle não era o mais risonho dos companheiros, nas horas tabidas do perigo, destemido, tenaz e decidido, elle era o mais audacioso dos camaradas e sendo sempre, folgando ou combatendo, o mais leal e o mais firme dos amigos, João de Freitas era sobretudo e inalteravelmente, naquelles tempos de sangue na guelra, a encarnação fleugmatica do sangue frio.

Sahido de Coimbra, carregado de louros academicos que são padrão de uma intellectualidade—quando p'r'ós alcançar, em flexões de espinha, não são o pelourinho de uma consciencia—o Dr. João de Freitas que fôra nas aulas um insubmisso, trouxe p'r'á vida uma rigidez e inflexibilidade de vertebras que o inhibiam de attentar nas armadilhas e ratoeiras que, no terreno viscoso dos concursos publicos, a veniaga politica arma ás consciencias que reagem á carta de empenho dos inuteis e aos caracteres que se não vergam á apostasia dos pandilhas.

Confiando em si, sabendo o que era e o que valia, tendo-se apetrechado copiosamente de conhecimentos, recheando-se de erudições e sabenças e reconhecendo-se com uma vocação ingenita p'r'ó ensino—elle que já em estudante explicava e repisava as lições aos condiscipulos e mesmo, em palestra de amigos, ainda hoje toma ares regrados e protectores de mestre de meninos—foi ao concurso p'r'ó magisterio secundario.

Eram muitos os concorrentes e apenas trez as vagas.

O Dr. João de Freitas, entre todos os classificados, obteve a primeira classificação; mas, sendo o primeiro classificado, não foi provido em nenhum dos trez logares postos a concurso.

Nas provas publicas a sua intelligencia havia vencido, havia triumphado o seu saber: mas,

na Arcada, não se olha a classificações de jurys quando ellas conferem direitos e galardoam os meritos de quem, em vez de assoalhar recommendações politicas, timbra em não occultar as suas convicções democraticas.

Os homens frios, persistentes, de tenacidade calma, de vontade forte, de consciencia clara encontram incentivo p'r'á lucta, onde os temperamentos impetuosos, com intermittencias volitivas e impressionalismos fugazes se quebram, as mais das vezes, em desalentos, em cansaços, em desanimos:—o Dr. João de Freitas não cançou, não desistiu, não se desalentou; reincidiu e reincidiu com aggravantes, porque, havendo sido esbulhado de um logar no magisterio secundario, habilitou-se a uma cadeira no professorado superior.

Trabalhou tenazmente, ponderadamente, armazenando no cerebro, como nas prateleiras d'uma bibliotheca, bem arrumados e catalogados, em pilhas methodicas de theorias e escolas, todos os vastos, profundos e enfadonhos trabalhos da sciencia social e politica.

Embutio, assimilou e digerio toda essa pantangruelica e indigesta comezaina de sciencias economicas e financeiras, que em molho de cifras e refugado de estatisticas, empanturram e gastralgeiam os estomagos vorazes e fortes dos sociologos e financeiros e como — dês que a morte apagara dos labios de Rodrigues de Freitas a mais elegante e persuasiva eloquencia

didactica que em Portugal tem illustrado as sciencias politicas e sociaes — estava vaga a cadeira da *Economia Politica* na Academia Polytechnica do Porto, p'ra ella assestou baterias o Dr. João de Freitas.

Na bibliographia economica, em impereciveis monumentos da mais alta mentalidade republicana, as obras de Bazilio Telles figuram ao lado da *Crise monetaria e a circulação fiduciaria em Portugal* que foi, como these do concurso, o reducto em que o Dr. João de Freitas, defendendo os seus direitos, combatendo pelo seu credo e mantendo com galhardia as tradicções da cathedra por Rodrigues de Freitas tão soberanamente dignificada, triumphou mais um vez, colhendo com os louros da victoria a primeira classificação em merito absoluto.

Na cadeira de Rodrigues de Freitas, porém, foi provido outro concorrente... que nem sequer apresentara as habilitações litterarias exigidas por lei p'ra ser admittido a concurso.

Era presidente do conselho e ministro do reino José Luciano de Castro — a preclarissima e lendaria encarnação de probidade pessoal e politica, que tendo em novo posto as mãos nas barbas honradas do seu progenitor, hoje, sem pernas, de chinellas e na cadeira symbolica dos paralyticos, funga e tabaqueia, vinicolisa e assucareja, em jogos malabares de sobrescriptos, os destinos da nação.

* * *

Roubado consecutiva e desaforadamente duas vezes nos seus indiscutiveis direitos, lesado nos seus mais legitimos interesses, esbulhado das suas mais justas aspirações, o Dr. João de Freitas, sempre calmo e sereno, sempre methodico e frio, inquerio methodicamente, friamente, com serenidade e com calma a quem pertencia o trabuco que duas vezes o assaltara no seu caminho, não lhe exigindo a bolsa, mas esvasiando-lh'a, poupando-lhe a vida mas amargurando-lh'a, n'um roubo infame e traiçoeiro, como, n'uma tregua de honestidade que as eleições do Peral vieram quebrar, havia muito se não roubava já, á luz do sol, em pleno pinhal da Azambuja.

E como a policia, ao outro dia de uma zaragata sarrabulhenta de facadas ou após o assalto atrevido a uma capoeira, procura em sitios certos e determinados, sargetas do crime, alfurjas da miseria, as naifas ainda ensanguentados ou as ferramentas torcidas de que se servem nas suas façanhas os pobres diabos, que, rotos e famintos, á mingua de representação social ou por excesso de escrupulos, manejam a navalha na Mouraria em vez de quebrarem cadeiras em S. Bento e roubam gallinhas pelos quintaes em vez de levantarem joias miguelinas

pelos Bancos, o Dr. João de Freitas foi procurar no *Diario do Governo* — velhacoito classico e poiso certo de todos os banditismos da politica portugueza — a gazua com que lhe haviam arrombado o cofre dos seus direitos ao magisterio, o pé de cabra com que haviam feito saltar o tampo das classificações, que, em dois concursos por provas publicas, lhe garantiam a nomeação — um, p'ra qualquer dos lyceus do reino, outro p'r'á cadeira de economia politica da Academia Polytechnica do Porto.

E lá estavam: eram dois despachos da direcção geral de instrucção publica, referendados pelo ministro do reino e presidente do conselho José Luciano de Castro.

Não hesitou. Formado o corpo de delicto, descoberto o instrumento do crime, conhecido o paradeiro do criminoso, o Dr. João de Freitas, com toda a serenidade do seu espirito reflectido, com toda a altivez do seu caracter indomavel e forte, com a consciencia nitida e absoluta da justiça que lhe assistia, gizou o plano do seu desforço e intimando a notificação da culpa ao reu, em carta registada, citando-o p'ra n'um prazo certo e determinado reparar, dentro da lei, as consequencias do seu delicto, sentenciou-o á pena minima de uma dose de cavallo marinho, que lhe fizesse vir ás faces o sangue vermelho, com que de ha muito nem a vergonha nem o remorso haviam conseguido tingir, em rubores, a camada espessa e desla-

vada de estanho que couraça, no dizer do povo, a epiderme dos impudentes e dos cynicos.

Affeitos a vergar juizes, avezados a torcer sentenças no Paço dos Navegantes, tentaram-se todos os meios, ensaiaram-se todos os processos, empregaram-se todas as seducções p'ra illudir a condemnação: — dava-se tudo o que o Dr. João de Freitas pretendesse.

Tudo.

Dinheiro, commodidades, representação social. Moveram-se empenhos. Sollicitaram-se medianeiros. Inventaram-se compensações. Pediram-se moratorias.

E como de tudo o que se offerecia nada era o que a lei conferira ao Dr. João de Freitas e o que elle em nome da lei exclusivamente reclamava, nada quiz, nada acceitou e, incorruptivel ás seducções, manteve-se inabalavel ás ameaças, invulneravel ás violencias.

Policia em cardumes — récuas de bufos, varas de espiões — seguia-o noite e dia, passo a passo, momento a momento, e no dia fatal, no dia marcado, á porta do Paço dos Navegantes, á hora em que o monarcha *in partibus* da Anadia, tendo ainda pernas, vinha astuciosamente fingir á Arcada que ainda tinha cabeça — foi preso um homem trazendo occulto, ao longo da calça, um chicote de cavallo marinho.

Era o Dr. João de Freitas cuja pista a policia perdera dois dias antes...

*

* *

D'ali levaram-no á Parreirinha.

O juiz Veiga, n'uma ancia aflictiva, luctou em vão, horas a fio, desesperadamente, p'r'ó enredar nas malhas largas da lei de 13 de Fevereiro ou p'r'ó domar nas mangas fortes de um collete de forças: — logicamente, a um homem que se não verga, que se não vende e que altivamente procura desforçar-se, o regimen aponta-lhe — Rilhafolles ou Timor.

Durou dias esse drama, com dois personagens e o scenario inquisitorial do Juizo de Instrucção: era a argucia manhosa da raposa, servindo os instinctos ferozes da hiena, a medir-se, a degladiar-se com a força altiva e nobre de um leão enjaulado.

A raposa cansou, a hiena agachou-se e desistio. O leão, sacudindo a juba, sahiu indomito do antro da Parreirinha, com a mesma serenidade impavida, com a mesma impassibilidade spartana, com que, ao entrar p'ra lá, detalhava já pequenos cuidados de hygiene, despezas de enxoval, caixas de quinino, p'ra resistir ás intemperies e aos morticinios do clima inhospito e traiçoeiro de Timor.

Sob a toga autocratica do juiz Veiga, — que aos desmandos da Dictadura soube, mais tarde, responder com um gesto de altivez e indepen-

dencia, deixando á Mediocridade reles dos que lhe succederam a justificação da Superioridade moral que lhe negavam - pulsava um coração de homem e como sob a sua encadernação em coiro de um Scarpia vibrava a alma em velludo de um justo, no seu peito tumultuava a consciencia do que era um grande espirito servido por uma inquebrantavel vontade, e como o seu contacto com as asperezas dos codigos e a sua convivencia com facinoras e malfeitores não conseguira varrer-lhe do cerebro o respeito pela dignidade humana, ao dar a liberdade ao Dr. João de Freitas, elle, o Juiz discrecionario de todos os nossos actos, o arbitro supremo das nossas fazendas, o senhor absoluto das nossas liberdades e das nossas vidas, elle, o juiz Veiga, todo poderoso e omnipotente corregedor das justiças do reino, sentiu o desejo vivo, a aspiração imperiosa de mendigar do Dr. João de Freitas, com humildade e com reverencia, a graça de lhe apertar a mão.

... Por mais acostumado que se esteja a ver feras, a lidar com biltres, por mais embotada que se tenha a sensibilidade moral e por mais callejada que se sinta a consciencia, anima e conforta, encoraja e tonifica, apertar a mão a um homem.

E o Dr. João de Freitas é um homem -- é-o como poucos e mostrou no Juizo de Instrucção Criminal que o era a valer, ás direitas e em todas as accepções.

*

* *

Seguido, rodeado pela bufaria, vigiado pela policia, n'uma liberdade irrisoria, que, pelos olhares ferozes e estupidos, que, dia e noite, lhe mordiam a sombra, se assemelhava ao passeio isolado dos penitenciarios nos jardins das casas de reclusão, o Dr. João de Freitas voltou ao Porto, foi a Traz dos Montes beijar a santa velhinha sua mãe e abalou, por esses mares fóra, á cata de um pouco de liberdade em terra de negros e de oppressões, em busca d'um naco do pão que, duas vezes, no *Diario do Governo,* lhe haviam arrancado da bocca.

O que elle foi em Africa como profissional dil-o, em papel sellado, a celebridade e a fama das suas minutas: — affirma-o o respeito, o carinho e a sympathia de todos os clientes que elle soube transformar em amigos.

O que, elle em Africa foi, como homem de convicções e de principios, attesta-o essa historia do *Pro-Patria* que Antonio José d'Almeida, contou minuciosamente aos leitores do *Mundo*, no dia da chegada a Lisboa do Dr. João de Freitas, tentando assim a par da consagração do camarada, apagar, com a sua modestia, um dos seus mais legitimos titulos de gloria e de orgulho — porque se o Dr. João de Freitas foi em S. Thomé o organisador cauto, methodico

e perseverante do *Pro-Patria*, Antonio José d'Almeida foi a alma e nervo, o apostolo e o creador d'essa obra de humanitarismo.

Foi em Africa o camarada, o cooperador, o amigo e o irmão de Antonio José d'Almeida.

Foi-o em Africa, sel-o-ha, agora, no continente.

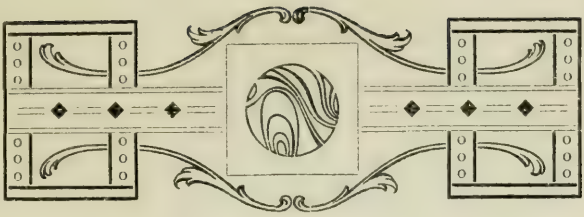
E sendo-o, o que elle virá a ser em Portugal, na vida activa do partido republicano, na defeza constante dos seus ideaes e na pugna diaria pelo advento de um regimen novo, ha-de dizel-o o futuro.

Mas não é necessario invocar auspicios, consultar pythonizas como na velha Grecia, p'ra saudar já, no Dr. João de Freitas, um grande caracter que se não verga, uma grande consciencia que se não aplasta, uma grande vontade que se não quebra e uma grande alma que se não pollue — um homem de bem, de consciencia, de caracter e de coração, homem de audacia e de sisudez, de prudencia e de coragem, de intransigencia e reflexão, que reune a frigida astucia de Ulysses á avisada combatividade de Socrates.

Um homem e um homem a valer, um homem ás direitas e em todas as accepções.

Mundo-25-IV-905.
Pharol-junho, 1909.

DR. SANTOS FARINHA



I

Um dia — vae p'ra seis annos — como a morte tivesse livrado da rapacidade de um abutre uma das mais fartas e pingues parochias de Lisboa, deu-se o caso, que d'entre a nuvem negra da cupida passarada que ás bicadas de intriga e em vôos de astucia se disputava a carniça choruda do comedoiro vago e as eminencias rendosas do poleiro vazio, d'entre os negros corvos das Congregações regrantes, d'entre os lusidios melros das Sachristias partidarias -- uns com lampada nas Méccas do ultramontanismo, outros com pavio na alcôva das ministras — das torres baixas e modestas da Magdalena, sereno e calmo, forte na pureza dos seus principios, impavido na grandeza das suas intenções, soltou as azas e veio poizar-se no cruzeiro de Santa Izabel um passarôlo estranho, espherico e roliço, curto de pernas e cheio de carnes, d'um negro baço na negrura puída da sua batina negra, branco, d'uma brancura precoce e temporan, na cabeçôrra branca, annelada e intelligente.

E como não tinha dos corvos nem as unhas recurvas nem o crucitar sinistro e dos melros não tinha nem a petulancia nem o bico amarello, tendo pela brandura e pela intelligencia, conquistado o que pela astucia e pela força abutres, corvos, milhanos e melros não tinham conseguido, houve quem, vendo-o tropego e pouco firme nos pés, o julgasse, na finura da sua raça, uma d'essas avesitas preciosas e raras, que nos pombaes de luxo e estimação, são conhecidos pelo picaro apodo d'*os cambalhotas* — como elle roliços e esphericos, curtos de pernas e cheios nas carnes, d'um negro baço na negrura puida das suas azas negras, brancas na brancura annelada das suas cabeçôrras intelligentes.

Outros, conhecendo-lhe o caracter e as virtudes, o temperamento e os principios, os dotes maravilhosos da intelligencia e os primores extremosissimos do coração, sabendo-o visceralmente um bom e intellectualmente um superior, reconhecendo-lhe — mais na pureza da alma que na estructura do corpo — a immaculabilidade que aos pombos o irmaneja, mas sabendo-o tambem padre e theologo, padre por vocação e theologo por tendencia, não podendo, honradamente, classifical-o nas especies communs e vulgares da ornithologia clerical da nossa terra e do nosso tempo, — como despadral-o seria descel-o do poleiro ecclesiastico em que tão brilhantemente poisara, e destonsural-o equivalia a

afastar os pobres, os indigentes, os miseraveis e os famintos do comedoiro que lhes ia estar franco e aberto — não houve remedio senão classifical-o, um pouco mythologicamente mas com razão e justiça: a *Phœnix da lenda,* ave rara e desconhecida, unica e irreproductivel — um padre honesto, um padre intelligente, um padre virtuoso, um padre digno, um padre bom, um padre justo, um padre recto, um padre que, como diria na sua archaica linguagem o sieur de Balzac «*ce estoyt bien plus qu'ung prebstre, c'estoyt un homme et de ces curès, la grayne en est au vent, et ne se reproduira plus, malgrè les seminaires*».

*

* *

E como se desse o caso de ser eu, dês larguissimos annos, o camarada e o irmão do novo prior de Santa Izabel, no arrayal festivo em que todos os que o amavamos — que eramos todos os que o conheciamos — embandeiramos os nossos corações, coube-me o deitar ao ar, em girandola de saudação, esse pobre foguete de prosa secca, estralejante de sinceridade e de justiça:

«É um máu séstro, corrente e generalizado, este de pedir a um amigo quatro linhas, duas banalidades, seis adjectivos, p'ra enquadrar symetrica e rhetoricamente a ephigie mais ou menos favorecida d'outro amigo que se pretende

stereotypar nas folhas inconsistentes e ephemeras d'uma gazeta...

Por via de regra, recuso sempre a honra da tarefa; com evasivas e boas palavras declino habitualmente a gentileza do convite e mando bater á porta d'outros Plutarchos porque, aos melindres de meu affecto e aos requintes da minha modestia, repugna a empreza de assoalhar na coscovilhice dos *Varões Illustres* as qualidades e os meritos dos meus amigos, pois, dizendo com quem ando, receio sempre me julguem a apregoar manhas que não possuo.

Um amigo commum pede-me meia duzia de phrases sobre o dr. Santos Farinha e eu, contra os meus principios e a bem com a minha consciencia, sem as minhas repugnancias e com toda a minha boa vontade, accedo ao pedido, estando aqui a rabiscar, despreoccupado e alegre, as palavras mais justas e mais agradaveis que me teem escorrido da penna.

E é simples o caso: se o dr. Santos Farinha é pelos laços do coração, que dês Coimbra nos unem e nos tornam dois irmãos, o mais intimo entre os meus intimos, o mais querido entre os mais queridos, pelo temperamento, pela profissão, pelas ideas, pela intelligencia, pelo meio em que vive, pela crença que o norteia, pelas tradições que representa e pelo Credo por que combate, está no polo opposto ao polo em que habito e se, p'r'ó coração e p'r'á alma, nas occasiões de prova é um amigo seguro e firme.

extremoso e dedicado — amigo que as desgraças não afugentam e que as calumnias não fazem recuar — p'r'ó espirito e p'r'á razão, nas horas da lucta, é um adversario irreductivel e affavel, temeroso e correctissimo — adversario que nas discussões enthusiasma e prende e de que as convicções se não abalam e se respeitam.

Ora eu aos amigos, amo: não tenho p'ra elles palavras de justiça.

Quando falla o affecto, o raciocinio retrahe-se e cala-se; p'r'ós amigos a equidade, de mãos rotas, é uma palavra vã e lampeja-me ao fallar d'elles exclusiva e unica a voz da affeição.

Aos adversarios combato; não tenho p'ra elles contemplações nem transigencias e p'ra elles busco apenas argumentos de verdade nas horas de contenda, palavras de justiça apoz a derrota ou o fecho da discussão.

Ao fallar do dr. Santos Farinha retraio e calo o coração; dobra as suas azas brancas o sereno marmore do Affecto e estende as suas garras curvas o bronze barbaro da Verdade.

Não vou pois elogial-o como amigo, e, não sendo proprio o logar p'r'ó discutir como adversario, vou, em curioso de retratista, a traços largos e soltos, tentar esboçar-lhe os contornos da sua obra e da sua individualidade.

Porque o dr. Santos Farinha, velho apenas na precocidade das brancas e na prudencia dos conselhos, tem já uma obra vasta e complexa

de ideas e de factos n'uma edade em que a maioria dos portuguezes teem apenas uma carta de bacharel ou um masso de cartas de namoro, e n'uma profissão em que, a quasi totalidade dos seus collegas em Christo, teem simplesmente uma ama, dois afilhados carnaes e algumas missas de seis vintens.

Obra de ideas, tem-na — e brilhante! — nos seus sermões que colligidos faziam a reputação de um orador n'um paiz em que o sol que nos illumina, o rhytmo da linguagem que nos embriaga, fazem que todos os bons portuguezes sejam mais ou menos pregadores — uns laicos, a prégar aos peixes do Suffragio os milagres dos seus elixires, outros tonsurados, a calumniar os santos do Paraiso com os destemperos das suas santidades.

Obra de ideas, tem-na — e caracteristica! — nos seus artigos na imprensa legitimista, que assignados, cobririam de gloria um mestre do jornalismo, n'esta Lisboa bisbilhoteira e aliteratada em que todo o bicho careta escreve nas folhas e é, na opinião da sua familia ou do seu bairro, honra e lustre do periodismo.

Obra de ideas — e essa bem vulgarisada e patente, bem valiosa e erudita! — tem-na no trabalho de annotação e commenta aos livros sagrados — *A Biblia Illustrada*, em edição da *Empreza da Historia de Portugal* — que, n'um paiz onde o estudo das religiões fosse um capitulo attrahente de sociologia e nanja um ninho

pulguento de beaterio, um ramo de sciencia e não uma especulação de fanaticos, lhe garantiria um logar eminente entre os grandes cerebros e os grandes caracteres do seu tempo.

Porque se nos seus sermões o cultor da lingua, o poeta e o artista se revelam na belleza da idea e no clacissismo da fórma, se nos seus artigos jornalisticos o sectario e o legitimista se dão as mãos no arranque vigoroso da polemica e na recordação saudosa do Antigo Regimen, na annotação da *Biblia,* o sabio e o homem de bem, a erudição e a honradez, resaltam e impõem-se ao respeito e á homenagem de todos:—dos que nos livros santos buscam, em extasis de mysticismo, um conforto ás suas crenças de catholicos e dos que folheiam a *Biblia,* procurando como racionalistas, uma confirmação ás suas duvidas de scepticos.

Um sabio, que não fosse um homem de bem, tendo entre mãos os livros sagrados teria feito obra de combate ou obra de mystificação: derruindo crenças ou avigorando superstições.

O dr. Santos Farinha fez uma obra de vulgarisação scientifica, imparcial e erudita, que, como catholico o ennobrece aos olhos do catholicismo e que, como homem de sciencia, o consagra entre os scientistas.

No seu trabalho Santo Agostinho joga as turras com Celso, S. Jeronymo com Marcião; Walon e Lessing trocam-se bicadas, e, vem ás mãos em pugilatos de ideas, Patrizzi com o au-

ctor dos fragmentos de Wolfembutel, Glaire com Strauss, Knabenbauer com Renan, Vigouroux com Drapper, Minocchi com Reville, Lesetre com Burnouf, Fillion com Lods.

Os atheus encontram os mestres do seu negativismo, os christãos, os apostolos da sua fé: onde pode harmonisal-os, deixa transparecer a palavra intelligente da conciliação; onde não pode reduzir-lhes o antagonismo, deixa ao espirito do leitor o raciocinio da conclusão: pôrque as crenças não se discutem e a sua qualidade de sacerdote — que elle concilia mas não tenta escamotear ante a sua responsabilidade de pensador — não lhe permittem o combatel-as.

Obra de factos tem-na — e santa! — nos pobres que veste, nos famintos que sacia, nos miseraveis que soccorre, nas desgraças que protege, nas lagrimas que enchuga — no grande poema da sua caridade inexgotavel e mysteriosa, cujas estrophes vibrantes cantam na gratidão das dezenas d'almas a que elle tem valido na desdita, e no amor que lhe consagram todos os desgraçados a que elle tem levado, pela calada da noite, a paz do espirito e o pão do corpo.

Obra de factos, tem-na elle — e benemerita! — na incansabilidade de seu trabalho na commissão de Patronato aos presos, em que, com disvelos de pae, elle suavisa os tormentos e as amarguras dos que gemem e estrebucham no pavido horror das enxovias, entre os tentaculos duros dos codigos.

Obra de factos tem-na — e generosa! — no anonymato que inesperadamente abre uma fresta de luz na sombria muralha da pobreza envergonhada, no infortunio dos que precisam e não pedem, dos que choram e não gritam, dos que soffrem e não se lamentam — que elle adivinha e protege, mais impenetravel e mysterioso que o mysterio impenetravel em que, na ancia dos respeitos humanaes, essa pobreza se encobre e se estiola, na contemplação amarga de passados que não voltam, na esperança fementida de futuros que nunca chegam.

Obra de ideas, obra de factos, que marcam uma individualidade e sagram um caracter.

Individualidade que se impõe pela intelligencia, pela erudição, pela eloquencia da palavra, pela acuidade do espirito, pela fortaleza da fé, pelos primores do evangelico altruismo, pela nobreza austera da honradez, pelos impulsos magnanimos do coração, o dr. Santos Farinha, baixo, atarracado e roliço, pequeno como quasi todos os grandes homens, comprehende-se que tendo tantos meritos e tantas virtudes, não se lhe notem defeitos, nem péchas, nem senões.

O que admira é, pelo contrario, que em corpo tão baixito, em tão pequeno volume, tantos merecimentos e primores se concentrem, e tantas virtudes se aninhem.

Defeitos?

Mas onde haveria elle de os arrumar?

Eu só lhe conheço um — e grave! — mas esse

mesmo, valeu-lhe agora ser nomeado p'r'á freguezia de Santa Isabel...

... Escusam de procurar: é no habito externo, bem visivel e que imprime caracter...
É a tonsura, é... «a corôa.»

Gil Braz-Dezembro 1903.

II

Um dia — seis annos depois — batido eu pelos vendavaes do infortunio, transido pelas saraivadas da ingratidão, pelas vindictas da moral hypocrita, arrastado perto da morte e arrojado pelas vagas da Desillusão aos desertos do isolamento, a canna secca, chamuscada e inutil d'esse pobre foguete, queimado em horas de alegria e de fortuna, veiu lembrar-me, que se não havia uma palavra a supprimir, uma phrase a retocar, um periodo a esbater n'esse artiguelho velho e esquecido, fanado e murcho como as flores já fanadas e emmurchecidas d'essa festa longiqua e apagada, que no meu coração vibra ainda — mandava a gratidão, mandava a justiça, que se additassem e se concluissem, se desenvolvessem e se completassem os traços graphicos do Padre, do Amigo e

do Homem, que na catastrophe da minha vida, em amarra firme e inabalavel, resistente e solida de affecto, conserva, presa á recordação do passado, a mais extremosa das dedicações, a mais pura e desinteressada das amizades.

E d'ahi, o não poder calar-vos, camaradas, n'um feixe de notas soltas e descosidas, uma data aqui, um facto acolá, os traços e as linhas que fariam do Dr. Santos Farinha uma figura de eleição, uma individualidade inconfundivel, uma intellectualidade primacial, um coração inegualavel, um caracter diamantino, mesmo no meio d'uma sociedade em que, como na sociedade portugueza, as figuras não fossem de lama, as individualidades de estanho, as intellectualidades de pechisbeque, de pedra os corações e de esterco os caracteres.

O Dr. Santos Farinha, como homem cheio de dignidade e de altivez, como padre cheio de bondade e de fé, como orador cheio de eloquencia e de brilhantismo, como escriptor cheio de talento e de convicção, é—pela tempera rija da sua fibra moral, pela estructura forte do seu cerebro, pela potencia rara da sua affectividade e pela scintillação fulgurante do seu espirito—um extranho e prodigioso exemplar dos contadissimos homens superiores e escorreitos que, n'este meio e n'esta epoca de subalternos e tarados, de mediocres e sevandijas, conjugam e harmonisam as grandezas da intelligencia com os requintes da honradez e que sendo na vida

publica as encarnações dominadoras do talento e do civismo são na vida particular as personificações serenas da bondade e da rectidão.

*

* *

Apesar das rugas e das brancas precoces que o avelhentam, dando-lhe como padre uma patina seraphica de uncção e mysticismo, fortalecendo-lhe como homem a prudencia do conselho e o vigor dos raciocinios, o Dr. Manuel José dos Santos Farinha, tendo nascido em Lisboa, na freguezia de Santos, a 22 de agosto de 1871, longe de ser um velho, é quasi um rapaz apenas sahido das verduras frescas da mocidade, pela porta austera de uma educação rigida, inflexivel, balisada sempre e dês dos primeiros annos nos principios da honra e da bondade, do amor do proximo, do amor da Patria e do amor de Deus.

Filho unico do major José dos Santos Farinha, voluntario de 1843—que do sangue nobre dos morgados de S. Gens, com afinidades de familia e de principios que o ligavam ao antigo regimen, fizera as campanhas de 46-47 e, ferido na acção de Torres Novas a 22 de dezembro de 1846, assistira á acção de Vianna do Alemtejo em 28 de outubro, batendo-se valorosamente no Alto do Viso no 1.º de maio de 1847 e sendo, depois de reformado, thesou-

reiro da Agencia militar, deixou no exercito justo renome de official integerrimo, culto e disciplinador—o Dr. Santos Farinha recebeu e herdou de seu pae com as responsabilidades de um nome sem tacha, as virtudes fortes de um portuguez antigo, o seu amor ao torrão lusitano e a sua admiração e a sua saudade pelas grandezas do passado.

De sua mãe, D. Maria das Neves dos Santos Farinha, senhora de fidalga stirpe algarvia, que morreu com fama de santa e, modelo typico de ascetismo, se ciliciava té fazer espadanar o sangue nas paredes do oratorio, o Dr. Santos Farinha recebeu, com os primeiros afagos, com as mais doces ternuras, o bafo da crença, o sopro de myticismo que desde novo o enveredou p'r'á Egreja.

E assim, d'esta hereditariedade e d'esta educação resultou que na edade em que todos nós, com uma espada de cana ou o cabo de uma vassoura, somos soldados ou cavalleiros, o Dr. Santos Farinha com a hostia dos doces já dizia missa e no fundo dos calices já escorropichava galhetas.

Padrou-se.

Os preparatorios lambeu-os com distincções e novenas no externato da Escola Academica e na sachristia da Egreja do Sacramento e indo p'r'á Universidade a theologar-se, cantou missa a 27 de setembro de 1894 e formou-se, com distincção em theologia e canones a 20 de julho de 1895.

Padrado, priorou-se na Magdalena, primeiro como encommendado (1895) e depois como parocho collado em 29 de junho de 1898 e de lá levantou vôo p'ra Santa Izabel, onde a sua posse, a 2 de dezembro de 1903, foi a mais bella e radiosa festa de cordealidade e de consagração, de alegria e de homenagem a que tenho assistido e em que tenho, como comparsa, molhado a minha sopa, de alma e coração.

Não era bem a festa de um prior que pelo talento e pelo caracter, pelos effluvios evangelicos da sua fé e pelos requintes de ternura e de caridade da sua alma, conquistara a mais pingue das parochias lisboetas depois de ter feito a conquista dos corações e dos cerebros de todos os que se apinhavam, encanastrados n'um apertão asphyxiante, do cruzeiro ao altar mór, pela sachristia e pelos corredores do vastissimo templo.

Ricos e pobres, homens e mulheres, fidalgos e plebeus, revolucionarios e conservadores, atheus e devotos, novos e velhos, padres e seculares, homens de estado e homens de trabalho, banqueiros e mendigos, homens da farda e homens de bluza, todos unidos no mesmo sentimento, commungando todos na mesma devoção, ao repique festivo dos sinos, ao som alegre do orgão, quando o Dr. Santos Farinha se içou ao pulpito — era tão pouco o clerigo que todos nós ali viamos que foi a custo, foi com esforço, que não rompemos todos, como n'um

terrado, n'uma grande e estrepitosa, n'uma commovida e irreprimivel salva de palmas ao homem que por debaixo da tonsura do padre não conseguira apagar as fulgurações d'uma intelligencia, ao homem que debaixo da sobrepeliz de prior sentia e deixava pulsar um grande e generoso coração.

*

* *

Como orador, o sermão da sua posse — modelo de captação e de sentimento — e os seus sermões celebres do *1.º de Dezembro,* na Sé, em 1894, quando estudante, a *Oaração panegyrica de Mousinho d'Albuquerque á sua chegada da Africa, as Orações funebres de Estevão de Oliveira, do Bispo de Angola, de Hintze Ribeiro e de Costa Pinto,* são padrões de eloquencia sagrada, com ideas e com fórma, com éstos supremos de lyrismo a vestir raciocinios fulminantes de logica e eu não sei — que de sermões apenas conhecí nas aulas os macissos da prosa de Vieira e só de leituras truncadas me recordo de trechos soltos de Malhão e Alves Mendes — eu não sei se nos sermonarios da nossa terra, dês dos apocryphos de Santo Antonio de Padua té aos politicos e livres pensadeiros do irmão Botto, ha pedaços de linguagem tão castiçamente portugueza e tão vernaculamente burilada, com tantos primores de dicção e tantos brilhantismos de rythmo como os que

n'uma improvisação de momento, sem preparação previa, o Dr. Santos Farinha debita, em voz que se lhe engrossa e empasta, que se lhe virilisa e fortalece—dizendo das virtudes d'um santo ou dos mysterios de um dogma.

Dada a loquacidade nacional eu creio de boamente, que haja quem n'isso o attinja, mas certo quem o sobrepasse e o exceda não ha, nem no pulpito nem na tribuna, quando em arroubos de patriota, na apologia de um santo ou na justificação de um milagre, o Dr. Santos Farinha enxerta uma evocação ao nosso Portugal antigo, ás nossas grandezas e ás nossas tradicções, aos grandes nomes do nosso Passado e ás grandes acções da nossa Historia.

Ahi ninguem o eguala.

Porque ninguem como o Dr. Santos Farinha sente e vive, vibra e communga n'essa religião patriotica com mais ardor, com mais fé, com mais enthusiasmo e mais convicção — e a sua palavra, na belleza coruscante e batalhadora de um gladio nu, chispa como as pupilas accesas dos astros, em hymnos de amor, hymnos de saudade, hymnos de ternura por essa Patria antiga, por essa nobre Patria de navegadores, de santos e de cavalleiros.

E n'esse seu amor carinhoso pelo passado, mais ainda do que nas suas tradições de familia, se radica o seu apêgo e o seu enthusiasmo pela bandeira tradiccionalista de D. Miguel — os seus artigos na *Nação*, as suas romagens á Côrte

dos Proscriptos e a sua camaradagem affectuosa e dedicada com D. Miguel Vaz d'Almada, nobilissima e galharda figura de velho fidalgo portuguez, que trazendo no sangue a herança pundonorosa da batalha de Alfarrobeira, na alma e no espirito ressuscita e vivifica, n'uma epoca de lodo, a grandesa immaculada do velho Conde de Avranches.

*

* *

E se como erudito e scientista a obra de ideas do commentador e annotador da *Biblia Sagrada* se tem acrescido com o trabalho estenuante e profundo da re-edição intelligente e depurada do *Flos Sanctorum* e com a monographia decisiva de documentação e de critica *O orago da Egreja dos Anjos* e prestes se opulentará com os estudos sobre *Os officiaes móres da Casa Real* e o *Culto da Virgem em Lisboa,* a obra de factos, do secretario da Commissão do Patronato, na fundação, sustentação e desenvolvimento do *Dispensario para Crianças da Freguezia de Santa Izabel,* tomou taes proporções, assumio uma tal importancia na obra fecunda da Beneficencia particular e representa uma tão commovente pagina na historia da Caridade portugueza—que não é, positivamente, dês das Misericordias da Rainha D. Leonor, a caridade assistente do *Sacrè Cœur* feita á custa do proximo e em beneficios de popula-

ridade — que o Dr. Santos Farinha, adorado por todos os seus parochianos, abençoado por todas as mães, estremecido por todas as crianctas, não terá remedio senão transigir com a sua modestia e accedendo ás exigencias da legião dos que tem protegido e tem salvo terá de se incluir no seu *Flos Sanctorum* e autobiographar-se, com as transcripções dos Relatorios do seu Dispensario, os seus mappas e os seus graphicos, logo a seguir a S. Vicente de Paula — que no agiologio christão foi o iniciador da puericultura e é o modelo do Dr. Santos Farinha — pae desvelado e amantissimo, carinhoso e bondosissimo dos filhitos innocentes da miseria e da fome, da crapula e da perdição.

*

* *

E só mais esta nota:

Quando a convite da edilidade republicana se reuniu em Lisboa o Congresso Municipalista e com escandalo de toda a Reacção e contra as prohibições das gentes do governo, as crianças das aulas populares foram saudar aos Paços do Concelho os congressistas, á frente das escolas de Santa Izabel, como risonho pastor de um alacre rebanho, ia o Dr. Santos Farinha, que, padre, tradiccionalista, homem da Egreja e homem de convicções, saudando homens de emancipações e homens da Revolução, proferio o mais

sincero e o mais arrojado dos discursos, reivindincando p'r'ó povo as suas regalias democraticas, a posse e a fruição dos amplos direitos que ao povo davam os antigos foraes.

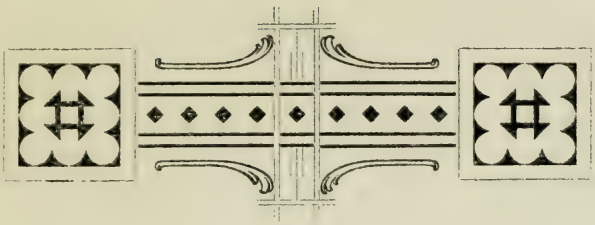
E quando n'um barbarismo de sangue e rancôr toda a Reacção e todo o Ultramontanismo tripudiava infrene sobre o cadaver ainda quente de Francisco Ferrer — martyr do Livre Pensamento e da Anarchia — o Dr. Santos Farinha, associando-se ao voto de sentimento proposto na Junta de Parochia de Santa Izabel teve estas palavras que valem a affirmação de um caracter e d'uma intelligencia, de uma consciencia que se não verga e de um coração que se não envergonha de sentir:

«Sendo ministro d'uma religião de amor e perdão e ainda em obediencia aos principios politicos que professo, condemnando em absoluto a pena de morte, associo-me ao voto de sentimento pelo fuzilamento barbaro de Francisco Ferrer, anhelando que em todos os paizes cultos acabem d'uma vez para sempre todos os ataques á inviolabilidade humana».

... Não é, camaradas, como diria o sieur de Balzac na sua linguagem archaica *bien plus qu'ung prebstre c'estoyt un homme et de ces curés, la grayne en est au vent, et ne se reproduirá plus malgrè les seminaires?*...

Pharol, Janeiro 1910.

JOÃO DE FREITAS BRANCO



EMBORA o seu nome ás vezes se espaneje em muitos cartazes e ande copiosamente assoalhado ahi pelas esquinas, não é uma celebridade nacional este Freitas Branco, cabotino virado do avesso e homem de bem ás direitas—que na vida e nas lettras, no palco e em casa, entre os seus livros, as suas musicas e os seus passaros é um modesto, um bom, um erudito e um apaixonado e que, no nosso meio theatral, no alfobre virente das gentes da scena onde os vaidosos pullulam, os mariolas florescem, os ignorantes se penteiam e os alarves se governam, marca indelevelmente a sua individualidade, impõe briosamente a sua obra e destaca honradamente e sem muletas pelo seu valor.

Não é um homem celebre, mas é um homem limpo.

O seu talento não se mette á cara de quem passa e vae á sua vida; a sua obra não põe taboinhas nos reclames das gazetas e nos elogios dos compadres chamarisando, em publicidades faceis e gritantes, as admirações alvares

dos que, não servindo p'ra mais n'este mundo, se embasbacam pelas tertulias e mentideiros, botequins e casas de passe, fazendo a reputação de quem os atura e os lisonjea, manguitando-lhes, as mais das vezes e em segredo, as homenagens e as consagrações.

Por isso não é um homem celebre o Freitas Branco que a empreza do Gymnasio, ha annos, explora como filão aurifero do seu reportorio em adaptações coceguentas do humorismo allemão e britannico, e que conhece como ninguem e ama como poucos o theatro na sua origem, na sua evolução e nas suas tendencias: na obra dos seus mestres, no raciocinio dos seus philosophos e na interpretação dos seus artistas.

Educado n'uma universidade allemã, conhecendo a Europa a palmos e de gingeira, nas suas linguas, nos seus homens e nos seus livros, Freitas Branco viageiro, erudito e polyglota, aprendeu a amar e a respeitar o seu idioma e a sua nacionalidade no respeito que, entre gentes cultas da penna e do pensamento, lá fóra ainda se tributa ás coisas e ás lettras, ás tradicções e aos alfarrabios da nossa antiga gente, do nosso Portugal antigo, e, portuguez de raiz, na sua obra e no seu caracter, Freitas Branco, nascido no Funchal a 6 d'abril de 1855, em desmentido formal ás posthumas distensões pernaes dos seus conterraneos ilheus, vae pela vida fóra semeando abraços de amizade, cultivando dedi-

cações e affectos, modesto e apagado na sua grandeza moral de velho lusitano, d'antes quebrar que torcer, d'um só rosto e uma só fé.

Com a sua preoccupação constante de estudar e de saber, com a sua paciencia benedictina de investigar e descobrir, com a sua tenacidade pyrrhonica de ir té ao fim das coisas e de artesianar té ao amago os assumptos, Freitas Branco é, n'esta epoca apressada e fruste de superfecialões e cabotinos e n'uma terra soalheira de panria e miragens, um erudito pausado e profundo, um trabalhador encyclopedico e lucidissimo que isolado entre os seus livros, tocando orgão ou criando passaros, entre o pó da sua bibliotheca e a chilreada das suas gaiolas, malbarata e despilfárra as suas estupendas faculdades litterarias e scientistas, dando ás emprezas alfacinhas as maravalhas do seu talento e atirando ás revistas sertanejas as migalhas das suas observações de passarinheiro.

Rebuscando d'aqui a annos nos cartazes dos nossos theatros ou nos summarios das nossas magazines a documentação rigorosa da mioleira contemporanea, p'ra em bases solidas se fazer o balanço e o computo da penuria intellectual dos nossos dias, este nome, já hoje quasi obscuro de Freitas Branco apagar-se-ia, por completo nas neblinas da insignificancia, como o d'um simples vertedor de pachouchadas germanicas e excentrico creador de rouxinoes, se lá fóra nas grandes revistas da Allemanha e da

Inglaterra em capitulos e capitulos de controversia litteraria, de historiographia theatral, não ficasse — como na bibliotheca dos seus herdeiros, entre resmas e resmas de manuscriptos e ineditos ha de ficar — a mais extraordinaria e fecunda, a mais portentosa e opulenta demonstração do labor incessante e intelligente, do talento e do caracter de um homem que amontoando conhecimentos, colligindo factos, debatendo problemas, estudando, reflectindo e escrevendo, sendo na Europa culta um dos mais conceituados especialistas da critica litteraria e theatral, cuja opinião se acata e a collaboração se disputa, é, entre muros, na sua terra soalheira de panria e miragens e na sua epoca apressada e fruste de superficialões e cabotinos, o mais modesto, o mais erudito, o mais bondoso e o mais apaixonado dos homens do theatro, o unico que na repartição de fazenda está collectado como homem de lettras n'uma terra em que todos litteratejam e um dos raros, que não tendo, té hoje, um volume estampado com o seu nome, é entre a nata da gente limpa da boa terra portugueza, pelo talento e pelo caracter, o mais desconhecido e menos cotado dos escriptores portuguezes, mercê do seu nome só de longe em longe vir ás folhas e nunca ter ido ao orçamento, de não fazer parte das Academias nem dos partidos e de não trazer a effigie achincalhada pelos postaes illustrados e pelos generos de mercearia.

*

* *

Entre muros, p'ra cá das fronteiras, dentro do seu bairro, nas vizinhanças da sua rua — não é um homem celebre...

Mas conhecendo a fundo, fallando com facilidade e escrevendo com primor todas as linguas da Europa, tendo creado nos centros cultos da Allemanha e de Inglaterra uma reputação e um nome, tendo viajado p'ra aprender e tendo aprendido nas suas viagens, tendo em Heidelberg feito a vida de estudante com sabradas e bocks e tendo em Berlim seguido os concertos dos kapellmeisters, dedilhando o orgão e arcando o violoncello com a ternura d'um meridional e a pericia de um teutão, Freitas Branco ao regressar a Portugal depois da sua educação na Allemanha, calafetou-se na sua toca de Arroyos, com os seus rouxinoes e os seus livros e, solteirão e calmo, ensimesmou-se, retrahio-se e lendo muito, lendo sempre, tirando notas das suas leituras, começou de colher, como dos canteiros de um jardim, das edições polyglóticas da sua bibliotheca as flores capitosas e olorantes do seu isolamento intellectual, da sua intellectual e constante communhão com os grandes espiritos da Humanidade — que não andam mascavados e delidos pelas traducções francezas de trez francos e cincoenta.

Ainda Ibsen não tinha rompido dos seus nevoeiros nordicos p'r'ós figurinos tapageiros dos cenaculos parisinos e em toda a raça latina a symbologia morbida dos seus personagens ainda não fizera trepar das partes pudendas das trongas p'r'ás mioleiras emancipadas das serigaitas todo o nervo e toda a acção da theatralidade moderna — creando o Theatro-Idea nas roupas brancas do Theatro-Cantharida — e já Freitas Branco com o rôlo da sua vernacula traducção dos *Esteios da Sociedade* batia á porta de todos os emprezarios alfacinhas a vêr, se n'um parenthesis de arte e intelligencia, reivindicava p'ra este paiz de descobertas — depois do roteiro da India e do caminho p'r'ó Brazil — o Gama-Barnum que aventurasse as suas cararavellas ao mar procellento, nubloso e esphyngico do mestre glorioso e desconhecido da Dramaturgia contemporanea.

Clarissimo que Freitas Branco reverteu enjoado — como lhe acontece sempre que navega — á sua toca de Arroyos e Ibsen, só annos mais tarde, vio arrolar ás suas praias a gloria europea no batel fragil e desarvorado das interpretações parisienses de Lugné-Pöé.

E se Hermann Sudermann — o Dumas allemão — saltou as fronteiras teutonicas p'ra vir triumphar no palco de D. Maria com o *Fim de Sodoma* muito antes de ter florido em Italia com *A Batalha de borboletas* e de se ter europanisado com o successo sarahesco da *Magda*,

é que Freitas Branco tendo-se já imposto com os successos cartazeiros de Moser, de Schöntan e dos outros subalternos germanicos que comparados com os grandes do Boulevard resultavam eminentes, começava já a poder impôr, de vez em quando, ao mau gosto das nossas platéas e á ignorancia dos nossos artistas os regalos extranhos e requintados de Oscar Wilde no *Marido ideal* e de Roberto Bracco na *Fructa Verde*.

Mas tendo tentado abrir camínho á gloria do velho Ibsen, tendo cimentado a fama do barbudo Sudermann e contribuido p'ra reparação posthuma que a hypocrisia ainda deve á mulherenguite de Wilde, Freitas Branco, vertedor de farças e sainetes, que nos prepara a revelação forte de Bernard Shaw, a surpreza macabra de Franck Wedekind e o assombro granguignolesco das tragedias curtas e dolorosas de Paul Heyse, Freitas Branco, breve resumo da Encyclopedia Britannica, sacco de expositores roto no fundo, que sobre todos os conhecimentos humanos tem uma nota pessoal e profunda, que sabe culinaria como Vatel, ornithologia como Alberto Girard — o pseudonymo ornithologico de D. Carlos — que a papaguear linguas põe o sal na moleira ao proprio Consiglieri Pedroso e que discute opthalmotomia com o autentico Gama Pinto, Freitas Branco, manuseavel e affabilissimo vade-mecum da omnisciencia com que a theologia enfeita e calumnía a pro-

vada ignorancia da Divindade, não é um homem celebre n'este quintalorio lusitano de calaceiros e ignorantões - mas na Allemanha, terra de doutores, é um homem douto e na Inglaterra, patria do trabalho, em revistas e magazines, é conhecido e estimado como um homem trabalhador.

*

* *

Rente com os muros, réz com as paredes, no asphalto dos passeios, pautado de casa p'r'ós theatros e dos theatros p'r'ós alfarrabistas, ou, lesto na azafama de servir um amigo, de Herodes p'ra Pilatos, em perfeita roda-viva, cabeça á banda, livros debaixo do braço, lunetas fumadas, nem gordo nem magro, nem alto nem baixo, cara risonha, sorriso engatilhado, correcto na sua sobrecasaca mal-feita, Freitas Branco perpassa por entre a multidão, incaracteristico e amanuensado, como deseja e tem conseguido passar nas lettras onde propositadamente, evitando publicidades e escamugindo-se aos editores, a sua prosa procura anonymar-se pela simplesa, calcando, vernacula e banal, por entre os meandros da grammatica, sem polychromias gritantes, sem contrastes fortes, sem arestas vivas, n'um ramerrão educadinho e asseado de phrases de espirito e fluxos de erudição de quem não arromba o Infinito nem vae a escalar a Immortalidade.

Na vida e nas lettras, no palco e em casa Freitas Branco é por natureza e por destino, por educação e por temperamento, um modesto, um bom, um erudito, um apaixonado: um homem de talento, um homem de caracter.

Modesto, a sua modestia apaga-se propositadamente na mesquinharia de versões que, nem por serem sempre limpas e probas, correctas e lusitanissimas deixam de ser inferiores e desproporcionadas ás suas faculdades de escriptor, á sua orientação de critico e á sua originalidade de artista.

N'um paiz em que todo o fiel patarata põe peças e cria dramas — n'uma desaforada proliferidade que transforma a dramaturgia em capoeira e metempsychosa a litteratura em poleiro de gallinaceos — elle, que é o unico que, technicamente, saberia fazer theatro, gallo capão da sua modestia, olha indifferente e compassivo o cacarejar dos que se desovam — não cria nem põe, limitando-se a chocar nos nossos palcos e a emplumar na nossa lingua, as gêmas do humorismo teutonico, faceto e honesto, esfusiante e simples que, como o *Papa Flores* e os *Doidos com juizo,* marcam epoca nos cartazes nacionaes.

Bom, a sua bondade revela-se no cunho caracteristico de toda a sua bagagem litteraria, na tendencia irresistivel do seu espirito p'ra retemperar no riso franco e bonacheirão, na gargalhada sonora e innocente, os nervos hy-

perexcitados e morbidos dos seus concidadãos, que, no theatro, antes de Freitas Branco, ou bocejavam de tedio na mazorrice sorumbatica dos gatos pingados que faziam cocegas, ou, bregeiravam de luxuria no pornographismo reles dos cerzidores de vontades que nos acenavam com o deboche.

Erudito, a sua erudição assombra, na segurança do seu criterio e na justeza do seu conselho, sempre que, em Espirito-Santo-d'orelha da relapsa ignorancia nacional, Freitas Branco se deixa folhear em palestras de theatro, nos intervallos de um espectaculo ou em cavacos de livraria, como um Diccionario Larousse aos domicilios, fallante e convincente, com notas intelligentes sobre uma litteratura ou ementas profissionaes sobre uma interpretação.

Com a Sopa-Economica, que, caridoso, elle distribue, em bodo, n'uma conversa de dez minutos, tem-se feito o menu de muitos annos dos mais apilarados restaurantes da critica jornalistica e dos mais afamados tascos da sciencia academica.

Apaixonado pelo theatro, a sua paixão manifesta-se, n'este facto comesinho e symptomatico, banal e concludente:—sendo pela intelligencia, pela educação, pelas affinidades do seu espirito e pelos laços do seu sangue, um homem destinado aos ocios da burocracia ou á inercia do goso dos rendimentos, podendo ser um director geral nocivo ou um burguez inutil, um

deputado palrante ou um esterlicado peralvilho, Freitas Branco é um homem de theatro, que vive no thetro e p'r'ó theatro, dando ao theatro todas as horas da sua existencia, todos os esforços do seu cerebro, todas as aspirações do seu espirito e todos os affectos do seu coração.

Obra subalterna?...

Talvez... Mas obra benefica e moralisadora, porque o nome de Freitas Branco n'um cartaz não promette só uma noite de galhofa — garante antecipadamente e com segurança um espectaculo p'r'ás nossas filhas, p'r'ás nossas irmãs, p'r'ás nossas companheiras, um espectaculo em que a gente ri e não cora, em que a gente folga e se desanuvia das tristezas pezadas da Vida, sem se enrodilhar nas espiraes tortuosas da Pouca-Vergonha...

Obra subalterna?...

Talvez... Mas que merece estas palavras descozidas e apressadas, sentidas e verdadeiras por banda de quem — quasi não conhecendo Freitas Branco ao escreve-las e amando-o, na tragica debandada dos seus intimos, como ao mais firme dos amigos, ao retocal-as — julga devel-as, em consciencia, ao talento e ao trabalho, á erudição e ao caracter d'um homem que abriu com as suas vulgarisações humoristicas da farça allemã, uma fonte nova á chalaça lusitana — a masturbar-se no erotismo chulo do Baptista Diniz — e que rasgou novos horisontes ao theatro portuguez a esbarrundar-se, té Frei-

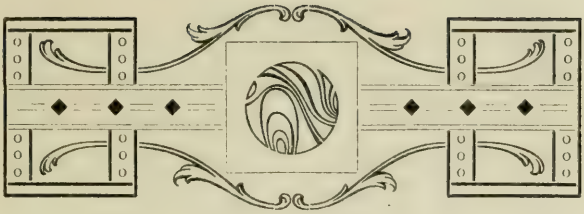
tas Branco, na funerea laracha dos semsaborões indigenas e no aviltante desbragamento dos aphrodisiacos boulevardeiros.

Obra subalterna?...

Pois está visto... porque, embora o seu nome ás vezes se espaneje em muitos cartazes e ande copiosamente assoalhado ahi pelas esquinas, não é uma celebridade nacional este Freitas Branco, cabotino virado do avesso, que, na vida e nas lettras, entre os seus livros, as suas musicas e os seus passaros é um modesto, um bom, um erudito e um apaixonado e que, no nosso meio theatral, no alfobre virente das gentes da scena, onde os vaidozos pullulam, os mariolas florescem, os ignorantes se penteiam e os alarves se governam, marca indelevelmente a sua individualidade, impõe briozamente a sua obra e destaca honradamente e sem muletas pelo seu valor.

1903-1909.

DR. EDUARDO ALVES DE SÁ



As glorias, as reputações do fôro, quasi tanto como as do palco, annos volvidos sobre a morte de quem á força de trabalho e á força de talento conseguiu erguel-as bem alto e bem nitidas, em manifestações soberanas de exteriorisação scenica ou de eloquencia juridica, afundam-se e esbatem-se, vão-se delindo e apagando, nimbando-se de halos de lenda, de refracções de miragem, que deformando-lhes os contornos, quebrando-lhes as arestas, bastas vezes desorientam os que apenas as conhecem de tradicção e sob palavra de honra, sendo rarissimas e quasi miraculosas as que conservam, atravez dos tempos, as proporções exactas, rigorosas e absolutas da verdade.

Por via de regra, a gloria do actor não chega a ir-lhe ao enterro e se, de longe em longe, ella lhe sobrevive e sobre a tumba lhe fica pairando, não é bem porque o comediante morto fosse astro de desabalada fulguração e descompassada grandeza, mas porque, os que na esteira lhe singram e por esses palcos ficam, de

tamaninos e luzi-cus, os vão engrandecendo, fazendo-os fulgurar por confronto, na saudade dos que tendo applaudido a quem Deus foi servido chamar á sua presença... aos que Deus ainda por cá guarda, deseja e aspira uma pessoa que o Diabo os carregue.

A gloria do homem do fôro, a reputação do advogado, gloria mais restricta, reputação mais limitada, porque não põe taboinhas como o do comico, nem como a do comico se radica na inconsciencia dos grandes publicos e das ingenuas multidões, essa, quando honesta e real, quando authentica e legitima, foge, nos grandes e serenos combates da justiça, do direito e da verdade, das consagrações tapajosas e cabotinicas dos escribas da imprensa e dos tribunaes: e d'ahí, exactamente por isso, a gloria do homem do fôro, do advogado, sepultada dia a dia nos limbos dos processos, logo á nascença esmagada nas formulas e na poeira do papel sellado, derrubado pela morte ou ferido pela doença o athleta que a conquistou, esvahe-se e fenece, como nuvem ligeira, como folha emmurchecida que o vento arrasta, que o vento dispersa.

Assim a gloria e a reputação do Doutor Eduardo Alves de Sá, se elle não a houvera alicerçado no granito solido dos seus commentarios escriptos, se elle a não houvera fundido nos bronzes impereciveis dos seus estudos de exegese e de interpretação das leis e sobretudo

se a catastrophe rapida e brutal que lhe fechou a existencia, n'um poema doloroso de infortunio e de amarguras, não houvera sagrado Alves de Sá como uma das caracterisadas victimas da Pulhocracia argentaria, triumphadora e omnipotente—a sua reputação que foi immensa e a sua gloria que não poderia ter sido maior, não passariam já'gora, poucos semestres corridos sobre a sua morte, d'uma recordação vaga dos que o conheceram, d'um preito saudoso dos que o respeitaram, d'uma lagrima amarissima dos que ainda hoje o amam.

*

* *

Mas a obra de Alves de Sá, como jurisconsulto, inovadora, iconoclasta, progressiva, vivificada pelo calor intenso das modernas correntes do Direito, illuminada pelas aspirações mais rasgadas e mais livres de emancipação e de progresso é, no soturno e sombrio casarão das nossas instituições juridicas, cheias de ratos de capello, minadas de pulguedo universitario, cobertas de teias d'aranha de estupidez e dogmatismo, como que uma larga e ampla janella ensolada por onde a luz entra e tudo vivifica em ondas creadoras de innovação, por onde o ar irrompe o tudo varre em turbilhões reformadores do progresso.

Artista que a toga não conseguira abafar,

Alves de Sá riscou com a caricia leve da Ironia scentelhas de Arte e de talento no granito mafrento e macisso da jurisprudencia nacional e paginas suas ha por esses cartorios e archivos que, frias e cadavericas na rigidez do papel sellado, espanejadas e aquecidas pela lettra redonda, farião a reputação e a gloria do mestre ourives que lhes houvera delineado e entertecido a nervosa e delicada tessitura de filigrana e de humorismo, raro egualada nas melhores laudas da graphia moderna portugueza em que Eça, morto mas sempre vivo Deus-Padre-Todo-Poderoso, tem vago o logar á mão direita, dês que Fialho emigrou p'ra Cuba e sonhando pariatos, entre vinhêdos e franquismos, ameaça vir a liquidar na manga d'alpaca de amanuense da Policia ou no capuz de frade regrante do Espirito... Santo.

Tendo-me, porém, um dia abraçado Alves de Sá, no seu escriptorio de S. Julião -- que p'ra mim, ao tempo recem-bacharel e recruta da advocancia, era a Cathedral da Jurisprudencia e da Advocacia — por eu haver confessado sinceramente, honradamente, que após cinco estereis e estirados annos de Universidade, o meu cerebro era, em coisas de lei, a tabua rasa, virgem e immaculada, em que nem sequer pousara a mosca varejeira da Sociologia do Calixto, nem um perdigoto cahira do Direito Patrio do Pedro Penedo ou da Pratica do Processo do Chaves e Castro, tendo-me um dia abraçado Alves de

Sá, por eu assim me declarar indemne ao gonococus da Sebenta e refractario, por completo, ás intoxicações dos codigos, regulamentos e portarias, não iria agora, camaradas, renunciar ao orgulho lustral d'esse abraço que me purificou da macula do bacharelato, não iria agora renegar da bemaventurada ignorancia que m'o conquistou, p'ra vos dizer, em termos technicos que não sei e com uma competencia que teria de pedir emprestada, o que ha de surprehendente e de magnifico, o que avulta e o que se impõe, como padrão d'uma intelligencia subtilissima e d'uma competencia profissional, na obra juridica de Alves de Sá que, nos grandes centros scientistas lá de fóra, era acatado como um dos maiores entre os que por esse mundo — e sem venia da Universidade — são considerados maximos e quasi infalliveis n'essa Arte malabar, que p'ra nós profanos se reduz e consiste em fazer por fás e por nefas do direito tôrto e do tôrto direito.

*

* *

Deixem, por isso, que de banda ponha toda a obra scientifica do Doutor Eduardo Alves de Sá, cuja analyse, de resto, não será facil topar em qualquer revista da especialidade, com o documentado e critico elogio ao seu *Commentario*

ao Codigo do Processo Civil Portuguez, ás *Questões usuaes de Direitto Civil e Direito Commercial*, á *Emphyteuse e o Usofructo*, ao *Supremo Tribunal de Justiça — evolução historica d'esta instituição*, ao *Portugal e Brazil (Questão Augusto de Castilho)*, aos *Direitos da Egreja e do Estado*, á *Bibliographia Juridica Portugalensis*, ás *Primeiras explicações do Codigo Commercial Portuguez de 1888*, ao *Codigo das leis de Hammurabi — rei da Babylonia*, aos seus *Elogios historicos dos Doutores Oliveira Valle, Tavares de Medeiros e Cerqueira de Faria* e á sua copiosa e polygrapha collaboração em revistas nacionaes e extrangeiras; com as datas culminantes da sua biographia, dês do nascimento em Lisboa a 2 de dezembro de 1849, a sua matricula na Universidade em 1866, a sua formatura em 1871, o seu doutoramento em 1872, a sua inscripção no Supremo Tribunal como advogado em 1875, o seu concurso a uma das cadeiras da Faculdade de Direito em 1874 e a sua morte a 2 de fevereiro de 1906; com a summula das suas intervenções juridicas nos processos celebres do Banco Lusitano, da firma Bensaude e da Malla Real e com a resenha dos seus titulos litterarios de Socio effectivo da Associação dos Advogados de Lisboa, correspondente da Academia Real das Scincias, do Instituto de Coimbra, do Instituto de Advogados do Brazil, da União Internacional do Di-

reito Penal e da Academia de Jurisprudencia e Legislação de Madrid.

E, em compensação, deixem que eu ponha na pedra outros traços da sua extranha e complexa individualidade e que sobre elles vos diga, camaradas, como foi intelligente, vivo, scintilante e azougado esse indefesso e incansavel trabalhador, que, mesmo repousando, trabalhava na sua Arte — ora ao violencello, como musico, ora no cavallete como pintor, com taes flexibilidades de execução na — musica — com taes colorações e polychromias de verdade — na pintura — que direis viver pela Arte e só p'r'á Arte, o Artista, que após as incruentas labutas da palavra e da penna, enfronhado em codigos e processos dezoito horas por dia, na Arte apenas buscava uns fugidios e ephemeros momentos de goso — quantas vezes, quantas! — roubados ao somno e á saude.

Um homem não é de aço e embora de aço fosse a nervatura de Alves de Sá, eu ainda não sei, creio que ninguem nunca o saberá, como o seu cerebro privilegiado resistiu a um trabalho diario de dezoito horas, hontem, hoje, ámanhã, semanas, mezes, annos a fio, sem ferias de repouso, sem treguas de descanço.

Não desgostaria de vêr aos varaes das dezoito horas do labor exgotante de Alves de Sá os ventrudos conservadores que no mac-adam ingreme das revindicações operarias acham excessivas e revolucionarias as reclamações inno-

centes e minimas dos *Trez-oitos* porque, Hercules jungido á canga profissional de Alves de Sá era, em menos d'um phosphoro, um hercules liquidado na Assistencia Nacional aos Tuberculosos...

Hercules não resistia e Alves de Sá resistiu a vida inteira.

Eu vi-o uma tarde, quasi ao lusco fusco, almoçar — *Espere p'ra dois dedos de cavaco... Eu agora vou ao almoço... Ninguem nos interromperá... Não entra mais ninguem... Vamos palestrar um bocado.*

E realmente não entrou mais ninguem...

Mas não sahiram os que estavam... E Alves de Sá, febril, todo azougue, guardanapo ao pescoço, inda a penna na dextra e já a chavena na sinistra, começou a sua refeição — dando ordens a um dos continuos sobre um processo que era preciso ir levar a um collega.

E como da banca dos secretarios uma pergunta saltasse sobre uma duvida de direito, Alves de Sá, em frente da sua refeição fria e que mal se distinguia já na *pêle-mêle* de resmas e resmas do papel sellado que pejavam a sua meza de trabalho, articulando a este uma petição, áquelle contestando aggravos, a um minutando embargos, a outro rubricando intimações, Alves de Sá foi almoçando, boccado agora, boccado logo, artigos p'r'aqui, paragraphos p'r'acolá, o Codigo do Processo, a Novissima Reforma, Accordãos, Regulamentos...

que era já noite cerrada, quando este extranho almoço terminou...

— *Vê?!... almocei, palestramos e agora vou trabalhar.*

Ao que tinha estado a fazer té então, chamava elle almoçar, descançar, palestrar...

E afinal, que amena, que scintillante, que captivadora palestra essa foi, apesar de tudo, polvilhada de dictos agudos, de phrases lapidares, de scintillantes ironias sobre o ultimo livro ou sobre o ultimo quadro, sobre o homem do dia ou sobre o caso da semana...

E se eram assim as suas horas de refeição, as suas horas de palestra, as suas horas de repouso, imaginem o que seriam as suas horas de trabalho, de concentração cerebral — horas de estudo e vigilia, horas de audiencia, horas de febre, em que elle mesmo chegava a dizer que sentia a cabeça ourar-se, que tinha vertigens, que não podia mais...

E um dia não poude...

*

* *

Os nervos gastos, o cerebro exhausto, as forças quebradas, os olhos — os mais agudos e radiantes olhos que tenho visto! — já mortiços e apagados, o corpo alquebrado, envelhecido, veiu apanhal-o, de chofre, brutal, sangrenta, dilacerante, estupida, a catastrophe...

A catastrophe...

E como foi de mercancias e traficancias o atoleiro em que Alves de Sá sossobrou, pagando com a Vida á Pulhocracia argentaria, omnipotente e triumphante, o que, com o suor do seu trabalho, pagara se vivesse aos seus credores implacaveis, deixem-me dizer-lhes em termos mercantis e de trafico que Alves de Sá de conta alheia semeou ventos e de conta propria colheu tempestades.

Foi isso que o empobreceu... foi isso que o matou.

Alves de Sá, na força da vida, na posse plena das suas faculdades, dominador e soberano nos tribunaes onde a sua argumentação vergava a espada da justiça e a sua sciencia torcia o fiel de todas as sentenças, Alves de Sá, advogado de todas as companhias, de todos os syndicatos, de todos os bancos, lidando no papel sellado com alluviões de libras, vendo cahir da torrente das suas palavras nos cofres dos seus clientes montanhas de ouro, Alves de Sá deixou-se fascinar, deixou-se attrahir.

Quiz enriquecer.

Enriqueceu honradamente, laboriosamente, no exercicio honesto e legitimo do trabalho incessante, lucrativo e bem remunerado da sua profissão.

Mas a riqueza reclama a riqueza, o dinheiro attrahe o dinheiro e quando Alves de Sá, rico pela sua profissão, seguro d'ella, certo que ella

não o atraiçoaria, p'ra consolidar o que tinha, p'ra fazer fructificar o que possuia, recorreu ao credito...

E o credito abriu-se-lhe, por todos os lados, de par em par, em todas as portas, amplo, incondicional, illimitado...

Que duvida?... Nos tribunaes a sua argumentação vergava a espada da justiça, a sua sciencia torcia o fiel de todas as sentenças...

O credito abriu-se-lhe, por todos os lados, de par em par, em todas as portas, amplo, incondicional, illimitado...

Recorreu ao credito...

Mas n'esse dia Alves de Sá foi colhido pela engrenagem fatal, implacavel da Pulhocracia argentaria, omnipotente e triumphante.

Ao outro dia a engrenagem esmagou-o, triturou-lhe os ossos, desfibrou-lhe os musculos, lacerou-lhe as carnes, espremeu-lhe o cerebro.

Como?

Simplesmente, placidamente, sem esforço, sem violencia, como a coisa mais natural d'este mundo, como quem bebe um copo de agua, como quem n'um motor delicado e possante levanta uma alavanca e fecha uma valvula.

A Pulhocracia argentaria, omnipotente e triumphante, franzio o olho, encolheu os hombros e retirou-lhe o credito.

Foi isso que o empobreceu, foi isso que o matou.

Retirou-lhe o credito a Pulhocracia...

E retirar o credito a quem tem dividas e não perdeu a vergonha, é mais que empobrecer — é matar.

Porque dês que a Vergonha não tem cotação na Bolsa nem depositos nos Bancos, um homem sem credito e com dividas, embora seja honesto, embora seja intelligente — embora, oh paradoxo! tenha de seu — é entre os homens de credito e sem vergonha, embora sejam ladrões, embora sejam estupidos — embora, oh santa intrujice! não tenham onde cahir mortos — um homem sem credito e com dividas é, entre os homens de credito e sem vergonha, com cotação na Bolsa e depositos nos Bancos — um homem morto.

Alves de Sá morreu.

A Pulhocracia argentaria, omnipotente e triumphante, a quem Alves de Sá com a sua argumentação nos tribunaes vergando a espada da justiça, com a sua sciencia torcendo o fiel de todas as sentenças, fizera ganhar alluviões de libras, montanhas d'oiro, a Pulhocracia argentaria, omnipotente e triumphante que tres dias antes fôra a Buenos-Ayres, ao confortavel e encatador ninho do sua existencia, arrancar Alves de Sá com um arresto, por dois beleguins, do seu leito de agonia, atirando-o p'r'á miseria antes de o levar p'r'á cova — a Pulhocracia argentaria não lhe foi ao enterro e, omnipotente, triumphante, ficou-se a mascar o seu triumpho e a sua omnipotencia, espojando-se no alluvião

de libras, retoiçando-se nas montanhas de ouro, prompta a abrir novos creditos e a retiral-os, a fazer novos arrestos, a peitar novos beleguins, a atirar p'r'á miseria antes de levar p'r'á cova novos agonisantes, novos moribundos que tendo perdido o credito e não tendo perdido a vergonha, morram como o Doutor Eduardo Alves de Sá, homem de talento e homem de trabalho, eminente na Jurisprudencia e na Arte eminente, —a 2 de fevereiro de 1906—morreu ás mãos da Pulhocracia argentaria, omnipotente e triumphante...

Pharol, Junho, 1909.

ALVES CORREIA

Tudo passa... tudo esquece...

Alves Correia... Alves Correia... tempos vermelhos do *Seculo*... dos *Debates*... da *Vangurda*... do *Paiz*... as lamas do Tejo... a outra metade... o *ultimatum*... o 20 de agosto... Ferreira d'Almeida... *Lições de Historia*... campanhas da policia... Pedroso de Lima... Nyassa... o Chico Russo!...

Como tudo passa, tudo esquece, como tudo se desfez, tudo se delio — horas de lucta e de combate, dias de mocidade e de alegria, que comtigo dormem, Alves Correia — oh meu amigo! — o somno da morte, o somno do esquecimento...

Alves Correia... Ainda estou a vêl-o, aos primeiros embates das nossas relações, após o 31 de Janeiro, eu quasi garoto elle jornalista feito, no seu frack puído e mal talhado de amanuense pobre, meãozito de corpo e grande de nervos, alma de luctador em encadernação de João-ninguem, olhos vivos, fallitas mansas, enchendo quartos, enchendo quartos, amontoando colum-

nas sobre columnas, montanhas de graneis sobre graneis, n'uma lufa-lufa de producção que lhe deixava, as mais das vezes, a prosa desalinhavada e informe, tosca e aspera, sem plasticidade e sem brilho, mas com tal vigor de logica, uma tal violencia de idêas, um tal arreganho de audacia, que, dirieis, camaradas, sabendo-o tarado p'r'á tuberculose, fugido ao cemiterio, de pés p'r'á cova, já mais morto que vivo, ser uma voz do tumulo, a sua voz clamando revolta, prégando a demolição — especie de trombeta do juizo final, roufenha e desafinada, que, n'uma chafranafra de notas cavas e surdas, n'uma barulheira de rebates soturnos e plangentes, punha os cabellos em pé, dava freimas e terrores, n'uma cega-rega de adverbios em *mente*, n'um sanfonar de periodos coxos e de syntaxes claudicantes...

E ainda estou a vel-o, annos depois, na nossa camaradagem do *Paiz*, já moribundo, já com frouxos de tosse, metalicos e fundos, o facies chupado e luzidio, bistres as olheiras, crestados os labios, os cabellos empastados em suores de febre, todo o seu desconjuntado cavername de magricella acolchoado n'uma pellissa, que Leão de Oliveira lhe deitara aos hombros n'um gesto largo de Mecenas-alfaiate e que foi o maior luxo da sua vida de fatos-feitos e cheviotes pelintras, ainda estou a vel-o, naquelle gabinete amplo das Duas-Egrejas, cada vez mais mirradito e mais destemido, verbo de apostolo

em cinco-reis de gente, tiritando de frio á sua banca, n'uma atmosphera de ananazes, densa e opaca, irrespiravel de nicotinas queimadas e correligionarios sujos — pontas de cigarro e de jacobinismo — em pleno julho alfacinha, o gaz acceso, janellas fechadas, encavallando cifras sobre cifras, alinhando algarismos atraz de algarismos, batalhões de numeros em cargas cerradas de desperdicios e latrocinios, de expoliações e manigancias — sudario pavoroso de um regimen em bancarrota, de que, volvidos annos, estaes a vêr a reedição facil e sem canceiras, com additamentos de occasião e sem direitos de auctor, n'estas campanhas famosas de confusões de erarios e adiantamentos de que pobre Alves Correia foi o iniciador na imprensa e de que outros, sem confessar onde foram decalcar o roteiro, no parlamento e nos comicios, ahi pelas tascas e chafaricas, como de mares nunca d'antes navegados se fizeram os Gamas, os Cabraes, os Barthomeus Dias e — de Diogo Cão — os grandes Cães...

Ainda estou a vel-o... poucos mezes antes do desfecho, já em Monsanto, depois em Caneças, luctando sempre, vencido já pela tysica traiçoeira, pela tysica implacavel, desfibrando-lhe, dia a dia, momento a momento, a pobre carcassa enfezada que todas as refregas e todas as privações haviam batido durante annos, n'um temporal desfeito de miserias, de vigilias, de canseiras e de calumnias, e, deixando-lhe ainda

—a tysica misericordiosa!—em tragicos apêgos ao mundo, illusões de melhoras, esperanças de cura, chimeras de saude, abrindo-lhe, entre hemoptises e colapsos, parenthesis de vigor, fogachos de vida, ardencias de juventude, que elle malbaratava, té ao final, em planos de jornalismo, projectos de vida, sonhos de victoria—agora, que, se a morte não viesse, o triumpho parecia certo e o seu nome estava feito e a fortuna—eterna cabra de cornos de ouro!—parecia disposta a marrar-lhe com as grandes tiragens, com as grandes circulações...

Alves Correia... Alves Correia—oh meu amigo!—como tudo vae longe e vae perdido, como tudo passou, tudo se desfez e tudo se delio, projectos de vida, planos de jornalismo, sonhos de victoria, que comtigo dormem—ha dez annos!—o somno da morte, o somno do esquecimento...

*

* *

Alves Correia era transmontano. Nascera em Villa Real a 20 de maio de 1861.

Era pobre. Era intelligente. Mordeu-lhe a tarantula do jornalismo. Fazendo da penna enchada, cavou na imprensa, com o suor do seu rosto, o pão quotodiano.

Era honesto. De uma honestidade chan, provinciana, sem espectaculosidade, sem refolhos; —e isso incompatibilisou-o, dês do inicio, com

o jornalismo monarchico, o unico que rende e que pinga e que dos fretes na Arcada leva ás evidencias de S. Bento, e d'ahi ao poder—com um correio a choutar á cauda—ou á burocracia—com uma manga de alpaca a esponjar cobres—a amanuense ou a conselheiro de Estado, mas, e, em qualquer dos casos, ao ripanso pingue d'um talher no orçamento e d'uma vida regalada, sem vergonha e sem callos,—á aspiração suprema de todo o portuguezinho valente, que, com callos não fura porque não vai a apertos e sem vergonha triumpha porque todo o mundo é seu.

Alves Correia, enchada ao hombro, como os seus conterraneos que vem por ahi abaixo, ás sachas e ás cavas da grande lavoira, penna na mão, veiu p'ra Lisboa rabiscar artigos, garatujar noticias, consumir tinta, esborratar papel com os casos do dia, com as questões de momento.

Com assiduidade escrevinhou no *Trinta* e em 1883 entrou p'r'ó *Seculo*.

Tenaz, audacioso, convicto, escrevendo sem brilho mas com facilidade, sem grammatica mas com energia, com convicção, com alma, escrevendo sempre, escrevendo sobre tudo, não emperrando na busca de um vocabulo e não voltando atraz p'ra arredondar uma phrase, ignorando por completo o que era pulir um periodo ou facetar na lapidagem de um diamante as arestas cortantes de um paragrapho, chamando

ás coisas pelo seu nome de baptismo. pão. pão, queijo, queijo. como ellas são e como ellas acontecem, mas não hesitando diante de um perigo, porque — quem sabe? — nos perigos estava o pão de cada dia e um pouco de conforto da stoica velhinha que era sua mãe — indo resoluto e corajoso p'ra todos os combates, porque — com certeza! — era dos combates que viria a Revolução e a revolução republicana foi sempre e té á morte o seu amor e o seu sonho, a sua idêa obsecante e a sua apaixonada aspiração, Alves Correia creou pelas suas qualidades de pamphletario e pelos seus defeitos de estylista, pelos seus erros de prosodia e pelas suas violencias de jacobino, um logar de destaque, um logar de evidencia, na imprensa popular, entre o grande publico republicano, que não olha á fórma e ama as ideas, que mal sabe lêr mas que sabe heroicamente sacrificar-se.

E quando o *Seculo*, em 88, reviravoltou p'r'á monarchia, Alves Correia, que nunca recuara, avançou p'r'ós *Debates*.

Ahi com as responsabilidades da direcção, com todos os encargos de uma empreza pobre, que não vae aos cofres da policia cobrir os *deficits* da typographia e não tem a valvula da chantage p'ra saldar os apertos da administração, Alves Correia, em lucta constante, em lucta sangrenta com as instituições, hoje querellado, ámanhã aggredido, sempre calumniado,

sempre perseguido, fez todas as campanhas do Ultimatum, do 11 de fevereiro e do 20 d'agosto, agitou a alma nacional em todos os estremeções de protesto, alentou-a em todas as arremetidas de desforra que, liquidando na madrugada ingenua e epica, romanesca e bella do 31 de janeiro, trouxeram a suppressão violenta dos *Debates* e logo a seguir, pozeram Alves Correia á frente da *Vanguarda*—talvez de todos os seus jornaes, o que elle mais amou e, de todos elles, com certeza e incontestavelmente, o que mais lhe deveu em trabalho, em dedicações, em amarguras, em sacrificios.

Marcam as paginas mais cutilantes da *Vanguarda* os combates mais audazes da audaciosa vida de combates que foi a cutilante vida de Alves Correia

Na *Vanguarda* se bateu elle, com a penna e á pistolla, com adjectivos e com murros, em sueltos e pugilatos, em artigos e duellos, com todos os adversarios da republica, com todos os sustentaculos das instituições: — do Arnoso ao Chico Russo, do Navarro ao Pedroso de Lima.

A sua campanha contra a policia foi um assombro de violencia e tenacidade e é hoje, na historia de todas as campanhas do jornalismo republicano, o padrão typico, legendario, sempre decalcacado e nunca excedido, sempre plagiado e nunca attingido, porque Alves Correia queimando n'ella todos os seus cartuchos

de polemista, deu-lhe o calor da sua alma, o sangue das suas veias, os ultimos farrapos da sua existencia e tendo d'ella sahido, triumphante — pela demissão do Commissario Pedroso de Lima — e esmocado — pelo cacete do Chico Russo — sahiu d'ella sem um salpico de lama a macular-lhe a alvura das suas intenções, sem uma nodoa de interesse a embaciar-lhe a legitimidade dos seus ataques—como quem atravessando a nado uma cloaca, toma pé na margem do triumpho, enxuto e secco, inodoro e limpo.

A *Vanguarda*, que começara penosamente, em simples folha de propaganda, assumiu as proporções vastas de um orgão da opinião publica.

Deixou de ser um jornal, e foi uma força.

... E foi então, que se deu esse caso estupendo de ingratidão e vilania: — quizeram transformar essa força em riqueza, bater pecunia com a causa, fazer da *Vanguarda*-jornal a *Vanguarda*-merciaria, e como Alves Correia era jornalista e se recusasse a enveredar em mercieiro, Alves Correia foi expulso, expoliado, corrido, escorraçado, apedrejado, coberto de esterco e de insultos pelos seus camaradas e pelos seus companheiros.

Outro teria succumbido.

O proprio Nazareno só deixou que o crucificassem no Calvario depois de Pedro o ter renegado e de Judas o ter vendido: — a morte ferio a sua alma de justo com a ingratidão dos

discipulos, antes do seu corpo de martyr ser trespassado pela lança dos phariseus.

Jesus succumbiu antes de subir ao Calvario; Alves Correia, mais resistente, não morreu ao sahir da *Vanguarda* e só cahiu, arrasado pela tysica, os pulmões desfeitos, n'uma derradeira golfada de sangue, após ter lançado o *Paiz*— o seu jornal de desforra, o seu jornal de triumpho, o jornal que, se a sua morte não viesse, o teria bafejado de felicidade, coberto de louros e de opulencia, deixando-o acariciar, emfim, pela Fortuna—a eterna cabra de cornos de ouro.

*

* *

Mas a morte veiu.

O *Paiz* sahiu-lhe das mãos, custosamente, dolorosamente, n'um drama ainda ignorado de angustias e falcatruas—que teriam sido a ultima desillusão de Alves Correia, se a tysica—misericordiosa!—té á ultima, em tragicos apêgos ao mundo, em esperanças de cura, chimeras de saude, não o fosse deixando malbaratar, entre hemoptises e colapsos, entre ardencias de juventude e projectos de vida, planos de jornalismo que o desforrariam com gloria, da mesquinharia vilan, reles, repugnante e baixa dos que, tendo-lhe ficado com o jornal, ao outro dia, nem uma palavra tiveram de despedida e nem sequer no jornal consentiram a reportagem do

banquete, com que, no *Avenida Palace*, alguns dos seus camaradas mais fieis, querendo illudir-se e tentando avigoral-o, n'uma triste festa, feita de cordealidade affectuosa e de presentimentos funebres, com o riso nos labios e já em crepes os corações, foram a esse alegre e tragico bota-fóra p'r'ó outro mundo do que fôra, cá n'esta vida, o mais audacioso e o mais violento, o mais honesto e mais calumniado, o mais digno e o mais desventurado dos jornalistas de combate.

Mas a morte veiu...

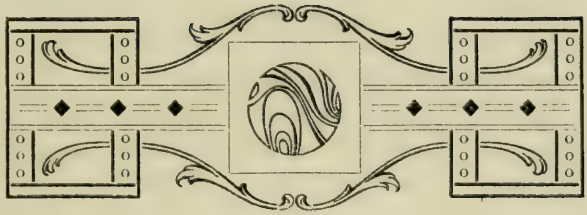
E assim morreu, com trinta e oito annos, incompletos, a 6 de janeiro de 1899 Antonio Narciso Rebello Alves Correia, jornalista republicano.

Ha dez annos!... Tudo esquece... tudo passa... tudo se desfez... tudo se delio...

Alves Correia... Alves Correia—oh meu amigo!—sob as quatro pedras toscas que a custo te ergueram no Alto de S. João tu dormes ha dez annos, o somno da morte... o somno do esquecimento... e comtigo dormem—ha dez annos!—Alves Correia, meu amigo, comtigo dormem, na minha saudade, as horas de lucta, dias da mocidade, dias alegres da nossa camaradagem, que passaram, se desfizeram e se deliram, no somno da morte... no somno do esquecimento.

Pharol, maio de 909.

LEÃO D'OLIVEIRA



Das poucas noticias más, novidades dolorosas, que, dada a minha insensibilidade e o meu isolamento, poderiam ainda, referindo-se ao partido republicano, apertar-me o coração, confranger-me o espirito, esfarrapar-me a alma, nenhuma tão inesperada, tão abrupta e tão crua como esta da morte do dr. Leão d'Oliveira, que hoje me chega, em periodicos velhos de quatro e cinco dias, a este socegado e levitico cantinho da velha Castella, a esta nobre, tranquilla e hospitaleira Salamanca, onde tudo que vem da Patria me chega esbatido, esfumado, quasi incomprehensivel — decretos do Destino que me roubam um amigo, portarias do José Luciano que anicham um afilhado, crises ministeriaes e revoluções por carambola, cartas penhorantes de desconhecidos e fraternos encouceamentos de camaradas.

Não percebo bem. Duvido dos meus sentidos: o coração recusa-se a crer aquillo de que o cerebro não pode duvidar.

Mas são factos... E' um facto...

Morreu o dr. Leão d'Oliveira.

A estas horas, carpido pela rethorica funebre do partido, posto ao sol todo o classico arsenal de soluços e affirmações, de lagrimas e banaboíces, descança, começa já apodrecer no Alto de S. João, um homem que, se como todos os homens eu sabia condemnado a morrer, como republicano, como politico, eu me convencera que teria de viver, que não poderia a Morte leval-o, emquanto não chegasse a hora do triumpho, a hora final do ajuste de contas e das tremendas liquidações.

E por isto: porque, dentro do partido republicano, o dr. Leão d'Oliveira não era um homem, uma figura, um typo, uma dessas mollas complicadas e ridiculas, simples e grandes, da engrenagem partidaria, que, gasta, partida hoje, ou se passa sem ella por dispensavel, ou se substitue e se manda fundir amanhã ao primeiro serralheiro da visinhança.

Leão de Oliveira, no seu quasi mysterio p'r'á provincia, que raro lhe topava o nome em debotches de publicidade, na sua lenda de economias e larguezas, de patronatos e methodismos p'r'á grande massa da capital — Leão d'Oliveira era uma instituição.

Instituição de beneficencia, caixa de reserva, sopa economica, agencia funebre, asylo de infancia desvalida, albergue de invalidos do trabalho, Nossa Senhora dos Apertos, advogado dos impossiveis, e, alem d'isto tudo — que era,

como vêem, de arrasar paciencia, saude, convicções e cabedaes ao mais pintado — era tambem, uma instituição constitucional: especie de conselho de Estado, experiente e honesto, prudente e conciliador, que, instinctivamente, sem dar por isso, dava conselhos e lições, acalmava arrebatamentos e espicaçava inercias, honrado, methodico, pratico, videiro, n'um partido de lunaticos, de idealistas e de farçantes, que ora andam nas nuvens a sonhar revoluções, ora descem cá p'ra baixo a planear indrominas, ribalderias, patuscadas, sem pés nem cabeça, sem senso e, as mais das vezes, sem vergonha.

*

* *

Claro que no partido d'uma idea, a morte d'um homem não é, não pode ser nunca, uma perda irreparavel. A idea permanece intangivel, eterna, e, por muito que esse homem n'ella se houvesse encarnado, a sua morte, por mais sentida, por mais inesperada, não atraza, nem avança, no relogio do tempo, uma hora sequer, a marcha fatal, irremediavel dos acontecimentos e dos factos.

A sua obra, como semente lançada uma vez á terra, enraiza-se, floresce, fructifica, embora a carcassa do semeador caia fulminada depois da germinação ou antes da colheita.

Mas o dr. Leão d'Olveira não foi um homem,

não foi um apostolo, um chefe, um semeador: no seu papel obscuro, secreto, cheio de sombra e de actividade, amando como poucos a puresa immaculada da Idea, elle despia-a de todos os seús romantismos, de todas as espiritualidades, e, embalando o sonho nas idealisações da chimera, traduzia-a na prosa chã da realidade, das necessidades caseiras e charras do dia a dia.

Não era bem um apostolo d'uma idea: — semelhava-se mais a uma mãe de familia.

Era elle quem cuidava da casa, da roupa, das materialidades da vida: — e de todas as obras emprehendidas, té á data, pelo partido republicano, eu não sei de nenhuma em que elle não tenha collaborado com o disvello, o carinho e o amor d'uma mãe, que, vendo sair o filho p'ra uma aventura, cheio de sonho e de poesia, lhe cuida do farnel e da malla, com recommendações e caricias, recheando-lhe o bolsinho e agasalhando-lhe as carnes: — Tem juizo e não molhes os pés. Sê valente, mas não faças temeridades.

E como todas as mães, como todas as donas de casa, tinha pequenas arrelias que assumiam as propoções enormes de desgostos mortaes: pequenas satisfações intimas, que chegavam a volvel-o louco de alegria: um subscriptor que se cançava de dar o tostãosinho p'r'ó *Cofre do Partido* parecia-lhe o fim do mundo; uma commissão que se organisava n'uma terreola

da provincia era como se a Republica andasse já aos pinchos pelo Rocio.

As massas populares de Lisboa, com a vivacidade gaiata do espirito alfacinha, chamavam-lhe a *Patrôa*.

E era-o, realmente.

Era a dôce, a vigilante, a infantigavel *ménagère* do partido republicano, cuidava-nos da casa, do *pot-au-feu*, passagens nas camisas, remendos nas pantalonas, pequenos nadas que eram tudo, enormes poemas de insignificancias, de ninharias de que dependeram todos os successos, que amorteceram todos os fiascos em que, por fás ou por nefas, tem evolucionado a causa republicana que — de cá de longe, d'áquem fronteiras — cada vez resalta mais clara, mais nitidamente, como a causa nacional, a causa da patria, a causa do renascimento!...

*

* *

N'um partido desorganisado, elle era a organisação, o methodo; n'um meio de impenitentes bardos romanticos, esgadelhados e lunaticos, elle era a prosa, a realidade e a vida.

Depois, rico e independente e generoso, antes de ter organisado o cofre do partido, era elle o cofre de todos os partidarios.

Cofre sempre aberto, escancarado, que eu não sei porque imprevisto milagre das Danaidas

não se esgotou aos sopapas repetidos da imprevidencia e do abuso.

Falta dinheiro?... Vae-se ao Leão...

E o Leão, risonho, bonhomico, chalrador, coçava o queixo, recommendava economia, juizo, magicava, media a conveniencia provavel p'r'á causa, e, esquecido do prejuizo seguro p'r'ó seu bolsinho, deixava-se ordenhar, docil, contente, na satisfação intima de ter aplanado um barranco, de ter vencido um obstaculo, de ter sanado uma difficuldade.

A ultima noite que lhe fallei, á porta do Suisso, estava elle — que era a prosa, que era a realidade — contando com a Republica p'ra d'ahi a 15 dias.

E, ao vel-o, a elle tão fino, tão sereno, habitualmente tão sceptico— enthusiasmado, quente, confiado, eu cheguei a crêr tambem na Republica p'ra d'ahi a 15 dias.

Já lá vão quatro mezes. A Republica não veio. Elle foi-se.

Foi-se e não volta. Não volta e faz falta: porque era bom, porque era forte, porque era sensato, porque era previdente, porque era talvez o unico pratico, sendo afinal, mais do que os outros, um romantico, um sonhador.

Levou trinta annos n'um sonho...

Quantos nos ficam capazes de sonhar trinta semanas, trinta dias, dando por esse sonho dinheiro, confortos, actividades, como elle, sem uma folga, sem um retrahimento, deu durante

trinta annos, dinheiro, confortos, a actividade e a vida?

.....

Por isso, das poucas noticias más, novidades dolorosas, que, dada a minha insensibilidade e o meu insolamento, poderiam ainda, referindo-se ao partido republicano, apertar-me o coração, confranger-me o espirito, esfarrapar-me a alma, nenhuma tão inesperada, tão abrupta e tão crua, como esta da morte do dr. Leão d'Oliveira, que hoje me chega, em periodicos velhos de quatro e cinco dias, a este socegado e levitico cantinho da velha Castella, a esta nobre, tranquilla, e hospitaleira Salamanca, onde tudo o que vem da Patria me chega esbatido, esfumado, quasi incomprehensivel: — cartas penhorantes de desconhecidos, fraternos escouceamentos de camaradas, crises ministeriaes e revoluções por carambola, portarias do José Luciano que anicham um afilhado e decretos do Destino que me roubam um amigo...

Paiz, Junho 1898.

INDICE

Manuel d'Arriaga 11
Antonio José d'Almeida. 35
Dr. Azevedo e Silva 61
Bazilio Telles 81
Magalhães Lima. 101
Quim Martins 123
Antonio Augusto Gonçalves 145
João José de Freitas 161
Dr. Santos Farinha. 179
João de Freitas Branco. 205
Dr. Eduardo Alves de Sá. 219
Alves Correia 237
Leão d'Oliveira 251

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
DPB
00 36391

835-317

ULTIMAS NOVIDADE

A Evolução do Direito, por *Rudolf von Jhering*, 1 vol. de 386 pag. .....

A Riqueza e a Felicidade, por *Adolphe Coste* .....

A Velha e a Nova Fé, por *D.-F. Strauss* .....

Mil e um segredos de officina, por *Marcel Bourdais*..

Como obter ideias lucidas e clareza de Espirito? por *G. Vogt*.....

Compendio Pratico de Escripturação e Contabilidade Commercial, por *Joaquim José de Sequeira*.....

A Lucta pelo Direito, por *Rudolf von Jhering* .....

Manual do perfeito Escroc, por *Ch. Fleurigand*, 1 vol. de 230 pag. com capa-chromo.....

O Brazil no seculo XX, por *P. Denis*, 1 vol. de 408 pag.

O Livro da Morte—(No Hospital—No Amphitheatro—Na Morgue—No Cemiterio), por *E. Ganche* ..

A Acção Sindicalista, por *Victor Griffuelhes*.....

Sindicalismo e Socialismo, por *H. Lagardelle* e outros 200 »

O Amor na Turquia, por *Jane de la Vaudère*..... 500 »

O Contracto do Trabalho, por *Adolpho Lima*..... 1$000 »

Poesias de Gœthe, por *Eug. de Castro*, 1 vol. de 102 pag. 600 »

Como cahem as mulheres—(Antologia do amor) Trechos dos mais notaveis auctores europeus..... 600 »

Para abrir caminho na vida—Meios e qualidades que permittem alcançar exito e fortuna, por *S. Roudès* 500 »

Como se faz fortuna—(Mentalidade e methodo dos que enriquecem), por *Silvain Roudès* ..... 500 »

Os quatro reis impostores—Romance da historia, por *Marcellino Mesquita* (perto de 600 paginas)... 1$000 »

Como acabará o mundo? por *Camillo Flammarion*... 400 »

O Homem—Album de anatomia com cinco chromos sobrepostos e texto em portuguez, pelo *Dr. Ardisson Ferreira* ..... 1$000 »

A Mãe, por *Maximo Gorki*..... 500 »

Quem é o Rei de Portugal, por *Carlos Malheiro Dias*. 1$000 »

O que serão os homens do anno 3000, por *G. Guilton* 500 »

Jiu-Jitsu—Methodo de preparação e lucta, por *H. Irving Hancock*, obra illustrada com 19 photog.. 600 »

O Meu Sistema, por *J. P. Müller*, traducção de *Ardisson Ferreira*, com grav. Broc. 400 réis; enc.. 600 »

A Orgia Romana, por *Bagneaux de Villeneuve*..... 500 »

A Psychologia do Amor, por *Gaston Danville*..... 300 »

Historia de um beijo, por *M. Peres Escrich*..... 200 »

OS BONS AUCTORES:

Uma Confissão, por *Maxino Gorki*, 1 vol de 322 pag. 400 »

Terra Virgem, por *G. d'Annunzio*, 1 vol. de 224 pag.. 400 »

Ultimas Palavras, por *Léon Tolstoi*, 1 vol. de 268 pag. 400 »

O Espião, por *Maximo Gorki*, 1 vol. de 350 pag.... 400 »

BIBLIOTHECA DE PHILOSOPHIA SCIENTIFICA

A Historia da Terra, por *L. Launay*..... 500 réis

A Vida do Direito—(Inutilidade das leis), por *J. Cruet*. 500 »

A Luta Universal, por *Felix le Dantec*..... 500 »

A Alma e o Corpo, por *Alfred Binet*..... 500 »

A Sciencia Moderna, por *Émile Picard* ..... 500 »

A Vida e a Morte, por *A. Dastre*..... 500 »

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 13 08 07 022 0